

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ANDRÉ LUÍS DA ROSA



UM NOVO TEMPO? O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL

ANDRÉ LUÍS DA ROSA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 25/09/2017.



UM NOVO TEMPO? O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL

Faculdade Unida de Vitória

Trabalho final de Mestrado profissional para
obtenção de grau de Mestre em Ciências das
Religiões Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-graduação em Ciências das
Religiões
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. David Mesquiati de Oliveira

Vitória - ES
2017

Rosa, André Luís da

Um novo tempo? / O diálogo católico-pentecostal no Brasil / André Luís da Rosa. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.
x, 157 f. ; 31 cm.

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória-ES.

2017.

Referências bibliográficas: f. 103-116

Anexo: f. 117-121

Apêndice: f. 122-157

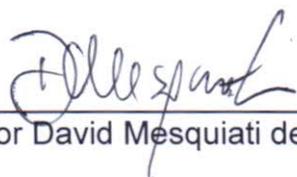
1. Ciências das religiões. 2. Religião e esfera pública. 3. Ecumenismo. 4. Catolicismo. 5. Pentecostalismo. 6. Diálogo. - Tese. I. André Luís da Rosa. II. Faculdade Unida de Vitória, 2017. III. Título.

ANDRÉ LUÍS DA ROSA

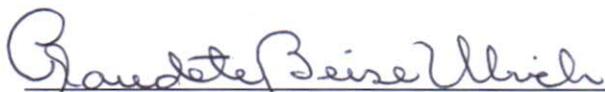
UM NOVO TEMPO? O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL

PPGCR

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.



Doutor David Mesquiati de Oliveira – UNIDA (presidente)



Doutora Claudete Beise Ulrich – UNIDA



Doutor Gedeon Freire de Alencar – FTBSP



Aos católicos e pentecostais que acreditam que um novo relacionamento é possível.



Minha gratidão:

Ao Deus Trindade, modelo de unidade na diversidade.

Aos meus pais, Valdir da Rosa e Marilene Silvano da Rosa, que me ajudaram a proporcionar esta oportunidade.

E a todos que colaboraram com o desenvolvimento desta pesquisa: o meu orientador, David Mesquiati de Oliveira, modelo de pesquisador; os entrevistados, por todos os diálogos; os amigos, por toda a motivação e ajuda; e os avaliadores.



Entre as pessoas que perseguiram os pentecostais também houve católicos: eu sou o pastor dos católicos e peço perdão por aqueles irmãos e irmãs católicos que não compreenderam e foram tentados pelo diabo.

(Papa Francisco)

RESUMO

Esta dissertação busca compreender como o diálogo católico-pentecostal tem se estabelecido no Brasil. Este é um tema que ainda é pouco pesquisado, pois apenas em 2007 iniciou-se, no país, um processo mais intencional de diálogo, mas que ainda é pouco representativo e divulgado. Assim, recorreu-se ao material encontrado sobre o tema no Brasil e realizou-se entrevistas com os membros do ENCRISTUS (*Encontro de Cristãos em Busca da Unidade e da Santidade*) para compreender esta que é a principal iniciativa de diálogo entre católicos e pentecostais no país. No primeiro capítulo, tratou-se, de modo geral, sobre a relação entre católicos e pentecostais na realidade brasileira, passando pela configuração atual destas duas tradições, os principais preconceitos entre elas e as dificuldades de se estabelecer uma relação ecumênica. No segundo capítulo, conceituou-se a teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas e a noção de dialogicidade de Paulo Freire, que serviram como referencial para a compreensão de diálogo adotada nesta pesquisa. Também abordou-se acerca das principais relações entre o catolicismo e o pentecostalismo com o movimento ecumênico. E, no terceiro capítulo, analisou-se o movimento ENCRISTUS. Ele possui como inspiração o ecumenismo promovido pelo movimento carismático católico em sua origem nos EUA e seu objetivo é promover o denominado ecumenismo espiritual. Todavia, somente participam dele um pequeno grupo de católicos oriundos da Renovação Carismática Católica e alguns membros de pequenas denominações pentecostais. A pesquisa apontou que este movimento não se constituiu em um diálogo institucional entre católicos e pentecostais, mas apenas em encontros fraternos de oração nos moldes pentecostais-carismáticos.

Palavras-chave: Ecumenismo. Catolicismo. Pentecostalismo. Diálogo.

ABSTRACT

This dissertation seeks to understand how Catholic-Pentecostal dialogue has been established in Brazil. This is a topic that is still under-researched, because only in 2007 a process of dialogue began in the country, but it is still remotely representative and publicized. Therefore, it was resorted to the material found on the subject in Brazil and interviews were conducted with members of ENCRISTUS to understand this main initiative of dialogue between Catholics and Pentecostals in the country. In the first chapter, it was approached, in general, about the relationship between Catholics and Pentecostals in Brazilian reality, passing through the current configuration of these two traditions, the main prejudices between them and the difficulties of establishing an ecumenical relationship. In the second chapter, the theory of communicative action by Jürgen Habermas and the notion of dialogue of Paulo Freire were conceptualized, which served as reference for the understanding of the dialogue adopted in this research. Also, it was discussed about the main relations between Catholicism and Pentecostalism with the ecumenical movement. And, in the third chapter, the ENCRISTUS movement was analyzed. It has as inspiration the ecumenism promoted by the Catholic charismatic movement in its origin in the USA and its objective is to promote so-called spiritual ecumenism. However, only a small group of Catholics from the Catholic Charismatic Renewal and some members of small Pentecostal denominations participate. The research pointed out that this movement did not constitute an institutional dialogue between Catholics and Pentecostals, but only in fraternal encounters of prayer in the pentecostal-charismatic molds.

Keywords: Ecumenism. Catholicism. Pentecostalism. Dialogue.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 CATÓLICOS E PENTECOSTAIS: UMA HISTÓRIA DE PRECONCEITOS	13
1.1 Catolicismo e pentecostalismo no Brasil	13
1.1.1 Os catolicismos no Brasil	14
1.1.2 Os pentecostalismos no Brasil.....	19
1.2 Os principais preconceitos entre católicos e pentecostais	22
1.2.1 “Pentecosfobia”: os preconceitos católicos	23
1.2.2 “A besta do apocalipse”: os preconceitos pentecostais	27
1.3 A Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal e o contexto brasileiro	30
2 DIÁLOGO, ECUMENISMO, CATOLICISMO E PENTECOSTALISMO	41
2.1 O diálogo a partir de Jürgen Habermas e Paulo Freire.....	41
2.1.1 A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas.....	42
2.1.2 A dialogicidade em Paulo Freire	47
2.2 Ecumenismo, catolicismo e pentecostalismo	54
2.2.1 O catolicismo e o ecumenismo.....	55
2.2.2 O pentecostalismo e o ecumenismo	62
3 O DIÁLOGO ENTRE CATÓLICOS E PENTECOSTAIS NO BRASIL	70
3.1 As iniciativas de diálogo católico-pentecostal no Brasil.....	71
3.1.1 A Renovação Carismática Católica e o ecumenismo	71
3.1.2 ENCRISTUS: o movimento de diálogo católico-pentecostal no Brasil.....	76
3.2 O diálogo católico-pentecostal no Brasil: entre desafios e possibilidades	81
3.2.1 O perfil dos envolvidos no diálogo	81
3.2.2 O modelo de diálogo ecumênico do ENCRISTUS	87
3.2.3 O diálogo no ENCRISTUS: conquistas e perspectivas de futuro	91
CONCLUSÃO.....	98
REFERÊNCIAS.....	102
ANEXO A – Imagens de convites e encontros do ENCRISTUS.....	117
APÊNDICE A – Modelo do questionário sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil	122
APÊNDICE B – Respostas do questionário	124

INTRODUÇÃO

Muito se tem pesquisado sobre o fenômeno do pentecostalismo no Brasil, devido a sua inquestionável relevância no quadro religioso nacional. Dentre as suas diversas perspectivas de análise, quando se investiga a relação entre o pentecostalismo e o catolicismo, a ênfase recai apenas no que diz respeito à disputa entre estes dois grupos. Recentemente, novas perspectivas começaram a abrir-se neste horizonte de reflexão. Na área da teologia tem-se buscado encontrar os pontos em comum que podem possibilitar o diálogo entre o catolicismo e o pentecostalismo. Nas ciências das religiões, a atenção recai sobre a análise crítica das recentes organizações de eventos ecumênicos que reúnem católicos e pentecostais. Todavia, os estudos sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil são ainda muito dispersos. Os encontramos apenas em artigos, capítulos de livros e pequenos comentários dentro de obras sobre ecumenismo. Os principais nomes brasileiros que têm pesquisado e publicado sobre o assunto são o cientista da religião Gedeon Freire de Alencar e o teólogo padre Marcial Maçaneiro, mas ainda não há uma obra sistemática sobre a questão.

Meu¹ interesse por esta temática está ligado diretamente à questões existenciais, e é resultado de indagações que trago em mim desde a infância. Sou de berço católico tradicional, mas nasci na cidade de Camboriú, que é de maioria evangélica, famosa internacionalmente por sediar um dos maiores eventos pentecostais do Brasil, o *Congresso Gideões Missionários da Última Hora*². Uma das famílias vizinhas de muro com a minha casa era pentecostal da Assembleia de Deus e lembro dos cultos domésticos que eles realizavam. Meus pais mantinham uma excelente relação com esta família, mas, ao mesmo tempo, me ensinavam que a igreja que eles participavam era apenas uma seita, Igreja era somente a nossa, pois foi a única fundada por Jesus. Então, desde criança me chamava a atenção o fato da maioria da cidade ser pentecostal e a Igreja Católica não possuir nenhuma relação com eles. Lá, recordo, me questionei pela primeira vez: por que só a minha igreja é de Deus, se a fé deles em Jesus parece ser tão intensa?

¹ Durante meu relato pessoal sobre a motivação para realizar esta pesquisa utilizarei a primeira pessoa do singular.

² Os Gideões Missionários da Última Hora nasceram no final da década de 70, organizados pelo pastor Cesino Bernardino, a partir de um projeto missionário da Assembleia de Deus de Camboriú, SC. Segundo José Ozean Gomes, o evento surgiu com a ideia da necessidade de evangelização dos povos não alcançados pela mensagem pentecostal, e possui o objetivo de coletar recursos para o envio de missionários, além de possibilitar projetos sociais. Cf. GOMES, José Ozean. Turismo e Religião: o caso do Gideões Missionários da Última Hora. In: OLIVEIRA, David Mesquiati (Org.). *Pentecostalismos em diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 148.

Aos doze anos, minha família mudou-se para uma cidade do sul de Santa Catarina, e novamente fui inserido em um ambiente evangélico pentecostal. Desta vez, tive uma relação direta com eles, pois minha sala de aula era de maioria evangélica. Consequentemente, meu círculo de amizades constituiu-se somente por evangélicos, a maioria da Assembleia de Deus. Recordo-me que algumas vezes, no final da aula, algumas meninas cantavam hinos evangélicos, e eu achava bonita a manifestação de fé delas. Lá aprendi que podíamos nos dar muito bem, mesmo com nossas diferenças. Lá entendi que posso aprender com quem não é de meu grupo, pois admirava muitos aspectos da vida daqueles colegas.

Aos quatorze anos, ingressei em um seminário católico, onde tive contato com a espiritualidade da Renovação Carismática Católica, mas nunca participei de sua estrutura como movimento eclesial. A partir daí, comecei a ouvir músicas e pregações pentecostais, pois não percebia diferença significativa entre as pentecostais e as da RCC. Em meu TCC (*Trabalho de Conclusão de Curso*) da faculdade de Filosofia, pesquisando sobre a RCC, tive contato com sua história ecumênica em relação aos pentecostais, desconhecida pela maioria dos carismáticos católicos. Em 2015, passei por um momento de transformação ao ingressar em uma faculdade de Teologia, por ter tido contato pela primeira vez com a teologia ecumênica. Ali eu comecei a encontrar fundamentos para as minhas convicções. Porém, ali também deparei-me com um outro desafio. Comecei a participar do Núcleo de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso da faculdade e percebi que entre eles havia preconceito para com os pentecostais, logo aqueles que eu gostaria de estabelecer um diálogo mais profundo. Neste momento, iniciou meu desejo por pesquisar a questão do diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil.

Dentro desta temática, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como tem se estabelecido o diálogo católico-pentecostal no Brasil. O título da dissertação está em forma interrogativa, por meio da pergunta: *um novo tempo?* Seguida do subtítulo a qual se refere a questão: *o diálogo católico-pentecostal no Brasil*, pois a partir dessa pesquisa tentar-se-á perceber se o modelo de diálogo que está se estabelecendo entre católicos e pentecostais representa uma nova página na história de divisões dessas duas tradições, como os membros do movimento ENCRISTUS (Encontro de Cristãos em Busca da Unidade e da Santidade) tem afirmado de forma entusiástica.

Para tanto, o primeiro capítulo desta pesquisa possui como objetivo apresentar algumas questões fundamentais para a compreensão do diálogo católico-pentecostal no Brasil. Primeiramente, busca-se compreender como se configura atualmente o catolicismo e o pentecostalismo no Brasil, alvos desta pesquisa, pois são os sujeitos deste diálogo. No

segundo momento, apresentam-se os principais preconceitos presentes no catolicismo e no pentecostalismo, pontuando algumas das intolerâncias existentes entre eles. Por fim, faz-se uma análise da Comissão de Diálogo Católico-Pentecostal do Vaticano em relação à realidade brasileira. A metodologia utilizada neste capítulo será estritamente bibliográfica³.

O segundo capítulo objetiva, num primeiro momento, refletir sobre a noção de diálogo. Para isso, apresenta-se sinteticamente a teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas e a noção de dialogicidade de Paulo Freire, com o intuito de ser um referencial teórico nesta pesquisa. Estes conceitos não estão ligados diretamente ao estudo da religião, mas serão aqui utilizados como ideias norteadoras para avaliar e compreender o diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil. Na segunda parte, será apresentada em linhas gerais a relação entre o catolicismo e o pentecostalismo com o Movimento Ecumênico, para no próximo capítulo analisar o modelo de ecumenismo que está se formando entre católicos e pentecostais no Brasil. Para apresentar o ecumenismo católico, utilizaremos principalmente a produção de Elias Wolff, seu principal pesquisador, além de documentos oficiais da Igreja Católica. Quanto ao ecumenismo pentecostal, nos serviremos da recente produção acadêmica de pentecostais sobre o assunto no Brasil e na América Latina, especialmente nas obras da Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais (RELEP) e do Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLyC).

Por fim, no terceiro capítulo, tem-se por objetivo expor algumas das iniciativas de diálogo entre católicos e pentecostais presentes no Brasil. O foco esteve nas iniciativas de encontro que geraram o movimento ENCRISTUS (Encontro de Cristãos em Busca da Unidade e da Santidade), que reúne lideranças de comunidades carismáticas católicas, da Renovação Carismática Católica e de igrejas e ministérios pentecostais independentes. Esse movimento possui como objetivo unir as expressões cristãs que vivenciam em suas comunidades a experiência do batismo no Espírito Santo para orarem juntos. Na segunda parte do capítulo, se analisará essas iniciativas à luz da teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas e da noção de dialogicidade de Paulo Freire. Para tanto, esta parte da pesquisa será

³ *Pesquisa bibliográfica* é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de *informação escrita* orientada pelo objetivo explícito de coletar materiais mais genéricos ou mais específicos a respeito de um tema. Cf. LIMA, Manolita Correia. *Monografia: a engenharia da produção acadêmica*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. p. 48.

realizada, principalmente por meio de entrevistas⁴ para realizar uma análise de conteúdo das respostas a partir dos referenciais teóricos acima citados.



⁴ *Entrevista* não é uma simples conversa. É conversa orientada para um objetivo definido: recolher, por meio do interrogatório do informante, dados para a pesquisa. Cf. CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. p. 46.

1 CATÓLICOS E PENTECOSTAIS: UMA HISTÓRIA DE PRECONCEITOS

A Igreja Católica chama-as de seitas com toda a conotação pejorativa que esta palavra tem, e os pentecostais se referem à Católica como a prostituta apocalíptica.⁵
(Gedeon Freire de Alencar)

Todo brasileiro, religioso ou estudioso do fenômeno religioso, sabe, ao menos de modo geral, que católicos e pentecostais são grandes rivais no Brasil. A Igreja Católica, com os protestantes históricos, ortodoxos e outras religiões, possui algum diálogo e até ações sociais comuns (por exemplo: Campanha da Fraternidade Ecumênica), mas, com os pentecostais ainda não. A disputa entre estes dois grupos já se tornou clássica: a internet está recheada de vídeos, imagens, blogs, sites de caráter apologético; os púlpitos acolhem muitas pregações sobre seitas e heresias, prevenindo os fiéis dos inimigos, onde a interpretação bíblica é aplicada contra as outras Igrejas (como se a Bíblia já houvesse sido escrita tendo em mente estas denominações e formas eclesiais); as famílias estão fartas de testemunhos traumáticos de conversões, geradores de conflitos; as comunidades eclesiais estão marcadas por mágoas, geralmente: as católicas pela perda de seus fiéis e as pentecostais pela perseguição e pelas críticas recebidas.

Nesse sentido, o primeiro capítulo apresenta algumas questões fundamentais para a compreensão do diálogo católico-pentecostal no Brasil. Primeiramente, busca-se compreender como se configura atualmente o catolicismo e o pentecostalismo no Brasil, alvos desta pesquisa, pois são os sujeitos deste diálogo. No segundo momento, apresenta-se os principais preconceitos presentes no catolicismo e no pentecostalismo, pontuando algumas das intolerâncias existentes entre eles. Por fim, faz-se uma análise da Comissão de Diálogo Católico-Pentecostal do Vaticano em relação à realidade brasileira.

1.1 Catolicismo e pentecostalismo no Brasil

Não é a intenção desta pesquisa fazer um levantamento histórico do catolicismo e do pentecostalismo no Brasil. Para alcançar-se o objetivo de compreender o diálogo entre estas duas expressões do cristianismo, basta um olhar sobre como os mesmos configuram-se atualmente no contexto brasileiro. Constatando assim, a primeira complexidade para o diálogo entre ambos: a pluralidade; que nestes casos parece ilimitada, a ponto de quando ouvir-se falar

⁵ ALENCAR, Gedeon Freire de. Pentecostalismos e ecumenismos: Deus e o diabo se (des)entendendo na terra do sol. *Caminhos*. Goiânia: PUC, vol. 12, n. 1, p. 220-239, jan./jul., 2014. p. 225.

de um diálogo católico-pentecostal, poder questionar-se: qual pentecostalismo está dialogando com qual catolicismo? A Igreja católica difunde a ideia de ser uma, mas as ciências sociais constataam diversos catolicismos, por vezes até rivais entre si. O pentecostalismo apresenta-se como um grupo multidenominacional, mas as ciências sociais evidenciam que apesar de serem diferentes pentecostalismos, eles mantêm diversas continuidades em suas teologias e práticas pastorais. Assim, constata-se que a diversidade em ambos se dá de forma diferente: o catolicismo trata-se de uma instituição dividida em diversas espiritualidades, e o pentecostalismo de uma espiritualidade dividida em diversas instituições.

1.1.1 Os catolicismos no Brasil

O catolicismo romano é ainda preponderante, mas perde a cada década sua centralidade, configurando-se como a “religião da maioria dos brasileiros”, e não mais a “religião dos brasileiros”.⁶ Para Antônio Flávio Pierucci, o catolicismo em declínio indisfarçável é o traço mais forte e determinante a marcar o panorama atual do campo religioso brasileiro.⁷ Mas foi sobretudo a partir dos anos 80 que a porcentagem de católicos foi declinando cada vez mais: 90% em 1980, 83,3% em 1991, 73,8% em 2000⁸ e 64,6% em 2010,⁹ ou seja, atualmente 123.280.172 de declarantes católicos.¹⁰ Destaca-se que em 2010, segundo Marcelo Camurça, pela primeira vez, a queda católica se deu de forma absoluta, ou seja, a população do país cresceu 12,3% e o número de católicos diminuiu 1,4%, assim, em 2000 os católicos eram 124,9 milhões numa população de 170 milhões e em 2010 passam a ser 123,2 milhões numa população de 190, 7 milhões.¹¹

Porém, para além dos dados do Censo, ao analisar a Igreja Católica no Brasil, as recentes pesquisas possuem um dado em comum: é impossível falar de um tipo ideal de catolicismo. Ele apresenta-se, segundo Carlos Rodrigues Brandão, como uma religião que atinge atualmente os “limites quase extremos de pluripossibilidades de pertença e de

⁶ Cf. TEIXEIRA, Faustino. O censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboços de apresentação. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 23.

⁷ Cf. PIERUCCI, Antônio Flávio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do Censo de 2010. In: TEIXEIRA, 2013, p. 50.

⁸ TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP*. São Paulo: USP, n. 67, p. 14-23, set./nov., 2005. p. 15.

⁹ Os dados completos do IBGE podem ser conferidos em: IBGE. *Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

¹⁰ Cf. TEIXEIRA, 2013, p. 24.

¹¹ Cf. CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, 2013, p. 71.

multialternativas de vivência individual”.¹² Todavia, esta pluralidade é abrigada sobre um desejo de universalidade hegemônica da instituição católica, como se depreende da clássica análise do filósofo Antônio Gramsci:

cada religião, mesmo a católica (ou melhor, especialmente a católica, primeiramente pelos seus esforços em permanecer unitária “superficialmente” para não se despedaçar em igrejas nacionais e em estratificações sociais) é na realidade uma multiplicidade de religiões distintas e muitas vezes contraditórias: há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo dos pequenos burgueses e operários da cidade, um catolicismo de mulheres e um catolicismo de intelectuais, também ele variegado e desconexo.¹³

Gramsci é um filósofo italiano, mas sua análise aplica-se perfeitamente ao Brasil, pois, para Cecília Loreto Mariz, a queda na proporção de católicos parece estar sendo acompanhada por um relativo reavivamento religioso, e mais ainda, por uma intensificação da diversidade na experiência do ser católico.¹⁴ Esta diversidade no interior da Igreja Católica não é captada pelo Censo, pois este questiona a confissão religiosa: “qual a sua religião?”, mas não faz a pergunta: “como você vive a sua religião?”. No caso do catolicismo, para Brandão, tão importante quanto a pergunta: “você é católico?” é a pergunta: “e como você vive o seu ser católico?”,¹⁵ pois, conforme ele, “mais do que qualquer outra alternativa cristã de fé pessoal, culto de crença e prática de vida, o catolicismo de hoje abre-se a todas as alternativas”.¹⁶ Podendo-se sintetizar esta ideia com a imagem da socióloga Brenda Carranza, de a Igreja Católica como “um imenso guarda-chuva sob o qual alberga-se uma imensa diversidade de expressões religiosas”.¹⁷

Por isso, para compreender a atual identidade da Igreja Católica romana no Brasil, não se pode perder de vista o fato de que: “o desejo de catolicidade permanece, mas se confronta sempre mais com uma ampla variedade de modos de sentir e de ser católicos na sociedade contemporânea”.¹⁸ Deste modo, apresentam-se aqui os principais modos de ser católico no Brasil na atual configuração da Igreja Católica.

¹² BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Catolicismo. Catolicismos?. In: TEIXEIRA, 2013, p. 97.

¹³ GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 114.

¹⁴ Cf. MARIZ, Cecília Loreto. Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e ruptura*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 53.

¹⁵ Cf. BRANDÃO, 2013, p. 91.

¹⁶ BRANDÃO, 2013, p. 97.

¹⁷ CARRANZA, Brenda. Catolicismo midiático. In: TEIXEIRA, 2011, p. 74.

¹⁸ PACE, Vincenzo. Habemus Papat: Jorge Mário Bergoglio frente a crise sistêmica da Igreja una, santa, católica e romana. *Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo: UEMESP, v. 27, n. 2, p. 141-158, jul/dez, 2013. p. 147.

Como predominou e ainda predomina no país, o *catolicismo popular*¹⁹ é sua principal expressão. Ele congrega pessoas das mais variadas origens e estratos sociais, e em seu seio ocorre uma infinidade de crenças, correntes e práticas.²⁰ É a forma mais tradicional do catolicismo no Brasil, presente desde o período da colonização.²¹ Não só o catolicismo oficial, mas também a religiosidade popular foram transplantadas para o Brasil: as múltiplas devoções, o gosto pelas procissões, a tradição das romarias e a sensibilidade aos milagres; são uma transplantação da Igreja lusitana para a colônia. Nesse processo lento de adaptação, inscreve-se a influência ameríndia e a africana, dando nascimento à formas sincréticas,²² sendo considerado pelo sociólogo Pedro Ari Oro como uma espécie de matriz religiosa brasileira.²³

Seguindo a análise de Oro, o centro do catolicismo popular é a devoção aos santos, que atendem a todas as necessidades, e a imagem do santo é a sua base. Foi, em boa parte, este catolicismo que fez do Brasil um país católico, não apenas a atuação da Igreja instituição. Todavia, a partir do Concílio de Trento, realizado em meados do século XVI, que teve como foco o combate à Reforma e à Modernidade, iniciou-se no Brasil um processo de romanização. O catolicismo romanizado tem como centro os sacramentos e, com eles, o clero e o papa. O elemento central é a participação na missa, não mais a devoção aos santos. A Igreja oficial passou a tomar conta dos santuários e capelas, onde não aconteceram mais o culto popular, e sim a missa, com o padre. Acentuou-se a relação com Jesus e Maria, segundo a piedade europeia. O catolicismo popular leigo passou a sobreviver mais na vida privada e no espaço familiar.²⁴

Ao lado do catolicismo popular, encontram-se outros jeitos de viver o catolicismo como: o *catolicismo cultural ou social*, que é a religião do berço, a qual se pertence não por conversão, mas pelo fato de se ter nascido numa família católica; o *catolicismo nominal*, onde a participação dos fiéis é restrita às festas religiosas tradicionais e às circunstâncias da vida familiar e social, tais como batizados, matrimônios e funerais; e o *novo catolicismo popular*, agora individual, que mistura elementos católicos com práticas sincréticas, como o espiritismo.²⁵ Estas formas de catolicismo não parecem ser uma característica apenas

¹⁹ Trata-se daquele catolicismo surgido do próprio povo sem a intervenção e as doutrinas da hierarquia oficial.

²⁰ Cf. ORO, Ivo Pedro. *O fenômeno religioso: como entender?* São Paulo: Paulinas, 2013. p.121.

²¹ Cf. TEIXEIRA, 2005, p. 17.

²² Cf. RUBENS, Pedro. *O rosto plural da fé: da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 47.

²³ Cf. ORO, 2013, p. 123.

²⁴ Cf. ORO, 2013, p. 123-127.

²⁵ Cf. Cf. RUBENS, 2008, p. 44-45.

contemporânea, como afirma o teólogo católico Joseph Ratzinger: desde a Idade Média, no catolicismo, “para muitos a fé não passava de um sistema habitual de formas de vida”.²⁶

Atualmente, no contexto do pós Concílio Vaticano II, dois movimentos ganharam grande destaque no Brasil, tornando-se suas mais importantes expressões: as CEBs (*Comunidades Eclesiais de Base*) ou a TL (*Teologia da Libertação*), e a RCC (*Renovação Carismática Católica*). Faustino Teixeira os classifica como *catolicismos de reafiliados*, pois, ambos, caracterizam-se como movimentos de *re-adesão* ao catolicismo.²⁷

As CEBs pretendem ser mais que um mero movimento ou pastoral na Igreja Católica; ela se compreende como *um novo jeito de ser Igreja*, na expressão do cardeal Aloísio Lorscheider.²⁸ Surgiu entre os anos de 1964 e 1968, impulsionada pela Conferência do Episcopado Latino-Americano de Medellín (1968), pela exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, que deseja uma nova evangelização, pelo *aggionamento* desejado pelo Concílio Vaticano II e confirmada na Conferência Latino-Americana de Puebla (1978). Ela tomou uma postura crítica diante do regime militar, realizou uma opção preferencial pelos pobres, buscou ser uma Igreja popular, leiga, centrada na leitura da bíblia relacionada à vida política e social. Desenvolveu uma teologia própria, a *Teologia da Libertação*, que por sua politização e críticas ao poder na Igreja, sofreu e ainda sofre, grandes tensões com a Cúria Romana.²⁹

A RCC, assim como as CEBs, não pretende ser apenas um movimento na Igreja Católica, mas, segundo o Cardeal Suenes, ser uma corrente de graça a animar toda a Igreja.³⁰ Ela surgiu nos EUA, a partir de um grupo de jovens que teve contato com o pentecostalismo,³¹ e, no Brasil, chegou através de dois sacerdotes jesuítas: os Padres Eduardo Dougherty e Haroldo Rahm, na cidade de Campinas, São Paulo, entre o final da década de sessenta e início da década de setenta do século XX.³² O início da RCC foi marcado pela desconfiança da hierarquia, mas, em pouco tempo, passou a ser vista com bons olhos, por ser um movimento conservador em sua doutrina.³³ Da RCC originaram-se outras iniciativas que

²⁶ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 38.

²⁷ Cf. TEIXEIRA, 2005, p. 20.

²⁸ Cf. LEORATO, Massimiliano. *CEBs: gente que se faz gente na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 71.

²⁹ Cf. RUBENS, 2008, p. 74-80.

³⁰ SUENENS, Leon Joseph. *O Espírito Santo, nossa esperança*. São Paulo: Paulinas, 1975. p. 157.

³¹ Cf. RANAGHAN, Kelvin; RANAGHAN, Dorothy. *Católicos Pentecostais*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1972. p. 20.

³² Cf. CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. São Paulo: Santuário, 2000. p. 30-32.

³³ Cf. PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 32.

chamam a atenção das ciências sociais, como as comunidades de vida e de aliança, padres e pregadores carismáticos independentes do movimento da RCC, e outros ministérios e associações livres. Porém, ambos bebem das mesmas fontes ideológicas.³⁴

Ainda ligado à RCC está outro fenômeno contemporâneo essencial para se compreender o catolicismo: o *catolicismo midiático*, que faz uma opção preferencial pela evangelização através da cultura midiática. Destacam-se o padre Marcelo Rossi, a TV Canção Nova, a TV Século XXI e inúmeras rádios.³⁵ Sua doutrina essencial é a mesma de todo o pentecostalismo: a crença de ser uma atualização de pentecostes, através do batismo no Espírito Santo e da restauração dos carismas.³⁶

Por fim, apresenta-se uma tendência crescente no Brasil: o *catolicismo tradicionalista*. Este, apesar de sua principal bandeira ser a *obediência à Igreja e à sua tradição*, em sua prática nega a teologia do Concílio Vaticano II e retornam e absolutizam o Concílio de Trento, invocando o retorno da missa em latim.³⁷ Por isso, são rotulados como *tridentinos*. A teologia deste ramo do catolicismo está centrada no combate ao protestantismo e aos princípios da modernidade.³⁸ O fundamentalismo deste grupo, não se dá pela bíblia, mas pelo dogma católico, com sua tradição e magistério, pois ela é considerada a única e verdadeira Igreja de Cristo.³⁹

Além destas linhas gerais do catolicismo, há uma imensa quantidade de congregações religiosas, associações, grupos, movimentos eclesiais, comunidades de vida e de aliança, cada uma vivenciando o catolicismo com características próprias e, ainda, dentro destas expressões eclesiais do catolicismo há diversidade no modo de ser católico. Por exemplo: em uma mesma congregação ou comunidade religiosa pode haver membros mais adeptos do movimento carismático ou das CEBs, complexificando a tal ponto a identidade católica, que torna-se impossível uma classificação completa dos modos de ser católico.

³⁴ Cf. CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Ideias & Letras, 2009. p. 41.

³⁵ Cf. CARRANZA, 2009, p. 43.

³⁶ Cf. JUANES, Benigno. *Que é a Renovação Carismática Católica?*. São Paulo: Loyola, 1994. p. 25.

³⁷ Cf. PACE, Enzo; STEFANI, Piero. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 131.

³⁸ Cf. PACE, 2002, p. 133.

³⁹ Cf. BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. p. 17-18.

1.1.2 Os pentecostalismos no Brasil

O pentecostalismo é hoje um fenômeno global, multicultural, multidimensional e multiconfessional.⁴⁰ Por isso, o termo *pentecostal* é genérico, não referindo-se a um só segmento da fé evangélica, mas a vários grupos e expressões originadas no escopo do protestantismo mundial.⁴¹ A pluralidade parece ser uma nota própria desta manifestação religiosa, pois a intenção originária do Movimento Pentecostal não era a de fundar uma nova instituição, mas, como afirma o pentecostal Roger Cabezas: “o pentecostalismo é mais que uma doutrina (uma confissão), é uma maneira de viver e experimentar a fé cristã que emergiu do seio de diversas tradições confessionais”.⁴² Assim problematiza Ronaldo de Almeida:

nos sistemas classificatórios mais frequentes o pentecostalismo brasileiro é considerado pertencente ao meio evangélico ao lado dos protestantes históricos e em oposição ao catolicismo no interior do cristianismo. Mas como classificar, então, os protestantes ‘renovados’ e os carismáticos católicos que se apropriam de dimensões do pentecostalismo como a experiência extática da glossolalia e, no caso dos católicos, a conversão individual tipicamente evangélica com ênfase na subjetividade e na emotividade? [...] Em resumo, o pentecostalismo extrapola suas fronteiras institucionais assim como incorpora mecanismos de funcionamento de religiões fora do campo cristão.⁴³

Por este motivo, o pentecostalismo é um movimento diversificado por natureza e assumiu diversas configurações desde suas origens. Segundo Gedeon Freire de Alencar:

nunca existiu um pentecostalismo no singular, mas *pentecostalismos* no plural, desde suas origens americanas e, também – e bem mais anteriores –, dos movimentos de santidade e pietismos europeus. O Movimento da Rua Azusa, em Los Angeles, se tornou a grande referência no século XX, mas não foi o único. Muito pouco deste *pentecostalism black* chegou até nós.⁴⁴

O crescimento não planejado estrategicamente do pentecostalismo, mas espontâneo, para Regina Fernandes Sanches, demonstrou ser rico em possibilidades, justificando-se a fluidez deste movimento, o que impõe grandes desafios de identificação ou de construção de

⁴⁰ WOLFF, Elias. Editorial. *Caminhos de Diálogo: Revista Brasileira de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, n. 4, a. 3, p. 7-9, 2015. p. 7.

⁴¹ Cf. SANCHES, Regina Fernandes. Desafios identitários para a questão da unidade no pentecostalismo. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 146.

⁴² CASCO, Miguel Angel; CABEZAS, Roger; MANRÍQUEZ, Samuel Palma. *Pentecostais, libertação e ecumenismo*. São Leopoldo: CEBI, 1996. p. 32.

⁴³ ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, 2011, p. 111.

⁴⁴ ALENCAR, Gedeon Freire de. Prefácio. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e transformação social*. São Paulo: Fonte editorial, 2013. p. 15.

identidades no pentecostalismo.⁴⁵ Os pentecostalismos consideram-se obra do Espírito Santo, que age sobre todos, assim, valoriza-se a experiência subjetiva. Cada pessoa é motivada a buscar sua própria experiência, como analisa Esdras Costa Benthó: “não há como transferir, reproduzir ou transmitir a mesma experiência a outros. Cada um deve ter sua própria experiência de batismo no Espírito Santo”.⁴⁶ Ainda, verifica-se que os pentecostalismos são multidimensionais, pois possuem a capacidade de impregnar as mais variadas estruturas sociais e religiosas, e transterritorial, uma vez que o ser pentecostal assume características específicas conforme o continente ou o país.⁴⁷

Esta diversidade de pentecostalismos tem sido classificada por diversos autores, a partir das linhas comuns, de data de surgimento ou doutrinas, das denominações. Segundo Regina Fernandes Sanches, tem-se, no Brasil, expressões pentecostais provenientes diretamente do Movimento de Santidade, como o próprio pentecostalismo da Rua Azusa, bem como as Igrejas geradas no Brasil, classificadas como pentecostalismo histórico. Há também as Igrejas carismáticas ou de “renovação”, formadas após a pentecostalização de grupos de dentro das Igrejas evangélicas históricas fundadas no esforço missionário dos séculos XIX e XX.⁴⁸

Já a autora Dafne Sabanes Plou, apresenta quatro maneiras diferentes das igrejas pentecostais formarem-se na América Latina: os movimentos que nasceram nas denominações históricas; os movimentos que surgiram por obra de missionários independentes, como Francescon; as Igrejas pentecostais que nasceram por obra de migrantes latino-americanos ao sul dos EUA, que regressaram a seus países pregando a mensagem pentecostal; e os movimentos iniciados pela obra de pessoas do próprio país.⁴⁹

O teólogo Bernardo Campos apresenta quatro tendências básicas no pentecostalismo latino-americano:

- 1- o *pentecostalismo de expansão internacional*, com forte influência do pentecostalismo americano;
- 2- o *pentecostalismo de ramificação nacional*, em desacordo aberto com o fundamentalismo norte-americano;

⁴⁵ Cf. SANCHES, Regina Fernandes. Prefácio por uma teóloga protestante. In: CUNHA, Carlos. *Hermenêutica bíblica libertadora: encontro entre católicos e pentecostais*. São Paulo: Garimpo, 2016. p. 14.

⁴⁶ BENTHO, Esdras Costa. Entre a emoção e a razão: a experiência pneumatológica dos pentecostais clássicos. *Caminhos de Diálogo: Revista de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, n. 4, a. 3, p. 91-102, 2015. p. 99.

⁴⁷ Cf. WOLFF, 2015, p. 8.

⁴⁸ Cf. SANCHES, 2016, p. 13.

⁴⁹ Cf. PLOU, Dafne Sabanes. *Caminhos de unidade: itinerário do diálogo ecumênico na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 87.

- 3- o *neopentecostalismo*, mais próximo do catolicismo do que do protestantismo evangélico, mas ainda oscilante e indefinido, e
 4- os “movimentos de cura divina”, aos quais denomino *isopentecostalismo*, porque estão em sintonia com algumas particularidades do pentecostalismo clássico, mas cuja identidade, ainda em processo de desenvolvimento, parece ser de natureza diferente.⁵⁰

Todavia, no Brasil, os estudos tem tradicionalmente classificado o pentecostalismo como três ondas: *pentecostalismo clássico*, *deuteropentecostalismo* e *neopentecostalismo*. Seguindo a tipologização realizada por Ricardo Mariano,⁵¹ o denominado *pentecostalismo clássico* ou *pentecostalismo tradicional* é representado pela Congregação Cristã no Brasil (1910) e pelas Assembleias de Deus (1911), e predominou entre 1910 e 1950. Esta forma de pentecostalismo enfatiza a conversão para a separação do mundo através de uma moral rígida, a segunda vinda de Cristo, e, principalmente o batismo no Espírito Santo acompanhado do falar em línguas. A segunda onda, o *deuteropentecostalismo*, representado pela Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Pentecostal O Brasil Para Cristo (1955), Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962) e Casa da Bênção (1964), teve início nos anos 50, e suas grandes características são: trouxeram para o Brasil o evangelismo de massa, difundiram-se por meio da rádio, provocaram a fragmentação denominacional do pentecostalismo brasileiro e sua principal ênfase teológica está no dom da cura divina.

O *neopentecostalismo* tem como principais representantes a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976) e, mais recentemente, a Igreja Mundial do Poder de Deus (1998). Elas possuem como ênfases a presença de líderes fortes, o uso abundante dos meios de comunicação de massa, a pregação da cura divina, a batalha espiritual contra o Diabo, o exorcismo público, a liberalização dos usos e costumes dos pentecostais tradicionais e a pregação enfática da teologia da prosperidade.

Vale a pena ainda destacar um dado importante para o pentecostalismo no Brasil: a Assembleia de Deus é o maior grupo pentecostal, e é uma das Igrejas que mais influenciaram a religiosidade cristã no país. Muitas denominações pentecostais e neopentecostais nasceram tendo como matriz as doutrinas e eclesiologias das Assembleias de Deus.⁵² Mas, como afirma

⁵⁰ CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002. p. 73.

⁵¹ Cf. MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 24-36.

⁵² Cf. OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?*. Viçosa: Ultimato, 2015. p. 31.

Ari Pedro Oro, não existem fronteiras nítidas entre o pentecostalismo e o neopentecostalismo pois ambos se influenciam mutuamente e possuem muitos aspectos em comum.⁵³

Comentando as classificações realizadas do pentecostalismo, Regina Fernandes Sanches ressalta que são esforços teóricos, todavia, não abarcam integralmente todas as formas e representações que se autodeclaram pentecostais, apenas apresentam, em linhas gerais, uma distinção entre as principais correntes do movimento.⁵⁴ Muitos, a partir da diversidade de pentecostalismos, falam de uma identidade comum entre eles, para que se possa afirmar uma identidade pentecostal genérica. Teologicamente, para Roger Haight, quatro doutrinas básicas fundamentam a fé pentecostal: a de que Jesus é o Senhor (Jo 2,16); que Jesus batiza no Espírito Santo (At 2,4); que Cristo cura (Tg 5,14-15); e a quarta diz respeito à segunda vinda de Cristo (1Ts 4,16-17). Haight ainda ressalta a centralidade da bíblia no pentecostalismo e que a doutrina do Espírito Santo constitui-se no foco central da fé pentecostal.⁵⁵ Há ainda diversas tônicas comuns aos pentecostalismos, segundo observa Elias Wolff, como: a relativização das mediações para o acesso à graça que cura, liberta e salva; a expressão emocional da fé; tendências à massificação no processo de evangelização, sobretudo pelo recurso midiático; tendências a espiritualizar o concreto da existência cotidiana; a fé experiencial, pois mais que uma doutrina o que importa é a experiência.⁵⁶

1.2 Os principais preconceitos entre católicos e pentecostais no Brasil

Em meio à efervescência do pentecostalismo no Brasil, o catolicismo, vendo suas fileiras ameaçadas pelo novo movimento, não estava preparado para inserir-se no crescente pluralismo religioso, reagindo ao surgimento das novas Igrejas, desenvolvendo uma visão preconceituosa do pentecostalismo. Da mesma forma, os pentecostais, por terem se convertido em sua maioria do catolicismo, passaram a enxergar sua antiga instituição religiosa como demoníaca, como não-cristã ou como um paganismo disfarçado. Neste momento, apresentam-se as principais críticas entre católicos e pentecostais no Brasil, demonstrando a intolerância ainda existente entre eles, o que é uma grande dificuldade para se estabelecer um diálogo católico-pentecostal.

⁵³ Cf. ORO, Pedro Ari. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 49.

⁵⁴ Cf. SANCHES, 2015, p. 146.

⁵⁵ Cf. HAIGHT, Roger. *A comunidade cristã na história: eclesiologia comparada*. Vol. 2. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 523-525.

⁵⁶ Cf. WOLFF, 2015, p. 8.

1.2.1 “Pentecosfobia”:⁵⁷ os preconceitos católicos

Desde o início, os pentecostais foram menosprezados, seja pelo catolicismo, pelo protestantismo histórico ou pela sociedade de modo geral. Foram rotulados como *fanáticos religiosos, sensacionalistas, irracionais, alienados*. Gedeon Freire de Alencar analisa:

ao longo dos séculos, foi realizada uma construção ideológica, exógena, simplista e invariavelmente estereotipada sobre o mundo oriental. [...] Algo semelhante aconteceu – e ainda se repete – com o fenômeno pentecostal, conquanto mais grave do que os preconceitos ideológicos e simplificações exóticas, são as hipóteses colocadas, dogmáticas e genericamente, sobre o assunto.⁵⁸

Assim foi desde os eventos considerados o marco inicial do pentecostalismo moderno, a missão na Rua Azusa. Segundo o historiador pentecostal Vinson Synan, o jornal *Los Angeles Times*, no dia 18 de abril de 1906, publicou uma matéria apresentando o movimento da Rua Azusa com as seguintes expressões: “esquisita babel de línguas”, “nova seita de fanáticos à solta”, “cena grotesca ontem à noite na Rua Azusa”, “gorgolejos ininteligíveis falados por uma irmã”.⁵⁹ Desta forma o pentecostalismo foi apresentado ao mundo pela primeira vez.

Ao falar da perseguição dos católicos aos pentecostais no Brasil, pode-se recordar o clássico caso do primeiro batismo público realizado pelos pioneiros da Assembleia de Deus. Segundo Marina Correa, os missionários realizavam os primeiros batismos no Pará em segredo, muitos deles após as 23 horas, pois além das perseguições, não havia templos e nem tanques batismais. Entretanto, um dia, criaram coragem e anunciaram um batismo público.⁶⁰ Vingren relata:

centenas de homens se aproximaram do local do batismo, pensando que com violência poderiam impedir o ato sagrado. O líder deles caminhava à frente carregando uma cruz. Os poucos crentes que estavam reunidos compreenderam o perigo daquele momento, e temeram que houvesse derramamento de sangue.⁶¹

Naquele momento, ele teria tentado ler a Bíblia, mas foi impedido.

⁵⁷ Termo cunhado para fazer alusão ao preconceito às igrejas pentecostais.

⁵⁸ ALENCAR, 2013, p. 15.

⁵⁹ Cf. SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009. p. 59.

⁶⁰ Cf. CORREA, Maria Aparecida Oliveira. *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. 2012. 351 p. Tese [Doutorado em Ciências da Religião], Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 62.

⁶¹ VINGREN *apud* CORREA, 2012, p. 62.

Tentou outra vez, mas o líder empunhou uma faca e se preparou para lançar-se contra Vingren. Porém, a irmã Celina⁶² interpôs-se então entre esse católico e o Vingren, salvando a vida deste.⁶³

Apenas para ilustrar o clima de tensão entre católicos e pentecostais em muitas cidades, apresenta-se outro caso, o da Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil, analisado por Wallace de Góis Silva. Os missionários pioneiros da Igreja relatam intensas perseguições por parte dos católicos.⁶⁴ Em 1943, a denominação construiu um templo em São José do Egito, onde o padre tocava o sino da Igreja para alertar a chegada dos protestantes. Em Sanharó, PE, o padre teria profetizado: “dentro de um ano não haverá mais um crente sequer em Sanharó, porque Deus e Nossa Senhora não os querem aqui”. Em Pesqueira, PE, durante uma reunião com 40 pessoas em um pequeno salão, católicos intolerantes do lado de fora insultavam e jogavam pedras.⁶⁵ Mas há inúmeros outros relatos onde o padre da cidade manda o delegado prender os crentes, em que as reuniões foram interrompidas por grupos de armas de punho, onde os pentecostais foram ridicularizados.⁶⁶

Neste ponto, para apresentar alguns dos principais preconceitos dos católicos contra os pentecostais, faz-se necessário recordar que, como o catolicismo possui vários ramos, os preconceitos aos pentecostais assumem diferentes vieses, dependendo de qual expressão do catolicismo eles provém. Porém, todos eles são motivados pela ameaça à hegemonia católica, pois, como afirma Dom José Maria Pires: “o crescimento acelerado que se verifica no Brasil das Igrejas protestantes de linha pentecostal vem causando preocupação às Igrejas tradicionais, especialmente à Igreja Católica, a mais atingida pela evasão de fiéis. O êxito das chamadas *seitas* é visto como um grave problema”.⁶⁷ De fato, segundo Pires, para uma Igreja que sempre se considerou a única verdadeira, fora da qual não haveria salvação, não é fácil estabelecer um diálogo respeitoso.⁶⁸

Uma das expressões mais radicais do catolicismo contra os pentecostais é a do catolicismo tradicionalista. Segundo Marcelo Barros, pode-se resumir o pensamento católico

⁶² Mesmo que não seja o objetivo desta pesquisa, pode-se aqui chamar atenção para a questão da liderança feminina no pentecostalismo, que surgiu como uma superação das barreiras de gênero entre homens e mulheres, pois, a mulher, que no catolicismo e no protestantismo histórico não possuía voz, no pentecostalismo passou a ser pregadora, a interpretar a bíblia, a ser missionária, fundadora de igrejas.

⁶³ VINGREN *apud* CORREA, 2012, p. 62.

⁶⁴ Cf. SILVA, Wallace de Góis. Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil e unidade: cooperação e tensões com grupos cristãos nos documentos históricos e teológicos. In: OLIVEIRA, 2015, p. 90.

⁶⁵ Cf. SILVA, 2015, p. 92.

⁶⁶ Cf. ALENCAR, 2014, p. 226.

⁶⁷ PIRES, José Maria. As CEBs diante do fenômeno do crescimento das seitas. In: CNBB. *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil II*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 105.

⁶⁸ Cf. PIRES, 1993, p. 115.

tradicionalista da seguinte maneira: Jesus Cristo teria vindo ao mundo para fundar a Igreja Católica. Ele teria instituído os mandamentos e os sacramentos e encarregado os apóstolos de os administrarem. Os bispos e padres seriam os sucessores dos apóstolos. Jesus teria entregado a Igreja a São Pedro como seu representante maior e esse seria sucedido pelos papas, que seriam os vigários de Cristo na Terra. Seria católico quem obedecesse ao papa.⁶⁹ Tudo aquilo que está fora destas premissas, que são tidas como dogmas de fé – como a verdade plena –, são considerados erro, heresia ou deturpação da verdade. Ao ponto de se considerar que aquilo que há de bom nas Igrejas pentecostais pertence à Igreja católica, como afirma Dom Estêvão Bittencourt: “na raiz das aberrações destes irmãos separados, há cernes de verdade e de bem, verdades de amor e de bem que por si pertencem essencialmente à Igreja de Cristo (ou seja, à Igreja Católica Apostólica Romana)”.⁷⁰ Mas, vale ressaltar que este pensamento não é uma radicalização da doutrina católica, é seu ensinamento oficial. No *Decreto Unitatis Redintegratio: sobre o ecumenismo*, afirma-se:

a plenitude dos meios de salvação reside somente na Igreja Católica de Cristo, que constitui o auxílio na sua generalidade. Acreditamos, de fato, que o Senhor somente confiou a totalidade dos bens da Nova Aliança ao Colégio Apostólico, presidido por Pedro, para de fato construir, na terra, um só corpo de Cristo, a que todo o povo de Deus é chamado a se incorporar e ao qual, de certo modo, já pertence.⁷¹

Embora, na prática, muitos movimentos e os fiéis católicos relativizem esta afirmação, interpretando-a de outras maneiras, os católicos tradicionalistas a enfatizam de forma extremamente fundamentalista. Muitos sites, o principal meio de difusão das ideias destes grupos católicos, consideram os pentecostais como *falsos profetas* que estão pregando *falsas doutrinas*, que os líderes pentecostais foram levantados pelo diabo,⁷² que eles estão fora da barca de Pedro, a Igreja Católica, e “pertencer a uma seita pentecostal não é pertencer à Igreja de Cristo de modo algum, é sim um impedimento para a salvação”.⁷³ Por isso, para esse grupo, o inferno seria o destino final dos pentecostais, e, ainda que fossem salvos pela misericórdia de Deus, no céu seriam católicos e seriam acolhidos por Maria na porta do céu.

⁶⁹ Cf. BARROS, Marcelo. *Evangelho e instituição*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 68.

⁷⁰ BITTENCOURT, Estêvão. *Diálogo ecumênico: temas controvertidos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1989. p. 286.

⁷¹ CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Unitatis Redintegratio*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 18.

⁷² Cf. VALE, Inácio José do. *Santo ofício: a heresia pentecostal*. Disponível em: <<http://emdefesadasantafe.blogspot.com.br/2012/07/santo-oficio-heresia-pentecostal.html>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

⁷³ VINÍCIUS, Caio. *Igreja Católica, Igreja de Cristo*. Disponível em: <<http://caius-santachiesa.blogspot.com.br/2011/07/igreja-catolica-igreja-de-cristo.html>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

Como os católicos afirmam que foi o próprio Jesus que fundou a Igreja Católica, questionam: como um simples mortal pode ousar fundar uma religião e instituir uma Igreja? Segundo Felipe Aquino, um influente professor na mídia católica brasileira: “no bojo dessa insensatez sempre encontramos a triste realidade de um homem, na maioria das vezes, revoltado, eivado de iluminismo, exibicionismo, proselitismo, às vezes charlatanismo”.⁷⁴ Este pensamento é fortemente difundido no meio católico, orgulhando-se de que “todas as demais religiões ou seitas foram fundadas por simples mortais, e não por Deus”.⁷⁵ O catolicismo considera divina sua instituição.

Apesar de o pentecostalismo ser considerado uma religião dos pobres, ele também recebeu interpretações preconceituosas do catolicismo libertador, que o considera um movimento centralizado na espiritualidade e desengajado da dimensão social. A teologia da libertação criticou muito o pentecostalismo como sendo uma conspiração internacional destinada a impedir a ampliação da consciência dos setores populares.⁷⁶ Todavia, Gedeon Alencar questiona a afirmação de que o pentecostalismo brasileiro é um produto *made in EUA*, e considera que isto é apenas um estereótipo sociológico. Tornou-se senso comum e, se verdade ou não, ninguém se preocupa em comprovar.⁷⁷ Um dos mais conceituados teólogos da libertação, José Comblin, afirma que:

os pentecostais foram também considerados como alienados, alheios ao mundo, conservadores. Um exame mais atento e simpático mostra o exagero e até a gratuidade de tais acusações. O que acontece é que, na América Latina, pelo menos, as Igrejas pentecostais apresentam todos os sinais de uma cultura de pobres. Os que as julgam temerariamente pertencem geralmente à cultura ocidental dominante, marcada pela modernidade.⁷⁸

Outra crítica provinda do meio do catolicismo libertador, porém generalizada em toda Igreja Católica no Brasil, é a de que os pastores pentecostais extorquem o dinheiro de seus fiéis, explorando a fé das pessoas. Dizem que o “estado de emoção dá oscilação de coletar dinheiro e, às vezes, de fazê-lo numa atmosfera de pressão e intimidação psicológica”.⁷⁹ Grosso modo, os católicos não fazem distinção entre as Igrejas adeptas da Teologia da Prosperidade e as que não são, cometendo afirmações caluniosas de que *todo*

⁷⁴ AQUINO, Felipe. *Falsas doutrinas: seitas e religiões*. 16. ed. Lorena: Cléofas, 2012. p. 15-16.

⁷⁵ AQUINO, 2012, p. 33.

⁷⁶ Cf. BITTENCOURT FILHO, José. *Por uma nova teologia Latino-americana: a teologia da proscricção*. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 227.

⁷⁷ Cf. ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Art Editorial, 2010. p. 91.

⁷⁸ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 24.

⁷⁹ CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 77.

pastor pentecostal é ladrão, que as Igrejas Pentecostais são somente *comércios* e que todas as divisões entre as Igrejas Pentecostais são por questões econômicas entre os pastores.

Por fim, não se pode deixar de fazer referência ao catolicismo carismático. Este nasceu do contato com a literatura e grupos pentecostais nos EUA, e em sua origem manteve um fecundo diálogo ecumênico com as Igrejas Pentecostais, participando de grandes conferências ecumênicas e promovendo grupos de oração mistos entre católicos e pentecostais. Todavia, a hierarquia da Igreja Católica via com desconfiança estas iniciativas, desenvolvendo o sentimento de que os católicos carismáticos pudessem promover um novo cisma na Igreja. Assim, para que a RCC pudesse sobreviver, ela precisou alinhar-se cada vez mais à instituição católica: esfriou o seu diálogo com as Igrejas Pentecostais e tornou-se intolerante a elas, negando suas origens. Para afirmar-se fiel à Igreja Católica, a RCC assumiu a lógica da demonização⁸⁰ de todos os grupos religiosos que não são católicos, como as religiões mediúnicas, afro-brasileiras, a Nova Era e, até mesmo aos que inspiraram seu surgimento, os pentecostais.

Outra técnica para afirmar-se como católica, foi a de valorizar os elementos tradicionais da fé, como a devoção à Maria, a adoração eucarística, a missa, a confissão, o terço e a oração aos santos.⁸¹ A RCC desenvolveu, ainda, um sentimento de superioridade espiritual, seja sobre os pentecostais, seja sobre outros grupos católicos, pois ela une em sua vivência religiosa o batismo no Espírito Santo e os carismas, próprios dos pentecostais, e os elementos tradicionais do catolicismo, considerando-se mais completa que os outros.

1.2.2 “A besta do apocalipse”:⁸² os preconceitos pentecostais

Da mesma forma que os pentecostais sofrem preconceitos, eles possuem um forte espírito anticatólico. Muitos pentecostais falam da Igreja Católica como uma Igreja idólatra e apóstata. Eles a descrevem como havendo comprometido o Evangelho, como sendo um grupo de pagãos disfarçados de cristãos. Como resultado, afirmam que os católicos adoram a Maria

⁸⁰ Cf. HATTORI, Francielly. A volta do diabo: o mal no discurso da Renovação Carismática Católica. In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo (Orgs.). *100 anos de pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte editorial, 2010. p. 446.

⁸¹ Cf. ROSA, André Luís da. A experiência religiosa na Renovação Carismática Católica à luz de Rudolf Otto. *Encontros Teológicos*. Florianópolis: FACASC. n. 70, v. 1, p. 159-178, 2015. p. 175.

⁸² Em pregações pentecostais sobre o Apocalipse, tornou-se comum identificar a prostituta e a besta com a Igreja Católica Romana.

e os santos, e proclamam conscientemente conceitos e práticas pagãs.⁸³ Eles, como todo o campo evangélico, criticam a infalibilidade papal, a crença no purgatório, a confissão auricular, o sacrifício da missa, a doutrina da transubstanciação eucarística, o celibato dos padres, o culto aos mortos, a lassidão moral dos fiéis católicos, a ênfase nas obras e não na fé para a salvação, a importância dada à tradição em detrimento da Bíblia.⁸⁴

Uma grande questão que colabora para a formação dos preconceitos pentecostais, está no fato de que eles são provenientes de outras tradições cristãs. Assim, cria-se a mentalidade de que todo pentecostal é um cristão, mas nem todo cristão é um pentecostal. Esta afirmação encerra a dificuldade de que há diferença entre a fé cristã ordinária e a fé pentecostal, sendo que: a primeira é confessada de maneira débil, a segunda de uma maneira total; a primeira é simples e superficial, a segunda é completa e profunda; a primeira é fruto do esforço humano, a segunda é sobrenatural.⁸⁵

Analisando o discurso pentecostal acerca do catolicismo, Juan Usma Gómez, apresenta as seguintes considerações: 1- um pentecostal, por ser pentecostal, considera-se um verdadeiro cristão - um católico, por ser católico, não é necessariamente um cristão; 2- um pentecostal tem a certeza da salvação porque aceitou a Jesus em seu coração - a maioria dos católicos não são salvos, pois dificilmente se escuta dizerem: “Jesus é meu Senhor e Salvador”; 3- um pentecostal tem uma vida reta e santa - um católico não, possui uma ética laxista; 4- um pentecostal sabe quando, como e onde encontrou o Senhor (em outras palavras, sabe quando se converteu) - um católico sabe quando foi batizado, mas não consegue identificar o momento de conversão a Jesus Cristo; 5- um pentecostal sabe que foi *tocado por Deus* e espera sua volta iminente - nem todos os católicos se interessam pela missão e, certamente, não acreditam na vinda iminente de Jesus; 6- um pentecostal tem que ser membro ativo de sua congregação - um católico pode passar no anonimato em sua comunidade.⁸⁶

Os pentecostais defendem que a Igreja Católica não foi fundada por Jesus e que é impossível fixar com exatidão a data de sua fundação, pois, segundo Raimundo de Oliveira, o afastamento da Igreja Católica das doutrinas bíblicas e o desenvolvimento da organização

⁸³ Cf. ROBERCK, Cecil M. *Diálogo católico romano-pentecostal: desafios y lecciones para vivir juntos*. Instituto teológico FIET, 2008. Disponível em: <http://www.fiet.com.ar/articulo/catedra_petrecca_2008_cecil_robeck.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2015.

⁸⁴ Cf. MARIANO, Ricardo. Diálogo ecumênico entre católicos, protestantes e pentecostais no Brasil. *Cultura teológica*. São Paulo: PUC, a. 4, n. 16, p. 69-77, jul./set., 1996. p. 72.

⁸⁵ Cf. GÓMEZ, Juan Usma. El pentecostalismo en Latinoamérica: identidad y perspectiva ecumênica. *Teologia em Questão*. Taubaté: Faculdade Dehoniana, a. 7, n. 14, p. 79-93, 2008. p. 89-90.

⁸⁶ Cf. GÓMEZ, 2008, p. 81.

eclesiástica e da tradição romana deu-se paulatinamente.⁸⁷ Alguns acreditam que a paganização da Igreja Católica se deu somente na Idade Média, outros, com Constantino e outros ainda no século II, nas disputas entre os cristãos e os gnósticos.⁸⁸

Dentre as principais críticas do pentecostalismo ao catolicismo, está a que ele critica duramente o posicionamento da Igreja Católica de que *não há salvação fora da Igreja Católica*, todavia, radicalizam e negam a possibilidade de salvação na Igreja Católica. No livro: *Pentecostais ou carismáticos: um chamado ao verdadeiro Pentecostes*, de Bill Burkett, ele defende que “a Igreja Católica jamais foi evangélica”.⁸⁹ No livro *Os fatos sobre o catolicismo romano*, de John Ankerberg e John Weldon, após explicar o catolicismo de forma apologética, fazem um apelo aos leitores: “se você é católico e deseja receber a Cristo como seu Senhor e Salvador pessoal, queremos animá-lo”.⁹⁰ Ou o livro, *Respostas às perguntas que os católicos costumam fazer*, de Tony Coffey, onde ele afirma que “a estrutura da Igreja Católica Romana, juntamente com muitas de suas doutrinas, contradiz a mensagem divulgada na Palavra de Deus”.⁹¹ Afirmações como estas demonstram que muitos pentecostais negam a identidade cristã do catolicismo e, portanto, católicos e pentecostais não seriam “irmãos” (cristãos), pois, como afirma Burkett: “os apóstolos jamais ensinaram que devemos receber como irmãos aqueles que acreditam que é possível chegar a Jesus através de Maria e que a tradição tem a mesma autoridade que as Escrituras”.⁹²

Uma grande insistência dos pentecostais no Brasil é a de que os católicos adoram a Maria. Raimundo de Oliveira considera que: “a essência da adoração na Igreja Católica Romana gira não em torno do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mas da pessoa da Virgem Maria”.⁹³ Contestam os dogmas marianos da Igreja Católica de que Maria foi concebida sem pecado, que ela permaneceu virgem, que não morreu mas foi elevada aos céus e que ela é intercessora. O principal ato de intolerância ao culto à Maria conhecido no Brasil e que mobilizou a muitos foi em 12 de outubro de 1995, quando Sérgio Von Helder, bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, afrontou a Igreja Católica em rede nacional, depois de chutar a

⁸⁷ Cf. OLIVEIRA, Raimundo de. *Seitas e heresias: um sinal do fim dos tempos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 11-12.

⁸⁸ Cf. BOFF, Leonardo. *Igreja, carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 111-112.

⁸⁹ Cf. BURKETT, Bill. *Pentecostais ou carismáticos: um chamado ao verdadeiro pentecostes*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. p. 55.

⁹⁰ ANKENBERG, John; WELDON, John. *Os fatos sobre o catolicismo romano: o que a Igreja Católica Romana realmente crê?*. 2. ed. Porto Alegre: Obra Missionária Chamada da Meia Noite, 1999. p. 76.

⁹¹ COFFEY, Tony. *Respostas às perguntas que os católicos costumam fazer*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013. p. 104.

⁹² BURKETT, 2000, p. 55-56.

⁹³ OLIVEIRA, 2015, p. 28-29.

imagem de Nossa Senhora Aparecida - no dia em que a padroeira nacional dos católicos é comemorada. Durante um programa da Igreja na televisão, ele criticou o que chamou de idolatria (culto a imagens) e chamou a santa de *boneca de barro*.⁹⁴ Também as aparições marianas são duramente criticadas pelos pentecostais como sendo uma obra do demônio para enganar as pessoas.⁹⁵ Assim como a Maria, os pentecostais também criticam o culto a todos os santos católicos, afirmando que estes são ídolos e que Deus proibiu que se fizessem imagens.

Outras questões constantemente abordadas nos manuais contra seitas e heresias dos pentecostais sobre o catolicismo são as de que a Igreja Católica não se fundamenta na palavra de Deus, mas na tradição romana; que Jesus não desejou o ministério do papa; que os católicos não devem se confessar com os padres, pois só Deus tem o poder de perdoar os pecados; que na missa católica não ocorre a transubstanciação, pois Jesus não pediu que se repetisse seu sacrifício, entre outros.⁹⁶ Diante de tantos *erros* dos católicos, o pensamento pentecostal pode concluir: “são pessoas boas que não fazem mal a ninguém, e tentam levar uma vida religiosa. Mas Jesus está com elas? O problema para os católicos, surge porque eles não seguem a Jesus. Eles não prestam atenção à sua voz, nem seguem as suas instruções”.⁹⁷

1.3 A Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal e o contexto brasileiro

Ainda diante da temática deste capítulo, *católicos e pentecostais: uma história de preconceitos*, faz-se agora alguns apontamentos sobre a Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal e a realidade brasileira. Apesar desta comissão ser oficial para a Igreja Católica, no Brasil, a CNBB não realizou nenhum esforço de diálogo com os pentecostais, e, quanto às Igrejas Pentecostais brasileiras, elas não possuem nenhuma representação nesta comissão, demonstrando a difícil relação entre católicos e pentecostais nestas terras.

Depois da realização do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica iniciou uma nova experiência em sua história: os diálogos bilaterais. Os interlocutores da Igreja Católica no diálogo teológico oficial pertencem a quase todas as tradições do cristianismo: Igrejas ortodoxas, Comunhão Anglicana, Federação Luterana Mundial, Aliança Reformada Mundial,

⁹⁴ Cf. FIGUEIREDO, Renata da Silva. *Crimes contra o sentimento religioso: violação ao direito de culto no Brasil*. Disponível em: <http://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/crimes_contra_o_sentimento_religioso_6_0.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2016.

⁹⁵ Cf. COFFEY, 2013, p. 210.

⁹⁶ Cf. OLIVEIRA, 2015, p. 11- 35.

⁹⁷ COFFEY, 2013, p. 231.

Conselho Metodista Mundial, Aliança Batista Mundial, Conselho Ecumênico de Igrejas (CEI), e, o objeto desta pesquisa, o Movimento Pentecostal.⁹⁸

O diálogo oficial da Igreja Católica com os pentecostais possui suas raízes efetuadas durante 1969-1970 por alguns membros de Igrejas Pentecostais com o então Secretariado Romano para a Unidade dos Cristãos. Segundo Juan Bosh Navarro, entre aqueles, deve-se destacar a figura do reverendo David du Plessis, notável pentecostal africano e observador no Concílio Vaticano II. Em 1971, foi criado um comitê misto que propôs um programa de estudos a serem realizados durante um quinquênio,⁹⁹ dividido em seis fases.¹⁰⁰

Diferente das outras comissões, o diálogo católico-pentecostal possui algumas peculiaridades: ele não se trata de um diálogo bilateral em sentido estrito, como o diálogo católico-luterano, mas de um diálogo misto ou multilateral, pois nele estabelece-se um diálogo entre a Igreja Católica e diversas denominações pentecostais.¹⁰¹ Portanto, elas não representam o todo do Movimento Pentecostal, mas algumas denominações particulares. Ainda há alguns que participam deste diálogo, do grupo dos pentecostais, que não possuem qualquer autorização oficial de suas denominações, por isso não são representantes oficiais.¹⁰² Segundo Marcial Maçaneiro, este diálogo não se define estritamente pela oficialidade, mas pela espiritualidade, através da profissão comum da fé trinitária e da fraternidade.¹⁰³

Também, diferente das outras comissões de diálogo, o diálogo entre pentecostais e católicos não é marcado por um cisma, mas parte de uma nova forma de experimentar a fé

⁹⁸ Cf. NAVARRO, Juan Bosh. *Para compreender o ecumenismo*. São Paulo: Loyola, 1995. p. 182.

⁹⁹ Cf. NAVARRO, 1995, p. 189.

¹⁰⁰ As fases do Diálogo Internacional Católico-Pentecostal foram organizados do seguinte modo: 1° fase: o batismo no Espírito Santo e a iniciação cristã; relação entre Escritura e Tradição; pessoa, dons e carismas (1972-1976); 2° fase: A fé, a experiência religiosa e o falar em línguas; o papel de Maria (1977-1982); 3° fase: perspectivas sobre Koinonia e comunhão cristã (1985-1989); 4° fase: Evangelização, proselitismo e testemunho comum (1991-1997); 5° fase: Tornar-se cristão: conversão, iniciação cristã, batismo no Espírito Santo e discipulado (1998-2006); 6° fase: Carismas na Igreja: significado espiritual, discernimento e implicações pastorais. Cf. MAÇANEIRO, Marcial. Uma aproximação ao diálogo internacional católico-pentecostal. *Cultura teológica*. São Paulo: PUC, a. 21, n. 83, p. 11-31, jul./dez., 2013. p. 13-14.

¹⁰¹ Desde 1972, participaram as seguintes Igrejas e/ou associações confessionais: Igreja Apostólica do México (México), Igreja Assembleia de Deus (EUA), Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular (América do Norte), Igreja Pentecostal de Santidade (EUA), Igreja Pentecostal da Polônia (Polônia), Igreja de Deus (América do Norte), Assembleias Pentecostais do Canadá (Canadá), Assembleias de Deus Independentes (EUA), Comunhão Internacional de Igrejas Carismáticas (EUA), Movimento Pentecostal da Suécia (Suécia), Movimento Visão de Futuro (Argentina), Igreja Bíblia Aberta (EUA), Igreja Missão Pentecostal (Chile), Igreja do Deus da Profecia (EUA e Alemanha), Igreja Pentecostal de Cristo (Iugoslávia), Igreja Evangélica Internacional (Itália), Missão de Fé Apostólica (África do Sul), Comunidade Pentecostal na Holanda (Holanda), Igreja Reformada (Holanda), Igreja Pentecostal Elim (Reino Unido), Igreja do Pentecostes (África, Europa e Américas), Conselho de Igrejas Pentecostais de Gana (Gana) e Igreja Católica Apostólica Romana. Cf. MAÇANEIRO, Marcial. Na Unidade do Espírito Santo: observações sobre o Diálogo Internacional Católico-Pentecostal. In: OLIVEIRA, 2015, p. 106.

¹⁰² Cf. ROBECK, 2008, p. 13.

¹⁰³ Cf. MAÇANEIRO, 2015, p. 102.

cristã.¹⁰⁴ Porém, é interessante levar em consideração que, hoje, após quinhentos anos da reforma protestante, depois de uma longa história de excomunhões e perseguições, o diálogo entre católicos e luteranos, por exemplo, já produziu frutos de reflexão e cooperação conjuntas. Já as atitudes de preconceitos e perseguições entre a Igreja Católica e os pentecostais ainda é recente, e mais, atual, o que possui grande peso sobre um possível futuro ecumênico.

Outra das principais características do Diálogo Internacional Católico-Pentecostal é a de considerar a experiência do *novo pentecostes*, ou do batismo no Espírito Santo, como sua abordagem básica, por ser determinante para a identidade comum das Igrejas participantes. Para o padre Marcial Maçaneiro, as denominações participantes da experiência pentecostal envolvidas no diálogo apresentam elementos comuns e convergentes como: a conversão, a confissão de Jesus Cristo como Senhor e Salvador, o batismo no Espírito Santo, a efusão de dons e carismas, cultos de louvor, ardor evangelístico-missionário. Estes são elementos partilhados por evangélicos e católicos que experimentaram o *novo pentecostes*.¹⁰⁵

Patrício Merino Beas, ainda ressalta três características essenciais para a compreensão desta comissão: 1- que ela não busca realizar disputas teológicas entre católicos e pentecostais, mas esclarecer o sentido teológico das doutrinas e práticas de fé, tal como entende e vive cada tradição; 2- a comissão não busca uma unidade estrutural entre católicos e pentecostais, e sim fomentar o respeito e entendimento mútuo, desenvolvendo uma concepção de ecumenismo que possa ser melhor entendida e acolhida pela tradição pentecostal; 3- o aporte teórico deste diálogo é somente a Palavra de Deus e o recurso aos Padres da Igreja (escritos do período patrístico).¹⁰⁶

Todavia, Navarro também apresenta as divergências mais notáveis que foram surgindo durante o diálogo. Entre elas destaca-se: o tema da recepção ou impossibilidade de recepção do Espírito Santo por parte dos não-cristãos; a recusa por parte dos pentecostais dos princípios filosóficos e teológicos da crítica das formas, porque esses princípios contrariam a inspiração total da Escritura; e os problemas da mariologia e dos ministérios na Igreja.¹⁰⁷ Também Camilo Triano, ao analisar este diálogo, aponta como um desafio a carência de unidade no pentecostalismo, sendo notória a falta de coesão dentro do mesmo, dificultando

¹⁰⁴ Cf. MAÇANEIRO, 2013, p. 24.

¹⁰⁵ Cf. MAÇANEIRO, 2013, p. 22.

¹⁰⁶ BEAS, Patricio Merino. Contenidos teológicos para um diálogo católico-pentecostal: hacia un testimonio común del Evangelio. *Teología y vida*. Local: Universidad Católica De La Santísima Concepción, vol. 53, p. 575-602. 2012. p. 593-594.

¹⁰⁷ Cf. NAVARRO, 1995, p. 191.

uma postura clara e oficial diante do catolicismo.¹⁰⁸ O relatório final da primeira fase do diálogo apresenta uma grande limitação deste diálogo, admitindo

não representar a posição oficial das Igrejas pentecostais ou da Igreja Católica, mas, sobretudo, o conteúdo das discussões. Embora sejam resultado de estudos sérios e do diálogo de pessoas responsáveis, as resoluções não comprometem nenhuma das Igrejas ou tradições, com as posturas teológicas aqui expressas, devendo essas serem submetidas a elas para um uso e reação oportunos.¹⁰⁹

Afunilando para a realidade brasileira, para refletir sobre a aplicabilidade do diálogo católico-pentecostal, deve-se tomar consciência, como constatou Gedeon Alencar, em sua análise sociológica da comissão, dos seguintes dados: são mais de 40 anos de atividades, com a participação de quase 200 pessoas. Mas, o continente Latino-Americano é minoria, representado apenas por 8 membros (3 católicos e 5 pentecostais), enquanto são 109 da América do Norte, ficando evidente o domínio dos EUA e da Europa e a insignificante participação dos latino-americanos. Do Brasil, o maior país católico e pentecostal do mundo, foram apenas dois representantes: o pastor Luís Carlos Pinto, da Igreja do Evangelho Quadrangular, em 1991, cuja sua participação se deu à convite de um amigo americano, não representando sua Igreja e, atualmente, encontrando-se afastado de sua denominação. Do lado católico houve a participação de um padre, Marcial Maçaneiro, mas somente na sexta fase do diálogo (2010-2016). Também houve a participação do missionário canadense, Walter Robert Mc Alister, que fundou a Igreja de Vida Nova, no Rio de Janeiro, porém, representando o Brasil e os EUA.¹¹⁰

Estes dados podem sugerir que a falta de motivação em iniciar uma caminhada ecumênica entre católicos e pentecostais no Brasil deve-se à falta de participantes brasileiros na Comissão Internacional, de ambos os lados, ou, simplesmente, podem levar a constatar que não há interesse em que se haja um diálogo entre a Igreja Católica e as Igrejas Pentecostais no Brasil, sendo que nele a Igreja Católica tem perdido sua hegemonia à custa do crescimento do pentecostalismo. Todavia, o fato é que católicos e pentecostais no Brasil são indiferentes ou inimigos. Segundo Robeck, um professor de estudos latino-americanos, Phillip Berryman, passou um ano em vários países da América Latina, e observou que no Brasil os pentecostais e os católicos tendem a simplesmente ignorar-se mutuamente. O conhecimento que possuem

¹⁰⁸ Cf. TRIANO, Camilo Andrés Acosta. *Perspectivas ecuménicas entre el catolicismo y el pentecostalismo*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2010. p. 76.

¹⁰⁹ NAVARRO, 1995, p. 190.

¹¹⁰ Cf. ALENCAR, Gedeon Freire de. Igreja Católica e Assembleias de Deus: diálogo ecumênico seria uma relação do pescoço com a guilhotina?. In: OLIVEIRA, 2015, p. 126-127.

um do outro está baseado em meros estereótipos ou provém de leituras muito desatualizadas. Como resultado, quando falam uns dos outros, com frequência cometem equívocos.¹¹¹

Quanto à abertura do catolicismo ao diálogo com o pentecostalismo no Brasil, pode-se fazer algumas observações: primeiramente, ressalta-se que o Concílio Vaticano II, marco da abertura ecumênica do catolicismo, quando produziu o Decreto *Unitatis Redintegratio* (documento católico sobre o ecumenismo), não possuía consciência de que o cenário cristão mundial sofreria uma drástica mudança, em um curto espaço de tempo, com a explosão do pentecostalismo. Quando o Decreto foi elaborado, os padres conciliares tinham em mente apenas os cristãos ortodoxos e os oriundos da reforma protestante, sendo que, o pentecostalismo, apesar de ter surgido no início do século XX, começou a ganhar visibilidade e expressão apenas depois da segunda guerra mundial. Portanto, aos olhos deste pesquisador, mesmo que o Vaticano II tenha sido uma atualização pastoral para a Igreja Católica, faz-se necessário, neste seu cinquentenário, uma reatualização, uma contextualização da teologia ecumênica do catolicismo perante o fenômeno pentecostal, que traz novos desafios para a pastoral contemporânea.

Outro fato é que, como afirmou o teólogo Leonardo Boff em seu livro *Igreja, carisma e poder*, na Igreja Católica há uma deficiência entre sua teoria e sua prática.¹¹² Aplicando esta afirmação ao ecumenismo católico-pentecostal, pode-se constatar uma deficiência entre a teoria e a prática da própria instituição, não apenas dos fiéis. Os documentos produzidos pelas comissões bilaterais do Vaticano possuem pouca receptividade nas comunidades católicas. A maioria dos fiéis nem se quer sabem de sua existência (por vezes, nem mesmo bispos e padres tem conhecimento dos mesmos). Ainda mais tratando-se da comissão de diálogo com os pentecostais. Dos cinco Documentos, apenas dois foram traduzidos para o português,¹¹³ e ainda são descontextualizados da realidade sócio religiosa brasileira. Diante desta falta de coerência entre a teoria dos documentos católicos e sua aplicação prática, cabe uma indagação de Ricardo Mariano: que tipo de ecumenismo é este em que a Igreja Católica propõe diálogo a interlocutores que considera *perigosos*,

¹¹¹ Cf. ROBECK, 2008, p. 4.

¹¹² Cf. BOFF, 1982, p. 59.

¹¹³ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diálogo católico-pentecostal*. São Paulo: Paulinas, 1999. E: COMISSÃO INTERNACIONAL DE DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL. *Tornar-se cristão: inspiração da Escritura e dos textos da patrística com algumas reflexões contemporâneas*. Brasília: CNBB, 2010.

propagadores de falsas promessas e que crescem, supostamente, às custas da ignorância e ingenuidade do povo?¹¹⁴

De fato, foi assim que a Igreja Católica encarou o crescimento do pentecostalismo: um *desafio*, um *problema a ser combatido*, uma *ameaça*. Ela, ao mesmo tempo, apresenta uma proposta ecumênica e um firme propósito de manter sua hegemonia religiosa no Brasil; propõe-se a dialogar com seus concorrentes, mas quer recuperar seu rebanho perdido.¹¹⁵ A CNBB ficou em silêncio sobre os pentecostais até o ano de 1991, quando assumiu publicamente a evasão de fiéis e o êxito dos pentecostais, chamados por eles como seitas, como um problema para a Igreja Católica.¹¹⁶ Ela dividiu seus trabalhos pastorais em seis dimensões, e uma delas é a Comissão de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso. Porém, mesmo que a CNBB diga reconhecer a diversidade religiosa e respeitar a liberdade religiosa como inerente à condição humana,¹¹⁷ muitos membros da hierarquia, até mesmo os papas João Paulo II e Bento XVI, parecem não perceber no pentecostalismo um movimento religioso positivo que se expande por seus próprios méritos e que possui direito à existência.

O pesquisador Ari Pedro Oro coletou uma série de afirmações providas da CNBB, que demonstram essa atitude como: “o êxito das chamadas seitas é visto como um grave problema”, “as seitas são um fenômeno da crise”, “as seitas são mais movimentos que igrejas e praticam o aliciamento por todos os meios”, “a Igreja sofre hoje com o proselitismo fanático e interesseiro de algumas seitas”.¹¹⁸ Dentre diversos discursos do Papa João Paulo II sobre as *seitas* na América Latina, apresenta-se aqui um que demonstra a preocupação da hierarquia: “vejo que nos diversos países da América Latina *o problema número um é*, cada vez mais, o problema das seitas. [...] Isto deve constituir um motivo a mais de preocupação pastoral, que nos leva a propor e planejar uma ação evangelizadora”.¹¹⁹

Também o papa Bento XVI, em 2007, no Brasil, durante a abertura da 5ª conferência de todo episcopado latino-americano, ainda apresentou as *seitas* como um desafio à Igreja Católica, dizendo: “percebe-se contudo um certo enfraquecimento da vida cristã no conjunto da sociedade e da própria pertença à Igreja Católica, devido ao secularismo, ao hedonismo, ao

¹¹⁴ Cf. MARIANO, 1996, p. 76.

¹¹⁵ Cf. MARIANO, 1996, p. 76.

¹¹⁶ Cf. ORO, 1996, p. 97.

¹¹⁷ Cf. BOCK, Carlos Gilberto. *O ecumenismo eclesialístico em debate: uma análise a partir da proposta ecumênica do CONIC*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 34.

¹¹⁸ Cf. ORO, 1996, p. 92-93.

¹¹⁹ JOÃO PAULO II. *Discurso de S. João Paulo II, aos bispos do Peru em sua visita ad limina-Vaticano, junho de 1988 - L'Osservatore Romano*, 23 (1988). Disponível em: <<http://www.acidigital.com/seitas/papa.ht m>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

indiferentismo e ao *proselitismo de numerosas seitas*".¹²⁰ No documento de Aparecida, publicado em 2008, os bispos de toda a América Latina afirmaram: "os desafios que o mundo de hoje apresenta à Igreja de Cristo, entre outros: *o êxodo de fiéis para seitas e outros grupos religiosos*."¹²¹

Uma iniciativa da CNBB de conhecer melhor os pentecostais foi por meio de uma série de três seminários realizados entre 1991 e 1994, com o tema: *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil*. Todavia, segundo Gedeon Alencar, eles não foram realizados com um intuito ecumênico ou para estabelecer uma relação de amizade e caminhada fraterna, mas os pentecostais entraram na pauta como problema.¹²² Dele, resultaram três estudos publicados,¹²³ nos quais se analisam todos os fenômenos religiosos presentes no Brasil e sua relação com a pastoral Católica. Neles, o pentecostalismo é interpretado, em linhas gerais, como um movimento que *possui suas raízes na crise da modernidade e que seu crescimento se dá por uma falha da pastoral católica e das demais Igrejas tradicionais*. No final de cada estudo apresentam-se algumas sugestões pastorais. Apenas no segundo volume há uma referência ao diálogo com os pentecostais: "é urgente que a Igreja Católica e as demais Igrejas do CONIC abram canais de diálogo com as Igrejas Pentecostais".¹²⁴ Nos demais números fica evidente que a Igreja Católica no Brasil possui muito mais abertura para o diálogo com as religiões afro-brasileiras do que com os pentecostais. Também insiste-se em todos os estudos e nas sugestões pastorais a renovação pastoral da Igreja Católica, denominada "nova evangelização", tendo por objetivo controlar a evasão de seus fiéis.

Um dado importante é que o Brasil é o único país latino-americano onde a Igreja Católica possui participação ativa em um conselho nacional de Igrejas, o CONIC (*Conselho Nacional de Igrejas Cristãs*),¹²⁵ sendo que em outros ela participa apenas como observadora. Dele, além da Igreja Católica, participam algumas Igrejas Protestantes históricas. Ambas perseguiram os pentecostais em suas origens. Por isso, o principal organismo ecumênico do país, diante do pentecostalismo, não enxergou nele um interlocutor capaz de diálogo, de se estabelecer uma caminhada fraterna, mas um *desafio comum* para as Igrejas históricas. Elias

¹²⁰ BENTO XVI. Homilia do papa Bento XVI na missa de inauguração da V conferência geral do episcopado da América Latina e do Caribe. In: CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. *Documento de Aparecida*. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008. p. 278.

¹²¹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007. p. 93.

¹²² Cf. ALENCAR, 2015, p. 123.

¹²³ CNBB. *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil I*. São Paulo: Paulinas, 1991. - CNBB. *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil II*. São Paulo: Paulus, 1993. - CNBB. *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil III*. São Paulo: Paulus, 1994.

¹²⁴ CNBB, 1993, p. 128.

¹²⁵ Cf. PLOU, 2002, p. 62.

Wolff, membro da comissão teológica do CONIC, no ano de 2002 constatou esta atitude do CONIC diante dos pentecostais, dizendo que este tem procurado aproximar seus componentes numa maior compreensão do pentecostalismo, que pode ser visto como um desafio à proclamação da mensagem das Igrejas históricas, ou como um fator de aproximação delas em torno de uma prática pastoral comum. Os desafios comuns são: internos às Igrejas, pois o espaço não atingido pela ação pastoral destas é o ocupado pelos pentecostais; e externo às Igrejas, como a situação geográfica não alcançada pelas Igrejas históricas que são tomados pelos pentecostais, especialmente os lugares marginalizados. Também a crise cultural, o vazio espiritual e o relativismo religioso são tidos como elementos que estão na raiz do crescimento do pentecostalismo.¹²⁶ Neste ponto, cabe a pergunta de Alencar: “os pentecostalismos brasileiros são antiecumênicos ou os ecumenismos são antipentecostais?”¹²⁷

Quanto à abertura do pentecostalismo ao diálogo com o catolicismo no Brasil, também podem ser feitas algumas observações. Segundo o sociólogo José Bittencourt Filho: “exceto no Brasil, o pentecostalismo clássico latino-americano sustem uma participação ativa no movimento ecumênico”.¹²⁸ Para corroborar com esta afirmação sobre a abertura ecumênica do pentecostalismo no Brasil, pode-se recorrer a duas falas do cientista da religião Alencar, pesquisador do ecumenismo pentecostal. Na primeira, de cunho testemunhal, ele relata:

em um congresso de sociologia na Costa Rica, tomei um susto quando conheci um pastor assembleiano peruano, um dos mais importantes, que era também o principal líder ecumênico em seu país. *Assembleiano ecumênico é escasso no Brasil, mas não na América Latina.*¹²⁹

Na segunda, em entrevista a este pesquisador, Alencar analisa:

o mais irônico é que as ADs no Brasil e demais grupos pentecostais sempre se referem ao ecumenismo e, direto ou indiretamente, à Igreja Católica como uma ação do anticristo, a prostituta do apocalipse; as tratativas ecumênicas seriam apenas uma estratégia diabólica para a dominação do anticristo. Mas, outros pentecostais, em outros países, não têm essa “doutrina”, inclusive, na CDVP [Comissão Internacional de Diálogo Católico Pentecostal] em que 23 pastores assembleianos já participaram.

¹²⁶ Cf. WOLFF, Elias. *Caminhos do ecumenismo no Brasil: história, teologia, pastoral*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 64-65.

¹²⁷ ALENCAR, 2014, p. 221.

¹²⁸ BITTENCOURT FILHO, 1996, p. 235.

¹²⁹ ALENCAR, Gedeon Freire de. *A Assembleia de Deus e a matriz pentecostal brasileira – entrevista com o sociólogo Gedeon Alencar*. Disponível em: <<http://www.genizahvirtual.com/2015/12/a-assembleia-de-deus-e-matriz.html>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

Como brinco com amigos pastores assembleianos antiecumenicos, se o ecumenismo é ação do anticristo, esqueceram de avisar as ADs americanas.¹³⁰

Naturalmente, como comenta Mariano, os pentecostais, que no passado sofreram perseguição religiosa, sendo vítimas de preconceitos e discriminação, desconfiam das intenções dos novos interlocutores, sobretudo da Igreja Católica.¹³¹ Demonstrando o sentimento anticatólico presente no pentecostalismo latino-americano, David Mesquiati registra em seu artigo sobre o Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho de 2012, que quando se abordou o tema do ecumenismo, alguns pentecostais questionaram: “se vamos considerar os católicos e protestantes históricos como cristãos e irmãos, a quem iremos pregar na América Latina?”¹³²

Analisando este sentimento anticatólico pentecostal no Brasil, Volney José Berkenbrock explica que a maioria dos membros das Igrejas Pentecostais no Brasil provém do catolicismo. Isto pelo simples fato de a maioria da população ser ainda católica. Não significando, todavia, que sejam católicos religiosamente engajados. Ao adentrar em uma Igreja Pentecostal, o fiel passa por uma experiência de conversão, que o faz reorganizar seu modo de vida, seus valores. Esta nova ordem religiosa se constrói em contraposição ou em distanciamento de seu universo religioso anterior. Berkenbrock chama a este movimento de identidade na diferença. A maioria das Igrejas Pentecostais construíram sua identidade religiosa no Brasil, justamente tendo como base a oposição, a diferenciação e o distanciamento em relação à Igreja Católica. Do ponto de vista institucional, era para estas Igrejas nascentes uma questão de sobrevivência marcar sua diferença para com o mundo católico e, para os novos convertidos mostrarem sua nova maneira de ser. Tenta-se provar justamente isso: não se é mais católico.

Neste fator, ainda segundo Berkenbrock, o pentecostalismo brasileiro é certamente diferente do pentecostalismo dos EUA, pois lá o elemento de necessidade de contraposição ou de distanciamento do mundo católico não foi tão decisivo porque a maioria dos pentecostais não são oriundos do catolicismo. Assim, como consequência, ao se converter e assumir a identidade pentecostal brasileira, todas as atitudes anteriores, tidas como errôneas ou

¹³⁰ ALENCAR, Gedeon Freire. *Igreja Católica e Assembleia de Deus*. Santa Catarina, jan. 2016. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

¹³¹ Cf. MARIANO, 1996, p. 71.

¹³² OLIVEIRA, David Mesquiati de. Os pentecostais e a mesa de debate: o caso do fórum pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLyC). *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*. Joinville: Refidim, v. 4, n. 2, p. 9-22, 2013. p. 19.

pecaminosas, são relacionadas com a antiga identidade religiosa, ou seja, eram atitudes de católicos, que devem ser evitadas.¹³³

Esta questão da identidade na diferença, dificulta a movimentação das Igrejas Pentecostais em relação a um diálogo ecumênico com a Igreja Católica, pois, por enxergarem no catolicismo algo mal, devem convidar os católicos a desligarem-se de suas estruturas eclesiais, para os salvar.¹³⁴ Logo, como estabelecer relações ecumênicas com aqueles que se tem o projeto de converter? A partir disto, difunde-se a ideia de que o ecumenismo católico é uma artimanha do anticristo, e que ao dialogarem com a Igreja Católica, o passo seguinte será aceitar a dominação romana, tornando os pentecostais e os protestantes apenas ramificações do catolicismo.¹³⁵

Apenas para ilustrar, Elias Wolff apresenta a fala de um pastor assembleiano, que retrata um projeto missionário pentecostal: “se mantivermos as altas taxas de crescimento registradas pela nossa Igreja desde o início [...] chegará o dia em que ninguém mais dirá que o Brasil é o maior país católico do mundo”.¹³⁶ E, o pastor Caio Fábio, fundador da AEVB (Associação Evangélica Brasileira), um órgão extremamente eclético que reunia Igrejas protestantes históricas, pentecostais e movimentos carismáticos na década de noventa, sendo questionado sobre o CONIC, em 1999, respondeu: “no dia que a AEVB tomasse essa decisão [filiar-se ao CONIC], ela perderia oitenta por cento de seus associados. O que temos junto à Igreja Católica? Apenas uma relação de diálogo informal”.¹³⁷ Assim, como propor ecumenismo aos líderes pentecostais com suas Igrejas crescendo sobretudo às custas da Igreja Católica?¹³⁸

Estas são algumas dificuldades encontradas no Brasil para o estabelecimento de um diálogo oficial entre a Igreja Católica e as Igrejas Pentecostais. Todavia, tem surgido, de modo espontâneo, a partir dos leigos, a iniciativa de encontros entre católicos e pentecostais. Não são encontros oficiais, mas fraternos. Estes são o objeto central desta pesquisa, pois são o modelo de diálogo católico-pentecostal que tem se configurado no Brasil. No entanto, para analisá-los, no próximo capítulo serão estabelecidas as relações do catolicismo e do

¹³³ Cf. BERKENBROCK, Volney José. Il Pentecostalismo e il dialogo ecumenico con il cattolicesimo. *Studi Ecumenici*. Veneza: Istituto Di Studi Ecumenici S. Bernerdino, a. 32, n. 2, p. 135-151, Jan-Jun, 2014. p. 138-140.

¹³⁴ Cf. WOLFF, Elias. *O ecumenismo no Brasil: uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 32.

¹³⁵ Cf. BURKETT, 2000, p. 55.

¹³⁶ WOLFF, 1999, p. 32.

¹³⁷ CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs: promessas e desafios*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 140.

¹³⁸ Cf. MARIANO, 1996, p. 72.

pentecostalismo com o movimento ecumênico, entendendo as compreensões de ambos sobre o ecumenismo. Como fundamentação teórica sobre o diálogo, utilizar-se-á a noção de dialogicidade de Paulo Freire e a teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas.



2 DIÁLOGO, ECUMENISMO, CATOLICISMO E PENTECOSTALISMO

Leituras recíprocas sumárias do costume eclesial e teológico parecem impedimentos insuperáveis a um diálogo que busque convergência e consenso.¹³⁹ (Elias Wolff)

O segundo capítulo objetiva, num primeiro momento, refletir sobre a noção de diálogo. Para isso, apresenta-se sinteticamente a teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas e a noção de dialogicidade de Paulo Freire, com o intuito de ser um referencial teórico nesta pesquisa. Estes conceitos não estão ligados diretamente ao estudo da religião, mas serão aqui utilizados como ideias norteadoras para avaliar e compreender o diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil.

Na segunda parte, será apresentada em linhas gerais, a relação entre o catolicismo e o pentecostalismo com o Movimento Ecumênico, para no próximo capítulo analisar o modelo de ecumenismo que está se formando entre católicos e pentecostais no Brasil. Para apresentar o ecumenismo católico utilizaremos principalmente a produção de Elias Wolff, seu principal pesquisador, além de documentos oficiais da Igreja Católica. Quanto ao ecumenismo pentecostal, nos serviremos da recente produção acadêmica de pentecostais sobre o assunto no Brasil e na América Latina, especialmente nas obras da Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais (RELEP) e do Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLYC).

2.1 A noção de diálogo a partir de Jürgen Habermas e Paulo Freire

José Maria Monteoliva reflete que considera muito pobres as definições dos dicionários para o diálogo, que o definem apenas como comunicação, discussão e exposição de ideias, pois tais ideias pressupõem apenas a exposição de verdades intocáveis. Para ele, o diálogo deve ser uma atitude bem mais profunda, que é a suspeita de que minha opinião, que acredito ser verdade, não seja tão verdadeira assim, podendo mudar, e a aceitação de que o outro que dialoga comigo pode contribuir com novos dados e perspectivas.¹⁴⁰ Nesta direção, apresentar-se-á agora duas noções de diálogo, a de Jürgen Habermas, provinda da filosofia, e a de Paulo Freire, surgida a partir de sua experiência com a educação popular.

¹³⁹ WOLFF, Elias. O ecumenismo no horizonte do Concílio Vaticano II. *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, a. 15, n. 39, p. 403-428, set/dez, 2011. p. 406.

¹⁴⁰ Cf. MONTEOLIVA, José Maria. *O diálogo: para a construção do novo homem numa sociedade democrática*. São Paulo: Loyola, 1991. p. 11-12.

2.1.1 A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas

A intenção aqui é a de apresentar sinteticamente o conceito de ação comunicativa de Jürgen Habermas, destacando a noção de diálogo habermasiano. Ele é considerado um representante da Escola de Frankfurt, porém, desenvolve sua teoria da ação comunicativa em um diálogo constante com autores de uma ampla gama de linhas teóricas.¹⁴¹ Segundo Paulo César de Oliveira, Habermas via com preocupação, nos anos setenta do século passado, na Alemanha e no Ocidente, o forte emergir de tendências contrapostas, neoconservadoras e neo-anárquicas, que rejeitam as sociedades democráticas. Nesse contexto, surge a obra *Teoria do Agir Comunicativo*, em 1981.¹⁴²

O teórico em questão propõe redirecionar a função da filosofia, para deixar de ser uma filosofia da consciência – que privilegia o sujeito com a razão fundamentada na análise do conhecimento e da ação unicamente na busca de relações entre o sujeito e o objeto – para uma filosofia intersubjetiva – que privilegia interlocutores, com a razão fundamentada na análise da linguagem. Porém, *linguagem* aqui enquanto forma de comunicação.¹⁴³ Flávio Breno Siebeneichler afirma que o que define cada um destes paradigmas é a sua relação com o sujeito cognoscente, pois no paradigma da filosofia da consciência, o sujeito é interpretado basicamente como dotado de capacidade de assumir um duplo enfoque em relação ao mundo dos objetos possíveis: o conhecimento de objetos e a dominação.

Já no paradigma da comunicação, proposto por Habermas, o sujeito cognoscente não seria mais definido exclusivamente como sendo aquele que se relaciona com os objetos para conhecê-los ou para agir por meio deles e dominá-los, mas como aquele que, durante seu processo de desenvolvimento histórico, é obrigado a entender-se junto com outros sujeitos sobre o que pode significar o fato de conhecer objetos ou agir por meio de objetos, ou ainda dominar objetos e coisas. Trata-se de uma racionalidade que não é abstrata, porém, processual, acompanhando o desenvolvimento da espécie humana, configurando-se como a intersubjetividade do possível entendimento no nível interpessoal.¹⁴⁴

¹⁴¹ Cf. PINTO, José Marcelino de Rezende. A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar. *Paidéia*. USP: Ribeirão Preto, p. 77-96, fev./ago., 1995. p. 77.

¹⁴² Cf. OLIVEIRA, Paulo César de. A ética da ação comunicativa em Jürgen Habermas. *Estudos Filosóficos*. São João Del-Rei: UFSJ, n. 1, p. 14-22, 2008. p. 18.

¹⁴³ Cf. PINENT, Carlos Eduardo da Cunha. Sobre os mundos de Habermas e sua ação comunicativa. *FAMAT: Revista da ADPPUCR. PUCRS: Porto Alegre*, n. 5, p. 49-56, 2004. p. 49.

¹⁴⁴ Cf. SIEBENEICHLER, Flávio Beno. *Jürgen Habermas: razão comunicativa e emancipação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 61-63.

A filosofia para Habermas, seguindo a tradição da filosofia ocidental, consiste no objetivo de esclarecer os atributos que caracterizam a ideia da razão pois, para ele, ela é o tema fundamental da filosofia. Mas a razão, para Habermas, manifesta-se historicamente e de forma linguística. Por isso, a temática da razão remete à questão da linguagem. A linguagem torna-se como que a explicitação da razão, ou melhor, torna-se a própria razão¹⁴⁵ e a tendência para o diálogo e para o consenso seria imanente à própria humanidade, pois se inscreve na linguagem que é entendida como seu traço distintivo.¹⁴⁶ Segundo Habermas, por meio da análise linguística pode-se formular um conceito mais amplo de razão pois a razão que pode ser descoberta pela análise da atividade dos sujeitos linguísticos é uma razão intersubjetiva e não instrumental, porque a prática linguística envolve pelo menos dois participantes e tem como único objetivo o entendimento.¹⁴⁷

Também, como conceito complementar, para a teoria da ação comunicativa existem sujeitos/atores dotados de capacidade linguística e três mundos com os quais estes se relacionam: o mundo objetivo, o mundo social e o mundo subjetivo. Esta diferenciação, segundo ele, é o que distingue o pensamento moderno do modo de pensar mítico. Ao contrário do último, o primeiro assume que as interpretações variam com relação à realidade social e natural e que as crenças e valores variam em relação ao mundo objetivo e social.¹⁴⁸ Esses mundos formam o palco onde opera a intersubjetividade humana:

em suas operações interpretativas os membros de uma comunidade de comunicação deslindam o mundo objetivo e o mundo social que intersubjetivamente compartilham, frente ao mundo subjetivo de cada um e frente a outros coletivos.¹⁴⁹

Sinteticamente, Habermas entende o mundo objetivo como a totalidade de entidades sobre as quais são possíveis afirmações verdadeiras, o mundo social como a totalidade das relações interpessoais legitimamente reguladas e o mundo subjetivo como a totalidade das experiências à qual o falante tem acesso e pode expressar ante um público.¹⁵⁰ Assim, o mundo objetivo goza de um status realista, ontológico. Entretanto, com a redirecionamento filosófico

¹⁴⁵ Cf. DUTRA, Delamar José Volpato. *Razão e consenso em Habermas: a teoria discursiva da verdade, da moral, do direito e da biotecnologia*. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. p. 9-10.

¹⁴⁶ Cf. BAUMGARTEN, Maria. Habermas e a emancipação: rumo à democracia discursiva?. *Teoria Social: Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre: UFRGS, v. 10, p. 137-178, 1998. p. 143.

¹⁴⁷ Cf. ARAGÃO, Lúcia Maria de Carvalho. *Razão comunicativa e teoria social em Jürgen Habermas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006. p. 30.

¹⁴⁸ Cf. PINTO, 1995, p. 80.

¹⁴⁹ HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social*. Tomo I. Madrid: Taurus, 1987. p. 104.

¹⁵⁰ Cf. HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: 2. Sobre a crítica da razão funcionalista*. São Paulo: Martins Fontes, 2012b. p. 220.

de Habermas, a partir da relação intersubjetiva propiciada pela linguagem, deve-se pensar outros dois mundos que não gozam de estatuto ontológico, o social e o subjetivo, pois não possuem a intenção de construir frases assertivas correspondentes ao mundo objetivo das coisas.¹⁵¹ Cada um desses supõe uma pretensão de validade: ao mundo objetivo corresponde a pretensão de *verdade*, ao mundo social a pretensão de *correção*, e ao mundo subjetivo a pretensão de *sinceridade*.¹⁵²

Para Habermas, a junção destes três mundos forma um sistema de referências denominado *mundo da vida*, que é o pano-de-fundo de uma ação comunicativa. O conceito de mundo da vida é complementar ao de ação comunicativa, pois abrange o conjunto de referências da situação da ação.¹⁵³ Os sujeitos falantes e agentes criam o contexto social da vida, direta ou indiretamente, produzindo objetos simbólicos que corporificam estruturas de conhecimento, que, segundo Lúcia Maria de Carvalho Aragão, podem ser divididas: 1º- sob a forma de expressões imediatas: atos de fala, atividades e metas dirigidas a metas e ações cooperativas; 2º- sob a forma dessas sedimentações imediatas: textos, tradições, documentos, obras de arte, objetos de cultura material, bens, técnicas, etc; 3º- e finalmente, no nível de maior complexidade, sob a forma de configurações geradas indiretamente: as instituições, os sistemas sociais e as estruturas de personalidade.¹⁵⁴

Esse conjunto de objetos forma uma realidade estruturada simbolicamente (mundo da vida). Este, conforme sintetizado por José Marcelino Rezende Pinto, é dividido em três componentes estruturais: 1º- *Cultura*, entendida como o estoque de conhecimento do qual os atores suprem-se de interpretações quando buscam a compreensão sobre algo no mundo; 2º- *Sociedade*, entendida como as ordens legítimas através das quais os participantes regulam suas ações no grupo social; 3º- *Pessoa*, entendida como as competências que tornam um sujeito capaz de falar e agir, ou seja, de compor sua própria personalidade.¹⁵⁵

Junto ao mundo da vida se necessita conceituar o *sistema* pois, para Habermas, a sociedade está dividida em *mundo da vida* e *mundo do sistema*. A ideia de sistema baseia-se na análise de que o sistema social, o qual tende ao equilíbrio auto-regulativo, possui diferenciações funcionais em subsistemas. Assim, partindo desses dois conceitos, Habermas pensa em uma sociedade estruturada em dois níveis: da integração social e da integração sistêmica. A primeira se dá no mundo da vida, é mediada por valores, normas e pela

¹⁵¹ Cf. PINENT, 2004, p. 50.

¹⁵² Cf. ARAGÃO, 2006, p. 32.

¹⁵³ Cf. HABERMAS, 2012b, p. 218.

¹⁵⁴ Cf. ARAGÃO, 2006, p. 44.

¹⁵⁵ Cf. PINTO, 1995, p. 81.

consciência dos indivíduos. Já a integração sistêmica parte de uma lógica própria, independente dos sujeitos, na qual as ações se organizam formalmente e são determinadas por cálculos interessados, o que hoje se cristalizou em dois subsistemas: o político e o econômico, cujos meios de integração são respectivamente o poder e o dinheiro.¹⁵⁶

Em outras palavras, segundo Márcia Cristina Amaral da Silva, o mundo do sistema pode ser considerado como o mundo formal, das regras, das leis, das normas, ou seja, um mundo construído a partir de um determinado paradigma dominante em uma dada época, em que toda organização social, política, econômica e cultural está moldada a partir deste paradigma. Ele se reflete na organização da sociedade, da educação com a tentativa de controle do mundo da vida. E o mundo da vida é o lugar das relações sociais espontâneas, das reais necessidades dos sujeitos, seus sentimentos e participações, dos vínculos com seus semelhantes, intuitivo, não tematizado.¹⁵⁷

Tendo contextualizado todos estes conceitos, apresenta-se a proposta de Habermas de um modelo ideal de ação comunicativa, em que as pessoas interagem e, por meio da utilização da linguagem, em igualdade de condições para expressarem-se e para produzir opiniões pessoais, organizam-se socialmente, buscando o consenso de uma forma livre de toda coação externa e interna.¹⁵⁸ Habermas define a ação comunicativa (ação orientada ao entendimento) em oposição à ação estratégica (ação orientada ao êxito). Com relação à linguagem, na ação estratégica ela se limita a instrumento de transmissão de informações, na ação comunicativa aparece como fonte de integração social, geradora de entendimento.¹⁵⁹ Com relação aos mundos, a ação estratégica está relacionada à lógica do mundo do sistema, pois é impessoal, já a ação comunicativa está relacionada ao mundo da vida, pois trata de relações pessoais, simbólicas e mediadas linguisticamente.¹⁶⁰ Assim, Habermas entende uma ação como comunicativa

quando os planos de ação dos atores envolvidos são coordenados não por meio de cálculos egocêntricos do êxito que se quer obter, mas por meio de atos de entendimento. No agir comunicativo os participantes não se orientam em primeira linha pelo êxito de si mesmos; perseguem seus fins individuais sob a condição de

¹⁵⁶ Cf. BASTOS, Carolina Vieira R. de A; OLIVEIRA, Simone Vinhas. Ação comunicativa e ação dialógica: contribuições para uma educação libertadora. *Aprender: caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*. UESB: Vitória da Conquista, a. IV, n. 7, p. 119-134, 2006. p. 125-126.

¹⁵⁷ Cf. BAUMGARTEN, 1998, p. 150.

¹⁵⁸ Cf. GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. *Educação e sociedade*. Campinas: UNICAMP, a. XX, n. 66, p. 125-140, 1999. p. 133.

¹⁵⁹ Cf. BASTOS, 2006, p. 124.

¹⁶⁰ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Missão, cultura e transformação: desafios para a prática missionária comunicativa*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2011. p. 21.

que sejam capazes de conciliar seus diversos planos de ação com base em definições comuns sobre a situação vivida. De tal forma, a negociação sobre as definições acerca da situação vivida faz-se um componente essencial das exigências interpretativas necessárias ao agir comunicativo.¹⁶¹

Em outras palavras, resumidamente, José Marcelino de Rezende Pinto explica:

a ação comunicativa sugere, como uma interação de, no mínimo dois sujeitos, capazes de falar e agir, que estabelecem relações interpessoais com o objetivo de alcançar uma compreensão sobre a situação em que ocorre a interação e sobre os respectivos planos de ação com vistas a coordenar suas ações pela via do entendimento.¹⁶²

Desta forma, a ação comunicativa, como forma de mecanismo da coordenação das ações baseadas na intersubjetividade do entendimento linguístico vai acarretar a total ausência de coerção, já que as posições assumidas deverão levar em conta a possibilidade de que venham a ser contestadas pelos demais, devendo provar-se por suas pretensões de validade, por meio de argumentos racionais, e não por qualquer influência externa ou pelo uso da força. Esse tipo de ação social, dessa forma, assume um caráter emancipatório, pois, na medida em que os homens pensam, falam e agem coletivamente de forma racional, estão se libertando não só das formas de conceber o mundo e a si impostas pela tradição, como das formas de poder hipostasiadas pelas instituições. Por isso, a ação comunicativa torna-se uma maneira de combater o dogmatismo, a dominação social, enfim, qualquer forma de coação interna ou externa imposta aos sujeitos falantes e agentes.¹⁶³

Contrária à ação comunicativa, a ação estratégica está fundamentada em uma posição egocêntrica, pois, para Habermas, “os atores estão exclusivamente orientados para o sucesso [...] eles tentam alcançar os objetivos de sua ação influenciando externamente, por meio de armas ou bens, ameaças ou seduções”.¹⁶⁴ Assim, a ação estratégica fundamenta uma sociedade com instituições fortes e verdades descritas em tom metafísico, influenciando sobre os planos de ação, onde até mesmo o uso da violência é justificado para fazer valer a única interpretação tida como possível. Esta lógica busca favorecer o interesse de atores individuais ou institucionais

¹⁶¹ HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo*: 1. Racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a. p. 496.

¹⁶² PINTO, 1995, p. 80.

¹⁶³ Cf. ARAGÃO, 2006, p. 54-55.

¹⁶⁴ HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 164.

que impõem seus planos de ação, reduzindo o outro a um instrumento para chegar aos seus objetivos.¹⁶⁵

Assim, resumidamente, pode-se distinguir os diferentes tipos de ação, segundo a tipologia de Habermas: se o modo de coordenação visa ao entrelaçamento de cálculos egocêntricos de utilidade, temos a ação teleológica; que pode tornar-se ação estratégica, quando nesse cálculo entrar a antecipação de decisões por parte de, pelo menos, um ator. Se visa um acordo socialmente integrante sobre valores e normas, instituído por meio da tradição cultural e da socialização, temos a ação regulada normativamente. Se visa a uma relação consensual entre atores e seu público, tem-se a ação dramatúrgica. Por fim, visa-se alcançar entendimento, no sentido de um processo de interpretação cooperativa, mas, ao mesmo tempo, não se limita a apenas isso, pois deve permitir o estabelecimento de relações com o mundo, tem-se a ação comunicativa.¹⁶⁶

2.1.2 A dialogicidade em Paulo Freire

O conceito de dialogicidade é fundamental para a pedagogia de Paulo Freire,¹⁶⁷ pois, segundo Leonardo Boff: “toda a pedagogia de Paulo Freire é uma permanente dialogação das pessoas entre si e de todas com a realidade circundante em vista de sua transformação”.¹⁶⁸ Porém, ele apresenta em sua obra o diálogo como um fenômeno humano, dizendo que “o diálogo é uma exigência existencial”,¹⁶⁹ podendo, então, ser aplicado a outras realidades humanas. Como principal referencial teórico, utilizaremos o terceiro capítulo da obra *Pedagogia do oprimido*, intitulado: *A dialogicidade: essência da educação como prática da*

¹⁶⁵ Cf. OLIVEIRA, 2014, p. 22.

¹⁶⁶ Cf. ARAGÃO, 2006, p. 53-54.

¹⁶⁷ Paulo Freire é um dos mais importantes educadores do século XX e um dos mais expressivos pensadores do nosso tempo. Nascido em 19 de setembro de 1921, é o criador de uma autêntica teoria do conhecimento e autor de cerca de 40 obras, traduzidas em mais de 20 idiomas. A infância pobre, no Recife, nordeste brasileiro, foi o contato primeiro com uma realidade que se tornou cenário para sua inovadora prática educacional. Ainda menino, aprendeu a escrever à sombra das mangueiras, no quintal da casa, com os pais. Foi no contato permanente com trabalhadores – quando diretor do SESI recifense – e, também, nos movimentos populares das décadas de 1950 e 1960, que buscou a inspiração para formular suas concepções, especialmente para a elaboração de seu método de alfabetização e educação de adultos. Paulo Freire dedicou-se à causa das classes oprimidas, especialmente por meio da alfabetização, concebendo-a e aplicando-a como instrumento de conscientização e libertação. Cf. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Paulo Freire: educar para transformar*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005. p. 8.

¹⁶⁸ BOFF, Leonardo. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia de esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p. 9.

¹⁶⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. p. 109.

liberdade, por ser o principal capítulo onde ele aborda a questão do diálogo, além de outras obras de Freire e comentadores.

Ao falar de dialogicidade em Paulo Freire, apresenta-se uma clássica página da *Pedagogia do Oprimido* que ilustra a importância do diálogo para ele:

se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. [...]
 Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?
 Como posso dialogar, se me admito como um diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em que não reconheço *outros eu*?
 Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”?
 Como posso dialogar se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?
 Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?
 Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho?¹⁷⁰

Com estes questionamentos, segundo Maria de Jesus dos Santos, o diálogo em Freire possui os seguintes pressupostos básicos: a autossuficiência é incompatível com o diálogo, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há pessoas que se encontram e buscam saber mais, portanto, é necessário deslocar-se, dar um salto, sair da moldura da autoridade.¹⁷¹ Ele também defende que o diálogo se dá entre diferentes, nunca entre antagônicos. Entre estes o máximo que pode haver é um pacto. Por exemplo, no caso de opressores e oprimidos, onde o opressor vai justificar os motivos pelos quais considera justo oprimir, ao passo que o oprimido vai apresentar os motivos pelos quais considera justo não ser mais oprimido. Dentro de um contexto como este, torna-se impossível o diálogo, pois cada um irá conduzi-lo para direções opostas. Entre diferentes, contudo, apesar da diferença entre eles, os objetivos podem ser os mesmos.¹⁷²

Falar da pedagogia de Paulo Freire, para Noêmia Santos, é falar de sua vida, sua história, seus encantos e desencantos pronunciando este mundo. A sua pedagogia se fundamenta em experiências de vida e estudo profundo de diversos autores.¹⁷³ E, para Eder

¹⁷⁰ FREIRE, 2015. p. 111-112.

¹⁷¹ Cf. SANTOS, Maria de Jesus dos. A dialogicidade no pensamento de Paulo Freire e de Hans Georg Gadamer e implicações na cultura escolar brasileira. *Cadernos do PET filosofia*. Teresina: UFPI, v. 5, n. 10, p. 1-11, jul-dez, 2014. p. 6.

¹⁷² Cf. SANTOS, Noêmia. *Por uma educação libertadora: pedagogia dialógica a partir de Paulo Freire e Juan Luis Segundo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 51.

¹⁷³ Cf. SANTOS, 2012, p. 25.

Soares, essa é sua marca, pois, Paulo Freire não pensa apenas pensamentos, teorias. Pensa a realidade e a ação sobre ela. Trabalha teoricamente a partir dela para transformá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não como objetos.¹⁷⁴ Assim, sua teoria dialógica é fruto de uma vida dialógica. Como comenta Joze Toniolo, na fala do próprio Paulo Freire percebemos sua vida fortemente marcada pelos laços familiares, suas experiências de vida, pelas relações que estabeleceu, primeiramente, com seu pai e sua mãe, pela relação de muito diálogo e respeito que os ligava.¹⁷⁵ Essa passagem da sua fala deixa muito presente a vivência dialógica que era estabelecida na relação com sua família:

com eles aprendi o diálogo que procuro manter com o mundo, com os homens, com Deus, com minha mulher, com meus filhos. O respeito de meu pai pelas crenças religiosas de minha mãe ensinou-me desde a infância a respeitar as opções dos demais.¹⁷⁶

Fica evidente na fala de Freire que foi, inicialmente, com seus pais que aprendeu a dialogar. Diálogo, este, que ele mesmo afirma que procurava manter com o mundo, sendo sempre uma marca muito presente em toda a sua obra e sua práxis de vida,¹⁷⁷ como se depreende deste seu testemunho:

como professor não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir um tema, ao analisar um fato, ao expor minha posição em face de uma decisão governamental. Minha segurança não repousa na falsa suposição de que sei tudo, de que sou o “maior”. Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo que se junta à certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria existência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer. Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objetivo da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude. O sujeito que se abre ao mundo e aos outros

¹⁷⁴ Cf. SOARES, Eder. *A dialogicidade freiriana na educação de jovens e adultos*. Doutorado em Serviço Social [tese]. Franca: Universidade Estadual Paulista, 2006. p. 40.

¹⁷⁵ Cf. TONIOLO, Joze M. S. A. *Diálogo e amorosidade em Paulo Freire: dos princípios às atitudes na formação de professores*. Mestrado em Educação [Dissertação]. Santa Maria: UFSM, 2010. p. 45.

¹⁷⁶ FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980. p. 13.

¹⁷⁷ Cf. TONIOLO, 2010, p. 45.

inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História.¹⁷⁸

A partir deste relato de Freire sobre o diálogo em sua vida, fica expresso um dos principais conceitos para se compreender a dialogicidade em seu pensamento, que é o ser humano como inacabado, como inconcluso. A antropologia de Freire concebe o sujeito sempre em construção, fundamentada na consciência do inacabamento, como algo próprio da experiência vital.¹⁷⁹ E, o inacabamento, para Freire, pressupõe uma intersubjetividade com a diversidade dos outros:

na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em um movimento de busca. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros.¹⁸⁰

Então, se o ser humano nunca está pronto, acabado, ele é um ser histórico, que se constitui em sua trajetória, e, é o diálogo que produz a história,¹⁸¹ como afirma Freire: “o diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e ninguém possui iniciativa absoluta. [...] O diálogo não é um produto histórico, é a própria historiarização”.¹⁸² Por isso, no processo de construção dos sujeitos, o diálogo é mais que o encontro dos homens, mas se impõe como o caminho pelo qual os homens ganham significação como homens.¹⁸³

Por isso, para ele, não é no silêncio que as pessoas se fazem, mas na *palavra*. Este conceito é essencial para a noção de dialogicidade de Freire, pois a palavra possui duas dimensões: ação e reflexão; que estão unidas radicalmente, pois, para Freire, não há palavra verdadeira que não seja práxis.¹⁸⁴ Então, o diálogo não é só um encontro de dois sujeitos que buscam apenas o significado das coisas (o saber), mas um encontro que se realiza na práxis (ação + reflexão), no engajamento, no compromisso com a transformação social. Dialogar não

¹⁷⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 85-86.

¹⁷⁹ Cf. ROSA, Nilson Carlos da. Freire e Habermas: contribuições à reflexão da práxis educativa na contemporaneidade. In: IX Seminário Nacional Diálogos com Paulo Freire: Utopia, Esperança e Humanização, 2015. p. 5.

¹⁸⁰ FREIRE, 1996, p. 57-58.

¹⁸¹ Cf. ROSA, 2015, p. 6.

¹⁸² FREIRE, 2015, p. 22.

¹⁸³ Cf. BASTOS, 2006, p. 129.

¹⁸⁴ Cf. FREIRE, 2015, p. 107.

é trocar ideias. O diálogo que não leva à ação transformadora é puro verbalismo. Assim, o pensamento de Paulo Freire tem uma relação direta com a realidade.¹⁸⁵

O diálogo supõe transformação. Mas, não há transformação pacífica. Ela é sempre conflituosa. É sempre ruptura com alguma coisa: preconceitos, hábitos, comportamentos, entre outros.¹⁸⁶ Prefaciando Paulo Freire, Gadotti procura mostrar a insuficiência de uma concepção do diálogo baseada apenas na unidade e na reciprocidade:

o diálogo de que nos fala Paulo Freire não é o diálogo romântico entre oprimidos e opressores, mas o diálogo entre os oprimidos para a superação de sua condição de oprimidos. Esse diálogo supõe e se completa, ao mesmo tempo, na organização da classe, na luta comum contra o opressor, portanto, no conflito.¹⁸⁷

Deste modo, o diálogo não pode excluir o conflito. Do contrário, corre o risco de tornar-se um diálogo ingênuo. Por isso, diálogo e conflito atuam dialeticamente. O referencial maior dessa pedagogia do diálogo é a práxis, a ação transformadora. *Práxis*, em grego, significa literalmente “ação”. A pedagogia da práxis radica numa antropologia que considera os seres humanos como sujeitos da sua história, que se transformam na medida em que transformam o mundo. A transformação do mundo como objetivo da educação é fundada numa visão utópica da sociedade e do papel da educação que deve permitir uma leitura crítica do mundo. O mundo que nos rodeia é um mundo inacabado e isso implica a denúncia da realidade injusta, inacabada e, conseqüentemente, a crítica transformadora, portanto, o anúncio de outra realidade.¹⁸⁸ Assim, o fundamental nesta ideia de Freire é que a palavra possibilita a pronúncia e a transformação do mundo e, nesse sentido, o diálogo aparece como o caminho pelo qual as pessoas ganham significação.¹⁸⁹

Paulo Freire também estabelece alguns elementos que considera essenciais para que se estabeleça um diálogo sincero. Estes se encontram elencados na *Pedagogia do oprimido* da seguinte maneira:

1º- *Amor*: não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na dominação. Nesta, o que há é patologia do amor: sadismo em quem domina. Masoquismo nos dominados. Amor, não. Ao contrário, o amor é

¹⁸⁵ Cf. SOARES, 2006, p. 40.

¹⁸⁶ Cf. SOARES, 2006, p. 41.

¹⁸⁷ GADOTTI, Moacir. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 13.

¹⁸⁸ Cf. SOARES, 2006, p. 41.

¹⁸⁹ Cf. GABASSA, Vanessa. *Comunidades de aprendizagem: a construção da dialogicidade na sala de aula*. Doutorado em Educação [Tese]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2009. p. 40.

compromisso com a causa dos humanos oprimidos, pois é ato de liberdade, não podendo ser pretexto de manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor.¹⁹⁰

2°- *Humildade*: não há diálogo se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os seres humanos o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Se alguém não é capaz de sentir-se tão humano quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há humanos que, em comunhão, buscam saber mais.¹⁹¹

3°- *Fé nos seres humanos*: não há também diálogo se não há uma intensa fé nos seres humanos. Fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas de todos os seres humanos. O ser humano dialógico tem fé nos humanos antes de encontrar-se frente-a-frente com eles. Esta, contudo, não é uma fé ingênua.¹⁹²

4°- *Confiança*: ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos humanos, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo. Se lhes falta confiança, é que falharam as condições anteriores. A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos. Dizer uma coisa e fazer outra, não levando a palavra a sério, não pode ser estímulo à confiança.¹⁹³

5°- *Esperança*: também não existe diálogo sem esperança. Ela está na própria essência da imperfeição humana, levando-nos a uma eterna busca. Uma tal busca, que não se faz no isolamento, mas na comunicação entre os seres humanos – o que é impraticável numa situação de agressão. Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero. Se o diálogo é o encontro de pessoas para serem mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu quefazer, já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso.¹⁹⁴

¹⁹⁰ Cf. FREIRE, 2015, p. 110-111.

¹⁹¹ Cf. FREIRE, 2015, p. 111-112.

¹⁹² Cf. FREIRE, 2015, p. 112.

¹⁹³ Cf. FREIRE, 2015, p. 113.

¹⁹⁴ Cf. FREIRE, 2015, p. 113-114.

6º- *Pensar crítico*: finalmente, não há diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Este é o pensar que percebe a realidade como processo, que a capta em constante devir e não como algo estático. Assim, para o pensar ingênuo, o importante é a acomodação a este hoje normalizado. Para o crítico, a transformação permanente da realidade, para a permanente humanização das pessoas. Para o pensar ingênuo, a meta é agarrar-se a este espaço garantido, ajustando-se a ele e, negando a temporalidade, negar-se a si mesmo. Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo.¹⁹⁵

Contrário a todos estes elementos apresentados sobre o diálogo, Freire chama a atenção para o antidiálogo, a ação antidialógica. Ela acontece numa relação em que uma pessoa se sobrepõe a outra querendo dominá-la, pois o sujeito que não é amoroso, humilde e não tem grande fé nos outros, certamente quererá impor sua verdade em qualquer discussão.¹⁹⁶ Então, na ação antidialógica, segundo Freire, o dominador, nas suas relações com o seu contrário, pretende apenas dominá-lo e busca manter a situação de opressão, para que as massas sejam manipuladas por seus objetivos.¹⁹⁷

Até aqui vimos, resumidamente, as noções de diálogo de Jürgen Habermas e Paulo Freire. Segundo a teoria da ação comunicativa, o diálogo para Habermas está baseado em seu conceito de razão comunicativa, onde os sujeitos são obrigados a entender-se junto com outros sujeitos sobre o que pode significar algum objeto ou agir sobre um objeto. Ele sugere uma interação de no mínimo dois sujeitos, capazes de falar e ação, livres de qualquer coerção externa, que estabelecem relações interpessoais com o objetivo de alcançar uma compreensão sobre a situação em que ocorre a interação e sobre os respectivos planos de ação com vistas a coordenar suas ações pela via do entendimento. Em Paulo Freire o diálogo possui como objetivo a libertação dos sujeitos. Para ele somos seres sempre em construção e é no diálogo que nos fazemos. O diálogo é composto pela reflexão e pela ação. Reflexão, que permite compreender e significar a realidade e ação que faz transformar a realidade. A partir de agora, veremos as relações do catolicismo e do pentecostalismo com o movimento ecumênico, que é o movimento que propõe estabelecer o diálogo entre as diferentes igrejas cristãs.

¹⁹⁵ Cf. FREIRE, 2015, p. 114-115.

¹⁹⁶ Cf. SANTOS, 2012, p. 56-57.

¹⁹⁷ Cf. FREIRE, 2015, p. 185.

2.2 Movimento ecumênico, catolicismo e pentecostalismo

Ecumenismo, em sua tradução literal do grego *Oikoumene*, significa “terra habitada”.¹⁹⁸ Mas em seu sentido moderno, o movimento ecumênico é entendido como o esforço de diálogo e de cooperação mútua entre os cristãos de diversas denominações.¹⁹⁹ Do ponto de vista teológico, o movimento ecumênico apresenta como fundamento a oração de Jesus que teria dito: “Pai que todos sejam um” (João 17,21), e acredita que a divisão entre os cristãos é um pecado, uma vergonha para o testemunho do Cristianismo ao mundo. Assim, ele tenta ser uma tomada de consciência acerca da necessidade de uma concordância mínima entre os cristãos das diferentes igrejas, para um testemunho consistente do Evangelho. Do ponto de vista social, o movimento ecumênico possuiria a missão de lutar contra a intolerância religiosa, ajudando a lançar um novo olhar sobre o pluralismo religioso, compreendendo, segundo Elias Wolff, que a pluralidade é uma condição da Igreja na história e não um problema a ser resolvido. O que deve ser evitado é que tal fato seja motivo de discórdia e divisão entre os cristãos.²⁰⁰

O movimento ecumênico moderno foi iniciado por líderes protestantes na Europa e, posteriormente, obteve adesão das igrejas ortodoxas no Oriente. Após o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica também passou a dialogar nesse contexto. Ele possui suas raízes nos movimentos de diálogo e associação de igrejas e grupos cristãos, que marcam o período da expansão missionária protestante, entre o final do século XVIII e meados do século XX.²⁰¹ De início, não foi um movimento unitário, mas, um conjunto de movimentos, como o *Conselho Missionário Internacional*, *Fé e Ordem* e o *Movimento Vida e Ação*, que, em meados do século XIX, trabalhavam na constituição dos pilares fundamentais do ecumenismo moderno: a missão, a doutrina e o serviço. A partir das primeiras décadas do século XX, expressou-se com maior intensidade, como resultado desses distintos movimentos, sendo fundado o

¹⁹⁸ Cf. BRAKEIMEIER, Gottfried. *Preservando la unidad Del Espíritu em el vínculo de la paz*. Un curso de ecumenismo. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. p. 11.

¹⁹⁹ Cf. MARQUES, Luís Henrique. Igreja Católica e ecumenismo/enculturação: da revisão conceitual ao impasse com o advento das estratégias de marketing. *Rever*. São Paulo: PUC-SP, a. 12, n. 2, p. 23-34, jul/dez, 2012. p. 25.

²⁰⁰ Cf. WOLFF, Elias. *A unidade da Igreja: ensaio de eclesiologia ecumênica*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 226-227.

²⁰¹ Cf. RIBEIRO, Cláudio; CUNHA, Magali. *O rosto ecumênico de Deus: reflexões sobre ecumenismo e paz*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 64.

Conselho Mundial de Igrejas (CMI).²⁰² Nesta dissertação, apresentaremos apenas as principais características do catolicismo e do pentecostalismo em relação ao ecumenismo.

2.2.1 O catolicismo e o ecumenismo

Até o pontificado de João XXIII, com o Concílio Vaticano II, a posição predominante na Igreja Católica era a de desconfiança e até hostilidade para com os esforços em prol da unidade que eram desenvolvidos fora do âmbito da jurisdição vaticana. Como lembra Júlio H. de Santa Ana, na trajetória do catolicismo romano, desde o começo do segundo milênio, foi crescendo o predomínio de um dogmatismo rígido, até o tempo do Concílio Vaticano I. E não se deve esquecer que foi neste período que nasceu e teve impulso a Inquisição, o Santo Ofício, que tinha a incumbência de inspecionar e censurar tudo o que parecesse ter traços de heresia. Assim, surgiu dentro do catolicismo, um forte espírito de intolerância.²⁰³ Mas, já a partir de Constantino no século IV, ela afirmou-se com base a princípios de autoridade e autossuficiência. Esses princípios foram alicerçados teologicamente no ministério petrino (papado) e na identificação da organização eclesiástica romana como a única e verdadeira Igreja de Cristo, e, socialmente, em sua hegemonia política, desenvolvendo uma eclesiologia exclusivista e triunfalista.²⁰⁴

Como consequência desta mentalidade, “da parte do magistério, diálogo era quase sinônimo de obediência e silêncio obsequioso, com dificuldades para considerar os elementos de verdade presentes na fala do outro”.²⁰⁵ Nesse sentido, Elias Wolff recorda fatos como: no século V, nunca se soube o que realmente Nestório teria a dizer no Concílio de Éfeso, pois ele sequer foi ouvido na reunião dos bispos. Nas controvérsias do século XI, o jogo de poder entre Roma e Constantinopla provocou um diálogo de surdos. No início dos conflitos com os protestantes no século XVI, as autoridades romanas não se dispuseram a ouvir Lutero – e os bispos de sua região só o fizeram após o agravamento do conflito, agora, porém, com a influência de muitos fatores não propriamente teológicos. Nessas situações conflitivas, mais

²⁰² Cf. SILVA, Antônio Francisco; CARDOSO, Luís de Souza. Teologia ecumênica e modernidade: uma síntese do movimento ecumênico na história. In: HIGUET, Etienne A. (Org.). *Teologia e modernidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005. p. 71.

²⁰³ Cf. SANTA ANA, Júlio H. de. *Ecumenismo e libertação: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus*. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1991. p. 82.

²⁰⁴ Cf. WOLFF, 2011, p. 407.

²⁰⁵ WOLFF, Elias. O diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo no Documento de Aparecida. *REB - Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, a. 68, n. 271, p. 532-569, abr/jun, 2008. p. 533.

que diálogo, houve encontros para debates, já destinados a fazer com que o crítico à igreja romana se retratasse e retirasse seus posicionamentos antes mesmo de fazer-se compreender.²⁰⁶ Como foi apontado no início deste capítulo, em linguagem freireana, predominava o antidiálogo ou a atitude antialógica.

Assim, por décadas o movimento ecumênico, que possui origem protestante, teve sua natureza, motivações e objetivos duramente contestados pelo magistério católico. É fato que o Código de Direito Canônico, de 1917, continha um cânon (n. 1325) que proibia os católicos de participarem de encontros, especialmente públicos, com não católicos, a não ser com a permissão da sé apostólica.²⁰⁷ A primeira vez que a igreja romana enviou representantes num evento do Conselho Mundial de Igrejas foi na assembleia em Nova Delhi (1961).

Novos ares começaram a surgir na igreja romana às vésperas do Concílio Vaticano II. Nos anos 60 do século XX, surge uma atmosfera cultural que afirma o direito à liberdade de expressão, a valorização do indivíduo pela filosofia existencialista, o reconhecimento do valor da diferença. No que diz respeito às relações ecumênicas, as condições para as mudanças foram preparadas muito antes. Teólogos católicos, já no século XIX, como Johann Adam Möhler (1796-1838) e John Henry Newman (1801-1890), propuseram uma concepção de unidade eclesial que superava a perspectiva institucionalista. Porém, foi Yves Congar, no final dos anos de 1930, quem ofereceu uma teologia ecumênica mais explícita, com a obra *Princípios de um ecumenismo católico*. Sendo seguido por outros, como K. Rahner, H. Balthasar, J. Daniélou. Esses teólogos estão na base da proposta do papa João XXIII ao Vaticano II e da sua abertura para o ecumenismo e o diálogo das religiões.²⁰⁸

Com a eleição de João XXIII ao papado (1958-1963), o universo católico foi surpreendido com a convocação de um novo concílio com o objetivo de pensar uma atualização para a Igreja Católica frente aos desafios internos e externos de seu tempo. E, desde o princípio, a preocupação com a unidade dos cristãos ocupou um lugar central na agenda que João XXIII propôs para o concílio. Ficando mais evidente quando ele criou, em 1960, o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, que, junto com outras comissões, seria responsável por sua preparação.²⁰⁹ Os cristãos não católicos encontraram no Secretariado o

²⁰⁶ Cf. WOLFF, Elias. Divisões na Igreja: desafios para o ecumenismo hoje. *Theologica Xaveriana*. Bogotá, Colombia: Pontificia Universidad Javeriana, v. 65, n. 180, jul/dez, p. 381-407, 2015a. p. 383.

²⁰⁷ Cf. RIBEIRO, 2013, p. 76-77.

²⁰⁸ Cf. WOLFF, Elias. Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do diálogo. *Cadernos de Teologia Pública*. São Leopoldo: UNISINOS, a. 12, n. 101, 2015b. p. 4-6.

²⁰⁹ Cf. BOCK, Carlos Gilberto. *O ecumenismo eclesástico em debate: uma análise a partir da proposta ecumênica do CONIC*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 13-14.

interlocutor que lhes faltava para dialogar com a Igreja Católica, criando, dessa forma, expectativas muito positivas em relação ao novo momento que se apresentava. As divergências e dificuldades da Igreja Católica com os outros cristãos não foram eliminados, mas o clima e o comportamento no relacionamento tinham mudado.²¹⁰ Prova disso foi a participação de 168 observadores ortodoxos e protestantes no Concílio. Algo inédito. E não tiveram um papel passivo, simbólico, mas foram colocados nas primeiras fileiras, com a possibilidade de comunicarem suas impressões sobre os temas em discussão.²¹¹

Todavia, tensões quanto à abertura ecumênica de João XXIII começaram a surgir já durante a realização do próprio Vaticano II. Elias Wolff recorda que muitos bispos não se sentiram confortáveis com os representantes de outras igrejas.²¹² E o Decreto *Unitatis Redintegratio*, sobre o ecumenismo, teve uma redação muito complicada, com inúmeras intervenções e em sua votação final ainda 11 bispos votaram contra sua aprovação.²¹³ Logo, durante a dinâmica conciliar verifica-se uma disputa entre concepções eclesiológicas, em que, em certas ocasiões, segundo Beozzo, quando o impasse era real, a solução foi justapor as duas posições. Por isso, há vários textos do concílio onde tem-se primeiro a afirmação da maioria conciliar e imediatamente uma frase que diz exatamente o contrário e é a expressão doutrinal da minoria.²¹⁴

Assim, o Concílio Vaticano II não possui uma única interpretação. Não foi recebido da mesma forma por todos. A acolhida de seus documentos recebeu distintas ênfases, de acordo com os interesses dos grupos católicos que os liam. Na história imediata do pós-Concílio, Lubomir Zak recorda que alguns teólogos evangélicos observadores que examinaram seus resultados elaboraram três formas de leitura do concílio. A primeira leva à

²¹⁰ Cf. BOCK, 1998, p. 14.

²¹¹ Cf. WOLFF, Elias. *Vaticano II: 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 36-37.

²¹² Cf. WOLFF, 2014, p. 36.

²¹³ De 12 a 20 de junho de 1962, a Comissão preparatória examinou o material fornecido pelo Secretariado, e em 1963 publicou uma nova redação. Em 22 de abril, sua Santidade João XXIII autorizou que fossem enviados aos Padres conciliares os três primeiros capítulos: princípios do ecumenismo católico, prática do ecumenismo, as igrejas separadas da Igreja Católica. O decreto foi examinado desde o dia 18 de novembro ao dia 2 de dezembro do mesmo ano de 1963, em 11 Congregações gerais; foram feitas 143 intervenções orais e 156 escritas. Antes e depois da 2ª sessão, o Secretariado fez muitas observações, e em abril de 1964 propôs um novo texto que, depois de aprovado pelo Santo Padre foi enviado aos Padres conciliares. Durante a 3ª sessão, o documento foi votado de 2 a 8 de outubro, e depois em 10, 11 e 14 de novembro. Em 19 de novembro foi anunciada para o dia seguinte a votação global que teve o seguinte resultado: 2129 votantes; 2054 placet; 64 non placet; 11 nulos. No dia seguinte, durante a 5ª sessão pública, depois da última votação, que teve como resultado 2137 placet e 11 non placet, Sua Santidade Paulo VI promulgou solenemente o decreto. Cf. COSTA. França. *A nova perspectiva ecumênica do Concílio Vaticano II*. Disponível em: <file:///C:/Users/Magazine%20Luiza/Downloads/Ecumenis mo/Ecumenis mo%203.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2016.

²¹⁴ Cf. BEOZZO, José Oscar. Índícios de uma reação conservadora: do Concílio Vaticano II à eleição de João Paulo II. *Comunicações do ISER*, a. 9, n. 39, p. 5-16, 1990. p. 9.

seguinte conclusão: Roma iniciou verdadeiramente um caminho novo, inaugurando uma nova fase que pouco se assemelhará à anterior e muita coisa será diferente. A segunda forma pode ser descrita nos seguintes termos: Roma está profundamente dividida em seu interior e deve ainda decidir de que lado ficar: a tradição ou a atualização. E, a terceira é caracterizada pela convicção de que: Roma é sempre a mesma e não mudará nunca.²¹⁵ Acreditamos que a interpretação mais adequada é a da tensão entre tradição e atualização, por isso, apresentaremos a posição de dois teólogos católicos que ilustram bem esta divergência quanto à interpretação do Concílio, no que se refere ao ecumenismo, principalmente sobre a expressão conciliar *Ecclesia Christi subsistit in ecclesia catholica (Lumen Gentium, 8)*, que gera grande polêmica.

De um lado, com uma visão mais positiva em relação ao diálogo com não católicos, Elias Wolff, no espírito de renovação do Vaticano II, propõe uma interpretação mais progressista do mesmo. Para ele, através da expressão *subsistit in*, o Concílio abandona uma relação de identidade exclusiva entre a Igreja de Cristo e a Igreja Católica. Nesse sentido, a Igreja de Cristo é mais que a Igreja Católica e transcende toda concretização histórica nas diversas tradições cristãs.²¹⁶ O mesmo ainda propõe uma eclesiologia ecumênica em que nenhuma tradição eclesial poderia afirmar que possui a plena compreensão da fé cristã, devendo aprender também com as outras confissões. Desse modo, tornaria-se possível o intercâmbio de experiências e uma missão conjunta entre as Igrejas.²¹⁷

De outro lado, muitos católicos ainda adotam o ecumenismo como uma possibilidade de retorno à instituição romana, como o teólogo católico França Costa, comentando o Vaticano II, especificamente a mesma expressão *subsistit in*:

poderíamos, portanto, afirmar que os ortodoxos, evangélicos e demais cristãos separados da Igreja Católica já são meio católicos sem saber? A meu ver, é exatamente isso o que está explícito nas afirmações anteriores. Portanto, quando eles chegam ao ambiente visível da Igreja Católica alcançam a plena comunhão com a Igreja de Cristo, comunhão esta que antes era apenas parcial. [...] A comunhão na fé, nos sacramentos e com a hierarquia são os vínculos visíveis que todo cristão deve ter para estar plenamente unido à Igreja de Cristo, que subsiste na Igreja Católica.²¹⁸

²¹⁵ ZAK, Lubomir. Interpretações evangélicas do Vaticano II: notas sobre uma recente publicação. *Teocomunicação*. Porto Alegre: PUC-RS, v. 44, n. 2, p. 161-180, maio/ago, 2014. p. 164-165.

²¹⁶ Cf. WOLFF, 2014, p. 73.

²¹⁷ Cf. WOLFF, 2007, p. 71-73.

²¹⁸ COSTA, França. *A nova perspectiva ecumênica do Concílio Vaticano II*. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2013/05/A-NOVA-PERSPECTIVA-ECUMÊNICA-DO-CONCÍLIO-VATICANO-II.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2016.

Assim, diante destas divergências de interpretações, o próprio teólogo Elias Wolff reconhece que, uma leitura apressada dos resultados do Concílio pode causar um otimismo irrealista em relação aos progressos do ecumenismo no catolicismo romano. Nesse sentido, pode-se perceber que muitos sinais de recuo tem ocorrido sobretudo no comportamento oficial da Igreja Católica. Destacando-se alguns documentos emitidos pela própria cúria romana, cujos conteúdos e estilos não levaram em consideração ao apresentar a doutrina católica os avanços do Vaticano II e das comissões de diálogo ecumênico.²¹⁹ Como é o caso da Declaração *Dominus Iesus*, do ano 2000, do então cardeal Joseph Ratzinger (Bento XVI). Sobre ela, assim comenta Magali Cunha:

a postura exclusivista da Igreja Católica Romana mais visível com abordagens presentes na sua Declaração *Dominus Iesus* sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da igreja. No texto é identificada a reafirmação de compreensões, uma vez superadas, que evocam a supremacia da Igreja Católica Romana sobre as demais igrejas cristãs. Isto, ao lado de outras posições romanas que indicam retrocesso como a compreensão da liturgia e sua forma de comunicação, privilegiando o latim, certamente tem fechado muitos canais de diálogo e interação e reforçado a postura anticatólica dos muitos grupos evangélicos.²²⁰

O monge católico Marcelo Barros comenta que, nas últimas décadas, muitas de nossas igrejas viveram um período de fechamento institucional que dificulta qualquer diálogo, não só o ecumênico, mas mesmo o diálogo interno entre membros da própria igreja. Segundo sua análise, até a eleição do Papa Francisco, os teólogos falavam em *volta a grande disciplina* e em *inverno institucional*. Esse clima eclesial, marcado por maior centralização das estruturas e por um retorno ao dogmatismo, teve profundas repercussões no Brasil e no mundo. Fortaleceu-se um projeto de igreja autocentrada, a rigidez doutrinal reprimia a liberdade da pesquisa teológica, entre outros desafios.²²¹

Como consequência dos pontificados de restauração de João Paulo II e Bento XVI, na doutrina, na reflexão teológica, na espiritualidade e na pastoral, quase nada se considera dos resultados do diálogo ecumênico e inter-religioso. Oficialmente, a Igreja pertence a organismos ecumênicos, mas seus fiéis sequer têm conhecimento disso. Ignora-se com facilidade as orientações oficiais da Igreja sobre a formação ecumênica nos institutos de teologia e na vida dos agentes de pastoral, sobre a dimensão ecumênica da evangelização,

²¹⁹ Cf. WOLFF, 2011, p. 417-418.

²²⁰ CUNHA, Magali do Nascimento. Navegando pelas águas do Movimento Ecumênico: águas instáveis, barco firme. *Simpósio*. São Leopoldo: ASTE, n. 49. Disponível em: <<http://www.aste.org.br/simposio/simp49.p df>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

²²¹ Cf. BARROS, Marcelo. Caminhantes nas trilhas da cidadania. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e católicos: encontros e desencontros no século 21*. Vila Graciosa: Reflexão, 2016a. p. 31.

sobre o método ecumênico no modo de expor as verdades católicas. Os resultados positivos do trabalho das comissões de diálogo não têm recepção na vida da Igreja. Por isso tudo, vigoram desconhecimento, preconceitos e conflitos na relação de católicos com membros de outras igrejas e religiões.²²²

No Brasil, o primeiro anúncio oficial do compromisso ecumênico da Igreja Católica se encontra na mensagem dos bispos sobre o Concílio, após sua terceira sessão, onde relatam suas experiências de aprendizagem com os observadores não católicos, orientando a um novo tipo de atitude para com cristãos de outras confissões. E já no Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970) a CNBB introduziu seu compromisso ecumênico, instituindo sua Linha 5 de ação pastoral no Brasil (mais tarde Comissão Episcopal para o Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso).²²³ Assim, a caminhada ecumênica protestante e o novo posicionamento da Igreja Católica procuraram criar no Brasil um espaço de convergência. A partir do ano 1975 realizaram-se vários encontros de dirigentes nacionais de igrejas cristãs,²²⁴ que serviram de preparação para a criação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), fundado em 18 de novembro de 1982. Desde então, o CONIC passou a ser o principal órgão ecumênico do país.²²⁵ Mas, apesar da intensa participação da Igreja Católica no movimento ecumênico brasileiro, seu cenário atual é o mesmo do restante do catolicismo, já acima comentado.

Recentemente, com a eleição do Papa Francisco (2013), a Igreja Católica vive um momento de intensas expectativas por reforma, e o ecumenismo tem ganhado um novo impulso. Ele é o primeiro Papa inteiramente pós-conciliar, pois não participou do Concílio. O que, talvez, segundo Wolff, sem ressonâncias emocionais de apego ao passado, o faça livre para assumir o programa eclesial do Vaticano II. Ele, constantemente fala de renovação na Igreja Católica, especialmente na hierarquia, de diálogo, acolhida, misericórdia.²²⁶ Consequentemente, em seu primeiro documento publicado uma nova linguagem já foi empregada: ele não chama mais os outros cristãos de irmãos separados, mas apenas irmãos; e

²²² Cf. WOLFF, 2008, p. 534.

²²³ Cf. CIPRIANI, Gabriele. O ecumenismo na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. *Caminhos de Diálogo: Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, a. 1, n. 1, p. 79-87, jul/dez, 2013. p. 81.

²²⁴ Foram decisivos para o desenvolvimento do movimento ecumênico no Brasil até a fundação do CONIC: o ecumenismo de base, em conexão com a pedagogia de Paulo Freire e com a Teologia da Libertação, especialmente nas CEBs durante a ditadura militar; o contato entre católicos e luteranos em São Leopoldo (RS), já desde 1957, em um grupo de reflexão teológica, que resultou na criação da Comissão Nacional Católico-Luterana. Cf. TIEL, Gerhard. *Ecumenismo na perspectiva do Reino de Deus: uma análise do movimento ecumênico de base*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 1998. p. 61-63.

²²⁵ Cf. WOLFF, Elias. *O ecumenismo no Brasil: uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 42-43.

²²⁶ Cf. WOLFF, Elias. As possibilidades de reforma na Igreja no contexto do pontificado do Papa Francisco. *Encontros Teológicos*. Florianópolis: FACASC, a. 30, n. 1, v. 70, p. 73-98, 2015c. p. 88.

não se apela para a concepção de que a Igreja Católica é a única Igreja de Cristo (Como estava fazendo Bento XVI), mas que deve-se aprender com as igrejas:

se nos concentrarmos nas convicções que nos unem e recordarmos o princípio da hierarquia das verdades, poderemos caminhar decididamente para formas comuns de anúncio, de serviço e de testemunho. [...] [O ecumenismo] Não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós.²²⁷

E não se pode esquecer da Encíclica *Laudato Si'*, que é uma Encíclica ecumênica, pois Francisco não escreve apenas para católicos, mas para todos os religiosos e não-religiosos.²²⁸ Nela, Francisco integra a visão de teólogos católicos, protestantes e ortodoxos, filósofos e cientistas. O documento foi bem acolhido por diversos setores da sociedade, sendo até mesmo elogiado pela ONU.²²⁹ A Encíclica foi tão bem acolhida pelo movimento ecumênico que no Brasil resultou até em um livro escrito por evangélicos a comentando, *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si', do Papa Francisco*,²³⁰ organizado por Cláudio Oliveira Ribeiro, envolvendo pentecostais, metodistas, presbiterianos, luteranos, batistas e anglicanos que desempenham um papel significativo no movimento ecumênico nacional e internacional. Nele, Ribeiro afirma: “nossa premissa é que o Papa Francisco, ao promulgar a Encíclica Laudato Si', recria, de forma belíssima e corajosa, o vínculo perdido da liderança católico-romana com as transformações teológicas e pastorais propostas e decorrentes do Concílio Vaticano II”.²³¹ Por isso o Papa Francisco representa um novo projeto de Igreja para os católicos.²³² Todavia, ainda não podemos saber se este projeto se concretizará em sua plenitude.

²²⁷ FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. 2. ed. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013. p. 139.

²²⁸ Cf. ROSA, André Luís da. Ecumenismo e ecologia: por uma família comum cuidando da casa comum. *Encontros Teológicos*. Florianópolis: FACASC, a. 30, n. 3, v. 72, p. 181-196, 2015. p. 186.

²²⁹ RÁDIO VATICANO. *Nações Unidas elogiam nova Encíclica Laudato Si': "é chamado à ação"*. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2015/06/18/na%C3%A7%C3%B5es_unidas_elogiam_nova_enc%C3%ADclica_laudato_si/1152507>. Acesso em: 16 nov. 2016.

²³⁰ RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si', do Papa Francisco*. São Paulo: Reflexão, 2016b.

²³¹ RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Teologia e prática ecumênica. In: RIBEIRO, 2016a, p. 80.

²³² Cf. CAVACA, Osmar. Uma eclesiologia chamada Francisco: Estudo da eclesiologia do Papa Francisco a partir da *Evangelii Gaudium*. *Cultura Teológica*. São Paulo: PUC-SP, a. 22, n. 83, p. 15-34, jan./jun., 2014. p. 17.

2.2.2 O pentecostalismo e o ecumenismo

No primeiro capítulo enfatizou-se o fechamento do pentecostalismo ao movimento ecumênico no Brasil. Agora, vamos apresentar algumas reflexões que apontam a relação entre o pentecostalismo e o ecumenismo e algumas iniciativas ecumênicas de pentecostais. Diversos autores que têm refletido sobre o pentecostalismo e a unidade dos cristãos, estão enfatizando que a natureza do movimento pentecostal é ecumênica, inclusiva, pois, como explica o pastor pentecostal Roger Cabezas: “o pentecostalismo é mais que uma doutrina (uma confissão), é uma maneira de viver e experimentar a fé cristã que emergiu do seio de diversas tradições confessionais”.²³³

Magali Cunha, analisando a teologia de Willian Seymour pregada na missão da Rua Azusa, conclui que, para ele, “falar de Pentecostes era falar de unidade, de pessoas que se encontravam e se entendiam”.²³⁴ Seymour estava atento à questão da unidade que a experiência do Espírito promovia. Por isso, o princípio do pentecostalismo estava em sintonia com o princípio do ecumenismo. Esta foi a razão pela qual estes primeiros grupos se autodenominavam *movimento* ou *missão* e não *denominação*.²³⁵ Outro fenômeno que demonstra a origem inclusiva do pentecostalismo na Rua Azusa é a quebra de barreiras como as de classe e raça, pois não se levava em conta o imenso abismo econômico e o forte segregacionismo existente nos EUA, bem como a barreira de gênero, pois as mulheres tinham o mesmo status ministerial que os homens.²³⁶ Assim, nas palavras de Gedeon Alencar e Maxwell Farjado: “Nos dois mitos fundantes mais conhecidos da história do pentecostalismo, um antigo e um moderno, existe uma marca: a indistinção de raça, classe e gênero”.²³⁷

Juan Sepúlveda, para fundamentar que o pentecostalismo foi um movimento ecumênico em sua origem, analisa o termo ecumenismo que provém do termo grego *oikoumene* e significa “casa habitada” ou “a casa de todos os viventes”. Por isso, segundo ele, dizer que algo é ecumênico significa que esse algo alcança toda a espécie humana, é universal. A partir dessa definição, Sepúlveda argumenta que analisando as origens do pentecostalismo à luz do termo ecumenismo, pode-se perceber que esse foi em si mesmo, em

²³³ CASCO, Miguel Angel; CABEZAS, Roger; MANRÍQUEZ, Samuel Palma. *Pentecostais, libertação e ecumenismo*. São Leopoldo: CEBI, 1996. p. 32.

²³⁴ CUNHA, Magali do Nascimento. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações. *Estudos de Religião*. São Paulo: UMESP, v. 25, n. 40, p. 33-51, jan/jun, 2011. p. 39.

²³⁵ Cf. CUNHA, 2011, p. 39-40.

²³⁶ Cf. ALENCAR, Gedeon Freire de; FARJADO, Maxwell Pinheiro. Pentecostalismos: uma superação da discriminação racial, de classe e de gênero. *Estudos de religião*. São Paulo: UMESP, v. 30, n. 2, p. 95-112, maio/ago, 2016. p. 95.

²³⁷ ALENCAR, 2016, p. 96.

mais de um sentido, um movimento ecumênico.²³⁸ Para tanto, apresenta as seguintes características do nascente movimento pentecostal:

1- *Interdenominacionalidade*: a origem do movimento pentecostal moderno e do movimento de santidade que o precedeu desenvolveram-se em um ambiente claramente interdenominacional, no qual a busca comum pela mesma experiência religiosa, o batismo no Espírito Santo, deixava as diferenças confessionais em um segundo plano. Esses movimentos não tinham como seu propósito fundar uma nova tradição cristã, mas renovar as igrejas tradicionais.²³⁹

2- *Internacionalidade*: apesar de se falar de uma origem comum nos Estados Unidos do pentecostalismo, Sepúlveda afirma que hoje existem claras evidências de que houve, desde o começo, diversos pentecostalismos que iniciaram na Europa, América Latina, África, Oceania e Ásia. Também o grande ímpeto missionário que o movimento pentecostal teve desde o princípio, aprofundou ainda mais seu caráter internacional.²⁴⁰

3- *Interculturalidade*: como consequência do anterior, desde cedo o pentecostalismo expressou-se por meio de uma enorme diversidade cultural. A importância dada pela teologia pentecostal à liberdade da atuação do divino na vida do fiel, agente divino este que eles denominam Espírito Santo, teria aberto espaço para que cada cultura expressasse seu louvor e adoração de acordo com suas formas de compreender a vida. Dessa forma, rompia-se o monopólio dos estilos próprios da cultura europeia e anglo-saxônica.²⁴¹

Além de ressaltar a natureza ecumênica do pentecostalismo, deve-se lembrar que, apesar das objeções do movimento pentecostal para com o movimento ecumênico e das igrejas membros do movimento ecumênico para com as igrejas pentecostais, ele sempre teve alguma (mesmo que mínima) participação ecumênica. Por exemplo, na primeira e segunda assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, Donald Gee, pastor da Assembleia de Deus dos EUA se fez presente, mesmo que participando de modo não oficial. Já na terceira assembleia, em 1961, participou representando oficialmente a Conferência Pentecostal Mundial. Outra liderança pentecostal que se destacou por sua participação no CMI foi o pastor sul-africano da Assembleia de Deus, David du Plessis.²⁴² Também na terceira Assembleia Geral do CMI, quatro igrejas pentecostais tornaram-se membros plenos do Conselho. Duas delas eram latino-

²³⁸ Cf. SEPÚLVEDA, Juan. Pentecostalismo atual e ecumenismo. In: SINNER, Rudolf von (Org.). *Missão e ecumenismo na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2009. p. 108-109.

²³⁹ Cf. SEPÚLVEDA, 2009, p. 109.

²⁴⁰ Cf. SEPÚLVEDA, 2009, p. 109.

²⁴¹ Cf. SEPÚLVEDA, 2009, p. 109-110.

²⁴² Cf. CUNHA, 2011, p. 42-43.

americanas: a Igreja Pentecostal do Chile e a Missão Igreja Pentecostal, também do Chile. Ambas já haviam participado do Conselho Evangélico do Chile e de reuniões ecumênicas regionais.²⁴³

Na oitava Assembleia do CMI, em Harare, 1998, foi reconhecida a necessidade de consolidar as relações já existentes com as igrejas pentecostais e criar novas. Para tanto, foi criado o Grupo Consultivo Misto entre o CMI e Pentecostais. A primeira fase de encontros aconteceu entre 2000 e 2005. Seus resultados foram apresentados na Assembleia do CMI em Porto Alegre - RS, em 2006, onde se apoiou a continuação do mesmo. A partir de 2007 o grupo passou a se reunir anualmente.²⁴⁴ E na América Latina, quando se decidiu pela formação do Conselho Latino-Americano de Igrejas em 1978, 25% dos participantes eram pentecostais. Na assembleia constitutiva do CLAI quatro anos depois, os pentecostais constituíram a maior delegação por denominação, participando com 28 representantes.²⁴⁵ Segundo Sepúlveda, a participação de Igrejas pentecostais latino-americanas, especialmente as chilenas, no CMI e no CLAI gerou uma reação crítica do pentecostalismo mundial, mas foram pioneiras nesse sentido,²⁴⁶ pois participam ativamente do processo de libertação e do movimento ecumênico.²⁴⁷

Outra atual e importante iniciativa ecumênica é o Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLYC), que surgiu com o apoio do Fórum Cristão Mundial (FCM), como um esforço pela unidade dos pentecostais no continente.²⁴⁸ Seu primeiro encontro aconteceu em Lima, Peru, no mês de agosto de 2011.²⁴⁹ O FCM foi iniciado pelo CMI, mas é um processo autônomo e que já não depende do CMI, está sob a responsabilidade de um comitê internacional autônomo. Ele surgiu em 1998 como uma tomada de consciência de que

²⁴³ Cf. PLOU, 2002, p. 89.

²⁴⁴ CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS. *X Asamblea Del Consejo Mundial de Iglesias*. Busan: CMI, 2013. p. 151-153.

²⁴⁵ Cf. DIAS, Zwinglio M. Perseguindo a utopia: alguns marcos decisivos na trajetória do Movimento Ecumênico na América Latina e no Caribe. In: SINNER, 2009, p.127.

²⁴⁶ Cf. SEPÚLVEDA, Juan. Relaciones de las Iglesias Pentecostales con otras tradiciones cristianas en América Latina. In: CAMPOS, Bernardo; ORELLANA, Luis (Orgs.). *Fuego que une: pentecostalismo y unidad de la iglesia*. Lima: FPLC; FCM, 2014. p. 13.

²⁴⁷ Cf. TIEL, 1998, p. 31.

²⁴⁸ Cf. MEDOZA, Richar. *Apresentação*. In: OLIVEIRA, 2015, p. 9.

²⁴⁹ Depois do primeiro encontro constituiu-se um comitê e se elaborou um programa de quatro encontros sub-regionais: o encontro do Cone Sul, na Isla de Maipo, Chile, em 2012; o encontro da Região Andina, em Bogotá, Colômbia, em 2013; o encontro Mesoamérica e Caribe, em Pachuca, México, em 2014; e o encontro da sub-região do Brasil, São Paulo, em 2015. Todos estes encontros culminaram com a realização do encontro continental do FPLYC no Panamá, entre 21 e 24 de novembro. Neste evento fizeram-se presentes cerca de dez brasileiros. Cf. BEEK, Hebert Van. O Fórum Cristão Mundial e a busca pela unidade cristã. In: OLIVEIRA, 2015, p. 25-26. / VÁSQUEZ, Oscar Corvalán. Invitación al “*Foro Pentecostal, Panamá, noviembre de 2016*”. Disponível em: <<http://www.foropentecostal.org/2016/07/20/convocatoria-foro-2016/>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

o Cristianismo mudou muito desde o início do movimento ecumênico, em especial com o surgimento do movimento pentecostal-carismático. Por isso, nos encontros do FCM, 50% dos representantes devem ser de igrejas pentecostais, carismáticas e independentes, e os outros 50% das igrejas participantes do movimento ecumênico, incluindo a Igreja Católica.²⁵⁰ O FPLYC possui como alguns de seus objetivos: promover o encontro e o diálogo em nível nacional, sub-regional, regional e mundial dos pentecostais e entre eles e as demais famílias cristãs; criar instâncias de encontro com pentecostais de outras regiões do mundo; promover a reflexão sobre a teologia, prática e memória histórica do pentecostalismo latino-americano; facilitar o diálogo entre líderes pentecostais e estudiosos do pentecostalismo latino-americano.²⁵¹ Sobre essa iniciativa, David Mesquiati comenta que: “esse esforço de reunir os pentecostais e partilhar a mesa ainda não recebeu apoio massivo, mas é um claro sinal desse novo tempo de maior percepção da pluralidade e da necessidade de aprender a caminhar juntos”.²⁵²

Outra iniciativa ecumênica de pentecostais latino-americanos é a Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais (RELEP). Ela surgiu em 1996, por meio de pentecostais acadêmicos que pesquisavam o pentecostalismo latino-americano e tinham o desejo de formar um grupo de pentecostais, de maneira coordenada, para aprofundarem os estudos sobre o tema. Ela está composta por acadêmicos religiosos e não religiosos das diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, constituindo-se como uma rede aberta, plural, inclusiva, multidisciplinar e ecumênica.²⁵³ No Brasil, o primeiro encontro aconteceu em 2012, e foi organizado por David Mesquiati de Oliveira, teólogo assembleiano, na época doutorando pela PUC-RJ. Nos encontros da RELEP-Brasil já participaram cientistas sociais, teólogos pentecostais, metodistas, batistas, de igrejas autônomas e católicos carismáticos.²⁵⁴ Assim, a RELEP tem sido uma importante instância para a produção e divulgação de trabalhos acadêmicos sobre os diversos pentecostalismos, para o diálogo com todas as pessoas e instituições que se interessam por compreender o pentecostalismo e para a consolidação de uma identidade pentecostal ligada às suas raízes regionais.²⁵⁵

²⁵⁰ Cf. BEEK, 2015, p. 14-15.

²⁵¹ Cf. CORVALÁN, Oscar; ZOMETA, Celina Mercedes. Visão e missão do Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho. In: OLIVEIRA, 2015, p. 34.

²⁵² OLIVEIRA, David Mesquiati de. Notas sobre pluralismo, diálogo inter-religioso e missão. *Atualidade Teológica*. PUC RIO: Rio de Janeiro, v. 20, n. 53, p. 307-337, mai./ago, 2016a. p. 314.

²⁵³ Cf. CHIQUETE, José Daniel. Apresentação. In: OLIVEIRA, 2013, p. 12-13.

²⁵⁴ ALENCAR, 2013, p. 17.

²⁵⁵ OLIVEIRA, David Mesquiati de. Apresentação. In: OLIVEIRA, 2014, p. 7.

A participação de pentecostais nestes e outros organismos ecumênicos tem promovido o desenvolvimento de uma teologia pentecostal ecumênica, a partir de suas linguagens próprias. Em nível latino-americano, um autor que merece destaque, ao se falar sobre a relação entre pentecostalismo e ecumenismo, é o teólogo pentecostal peruano Bernardo Campos. Ele tem refletido sobre o pentecostalismo e a unidade dos cristãos a partir de uma categoria que denomina *pentecostalidade*. Para ele, a pentecostalidade diz respeito a toda prática religiosa moldada pelo acontecimento de Pentecostes, e é entendida como uma experiência universal que eleva à categoria de “princípio” (*arqué* ordenador) as práticas pentecostais que procuram ser concretizações históricas dessa experiência primordial.²⁵⁶ A pentecostalidade é o princípio pentecostal (sua experiência religiosa), e os pentecostalismos (igrejas, movimentos, ministérios, etc.) são as formas históricas assumidas pela pentecostalidade. Logo, para Campos:

em sua qualidade de “princípio”, a pentecostalidade em si mesma rejeita qualquer concretização histórica do tipo pentecostal que pretenda ser sua expressão única (exclusiva) ou que pretenda convertê-la em *seu* absoluto, negando a outros a possibilidade de fundamentar-se também nela (inclusividade).²⁵⁷

Assim, a experiência pentecostal (a pentecostalidade) é ecumênica em si mesma, pois não é exclusiva de uma única denominação. A partir disso, na perspectiva ecumênica de Bernardo Campos, deve-se trabalhar pelo encontro entre todos os pentecostais, mas não pode-se contentar com um ecumenismo puramente pentecostal. O pentecostalismo deve entender-se como parte do Cristianismo e dialogar com as outras tradições cristãs.²⁵⁸ Além disso, Campos ainda fala de uma pentecostalidade universal, segundo a qual, o pentecostalismo deve dialogar também com todas as religiões e com a humanidade de modo geral.²⁵⁹

No Brasil, também está se desenvolvendo um pensamento pentecostal ecumênico e inter-religioso. Apresenta-se aqui algumas ideias de dois autores pentecostais, ambos assembleianos, David Mesquiati de Oliveira e Adriano Sousa Lima. Deve-se ressaltar que esses autores não falam em nome de todo o pentecostalismo, nem oficialmente em nome de suas denominações, todavia, falam com a consciência de pertencer à família pentecostal.

²⁵⁶ Cf. CAMPOS, 2002, p. 85.

²⁵⁷ CAMPOS, 2002, p. 85.

²⁵⁸ Cf. CAMPOS, Bernardo. Esboços sobre pentecostalismos e unidade na América Latina: o desafio do Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLC). In: OLIVEIRA, 2015, p. 27.

²⁵⁹ Cf. CAMPOS, Bernardo. Pentecostalismo y unidad en América Latina: “Aspectos teológicos”. In: CAMPOS, 2014, p. 36.

David Mesquiati aponta que, “nas últimas décadas, os pentecostais começam a perceber que para se relacionar com outros grupos religiosos necessitam de uma linguagem comum, que pode ser via academia (estudos formais) e/ou via convivência [...] Dessa forma, o discurso teológico pode ser um meio de comunicação e de diálogo”.²⁶⁰ Por isso, o pentecostalismo deve desenvolver uma teologia que seja dialógica, superando o tom metafísico, absoluto, inquestionável e assumindo o diálogo como um valor, reconhecendo que pode aprender com os outros.²⁶¹ Com uma teologia dialógica, o pentecostalismo também desenvolverá um modelo de missão comunicativo, onde o encontro com o outro deveria estar pautado no respeito pela diferença, pela provisoriade das sistematizações, pela superação de conflitos e por uma atitude de escuta, que possibilite a criação de pontes com pessoas de outras religiões.²⁶² Assim, segundo o autor, para uma abertura do pentecostalismo ao ecumenismo, deve-se abandonar sua antiga compreensão de ecumenismo e entender que a unidade da Igreja não é um simples projeto de um grupo, ou uma moda dos tempos pós modernos, ou um plano conspirador velado, mas é um desejo que teria sido expresso por Jesus e um testemunho ao mundo.²⁶³

Adriano Lima parte da ideia de que o crescimento do pentecostalismo se deu em um contexto de pluralismo, logo, “a diversidade cultural e religiosa exige que a teologia pentecostal tenha uma postura dialógica com as outras religiões”.²⁶⁴ Por isso, o relacionamento com as outras tradições religiosas deveria passar do sectarismo, fundamentalismo e fechamento para uma busca de aproximação, diálogo e cooperação. Embora ainda não seja possível visualizar quando o pentecostalismo de fato se abrirá para o diálogo com outras religiões no Brasil sem uma finalidade proselitista.²⁶⁵ Em suas reflexões, ele aponta algumas questões que devem ser superadas no pentecostalismo para uma abertura ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso, como: a *superação da leitura fundamentalista da Bíblia*, pois a linguagem bíblica deve ser traduzida para uma linguagem atualizada e compreensiva ao ser humano pós-moderno, que amplie os horizontes do pentecostalismo; e o *engajamento no mundo*, pois o pentecostalismo é um grupo notável de religiosos no Brasil e

²⁶⁰ OLIVEIRA, David Mesquiati de. Reforma protestante, educação teológica e indigeneidade: os pentecostais e os Tupinikim. *Reflexus*. Vitória: UNIDA, v. 10, n. 15, p. 53-74, jul/dez, 2016b. p. 70.

²⁶¹ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. Teologia pentecostal dialógica. In: OLIVEIRA, 2014, p. 31-33.

²⁶² Cf. OLIVEIRA, 2016a, p. 332.

²⁶³ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. Mais que espiritual, unidade visível: unidade cristã a partir de Efésios 4. 1-6. In: OLIVEIRA, 2015, p. 140.

²⁶⁴ LIMA, Adriano Sousa. Pentecostalismo e diálogo inter-religioso. In: OLIVEIRA, 2014, p. 35.

²⁶⁵ Cf. LIMA, Adriano, Sousa. Assembleia de Deus no Brasil e o diálogo inter-religioso. *Caminhos de Diálogo: Revista Brasileira de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, a. 2, n. 2, p. 43-52, jan/jul, 2014. p. 44-45.

pouco ou quase nada tem feito pelo país. Para reverter essa situação, o pentecostalismo deveria rever seus conceitos e entender que Pentecostes possui uma dimensão de engajamento social, que deve acontecer em diálogo com as outras tradições religiosas que convivem na mesma sociedade.²⁶⁶

E, como pistas para o engajamento pentecostal no diálogo, Lima aponta alguns caminhos, baseados na vitalidade espiritual do pentecostalismo: a *comunhão com Deus*, pois o pentecostalismo possui sua centralidade na espiritualidade, na busca da comunhão com o divino. Elemento este, que, recorda Lima, está presente em outras religiões, sendo que elas também estão em busca de comunhão com o divino, com o Transcendente, com o Absoluto. O pentecostalismo deveria compreender isso como uma riqueza e não imaginar que as outras espiritualidades são equivocadas. E o *serviço cristão*: os pentecostais deveriam compreender que a categoria Reino de Deus entendida profundamente diz respeito a todos os seres humanos, todas as culturas e religiões. Dessa forma, todas as vezes que os cristãos e as pessoas de outras tradições religiosas trabalham juntas pela causa dos direitos humanos, da libertação integral dos que vivem oprimidos, estão trabalhando pela construção do que seria o Reino de Deus.²⁶⁷

Essas iniciativas e recentes reflexões na teologia pentecostal brasileira, demonstram que há uma importante abertura dos pentecostais em curso.²⁶⁸ Todavia, como recorda Luis Orellana, esse grupo seria composto por um tipo específico que ele denomina de pentecostalismo ilustrado,²⁶⁹ ou seja, os pentecostais que tiveram acesso a uma sólida formação acadêmica. Esses, apesar de seu crescimento, ainda são poucos, mas são os que poderiam fazer novas pontes com as outras igrejas e com o mundo.²⁷⁰

Neste capítulo, estabelecemos de modo geral a relação entre o catolicismo e o pentecostalismo com o movimento ecumênico. No catolicismo, o ecumenismo foi rejeitado até o Concílio Vaticano II, quando a Igreja Católica abriu-se para o diálogo com outros cristãos. Agora, porém, vive uma tensão interna entre o retorno à antiga tradição e à

²⁶⁶ Cf. LIMA, Adriano, Sousa. O diálogo inter-religioso nas Assembleias de Deus: desafios e possibilidades. In: 1º Simpósio Sudeste da ABHR/ 1º Simpósio Internacional da ABHR, São Paulo. *Diversidades e (in) tolerâncias religiosas*. São Paulo: ABHR, v. 1. p. 2167-2179, 2013. p. 2171-2172.

²⁶⁷ Cf. LIMA, Adriano, Sousa. O diálogo Inter-religioso como elemento da espiritualidade das Assembleias de Deus. In: 27º Congresso Internacional SOTER, 2014, Belo Horizonte, MG. *Espiritualidades e dinâmicas sociais - memórias e perspectivas*. Belo Horizonte: SOTER, v. 1, p. 2004-2017, 2014. p. 2012-2014.

²⁶⁸ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. Os pentecostais também podem cantar juntos “louvado sejas, meu Senhor”. In: RIBEIRO, 2016b, p. 85.

²⁶⁹ Cf. ORELLANA, Luis. El futuro del pentecostalismo y la unidad de la fe. In: ORELLANA, Luis; CAMPOS, Bernardo. *Ecumenismo del Espíritu: pentecostalismo, unidad y misión*. Perú: FPLC, 2012, p. 73.

²⁷⁰ Cf. OLIVEIRA, David Mesquiati de. Reflexões sobre a convivência entre pentecostais e católicos no início do século XXI. In: RIBEIRO, 2016a, p. 174.

atualização de sua doutrina. O pentecostalismo surge como um movimento ecumênico, mas, com sua institucionalização passou a ser conservador e excludente. Atualmente, existem pentecostalismos que fazem parte de organismos ecumênicos e um pensamento ecumênico está sendo desenvolvido entre teólogos pentecostais, também no Brasil. No próximo capítulo, analisaremos as iniciativas ecumênicas entre católicos e pentecostais que, desde o ano de 2008, têm surgido no Brasil, a partir do referencial teórico da teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas e da noção de dialogicidade de Paulo Freire, sistematizados no primeiro tópico deste capítulo.



3 O DIÁLOGO ENTRE CATÓLICOS E PENTECOSTAIS NO BRASIL

É chegada a hora oportuna de oferecer a contribuição específica da experiência pentecostal-carismática à unidade dos cristãos.²⁷¹ (Marcial Maçaneiro)

Com o grande crescimento do pentecostalismo e sua inserção nos mais diversos setores da sociedade, tornou-se praticamente impossível católicos e pentecostais não estabelecerem um mínimo de convivência. Muitos exemplos podem ser citados, como o ingresso de muitos pentecostais em universidades católicas, que resultaram em amizades e uma aproximação em grupos de pesquisa em comum, como o Grupo de Estudos sobre Protestantismo e Pentecostalismo (GEPP),²⁷² da PUC de São Paulo e o Grupo de Pesquisa sobre a Teologia Sistemática Pentecostal no Brasil, da PUC do Paraná.²⁷³ Ou em outros espaços, como a participação de pentecostais em movimentos sociais,²⁷⁴ associações comunitárias, eventos políticos municipais, e, até mesmo, em celebrações ecumênicas na *Semana de Oração Pela Unidade Cristã*.²⁷⁵ Ou simplesmente em testemunhos de caridade pouco divulgados, como o caso do pastor assembleiano Zildomar Campelo que coloca sua igreja à disposição dos fiéis católicos e ajuda a distribuir água durante o Círio de Nazaré, em Belém do Pará.²⁷⁶

Outras áreas mais recentes também têm chamado a atenção para uma aproximação entre católicos e pentecostais, como a aproximação midiática, por meio do universo gospel. Padres cantando e gravando músicas de grandes nomes da música evangélica. Aparições em comum em programas de televisão em rede nacional, como programa *Domingão do Faustão*, de 12 de dezembro de 2010, que teve grande repercussão entre católicos e evangélicos, onde o padre Fábio de Melo e a cantora gospel pastora Ludmila Ferber, além de cantarem juntos, falaram que o amor deve ser maior que as divergências das igrejas.²⁷⁷

²⁷¹ MAÇANEIRO, 2015, p. 115.

²⁷² GEPP. *Grupo de Estudos sobre Protestantismo e Pentecostalismo*. Disponível em: <<https://geppuc.wordpress.com/>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

²⁷³ Cf. PUCPR. *Teologia Pentecostal no Brasil: uma análise sistemática*. Disponível em: <http://www.pucpr.br/po_sgraduacao/teologia/receptor.php?id=57264>. Acesso em: 12 jan. 2017.

²⁷⁴ Cf. FERREIRA, Fábio Alves. *A emergência de um novo sujeito pentecostal: os pentecostais na luta pela terra e o surgimento de uma nova hermenêutica bíblica*. Disponível em: <<https://outlook.live.com/owa/?path=/mail/search/rp>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

²⁷⁵ PORTAL LUTERANOS. *Semana de oração reúne históricos e pentecostais*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/semana-de-oracao-reune-historicos-e-pentecostais>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

²⁷⁶ ORM NEWS. *Igreja evangélica ajuda promesseiros no Círio de Nazaré*. Disponível em: <<http://www.ormnews.com.br/noticia/igreja-evangelica-ajuda-os-promesseiros-no-cirio-de-nazare>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

²⁷⁷ DOMINGÃO DO FAUSTÃO. *Padre Fábio de Melo e Pastora Ludmila Ferber No Domingão do Faustão Completo*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=78n1Gp8Qbzc>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

No primeiro capítulo desta dissertação apresentou-se algumas dificuldades para a aplicação do diálogo católico-pentecostal no Brasil. No segundo, a relação do catolicismo e do pentecostalismo com o movimento ecumênico. Agora, este capítulo possui o objetivo de apresentar algumas iniciativas de experiências de encontro, especificamente, entre católicos e pentecostais. Para tanto, focar-se-á no movimento de ecumenismo espiritual²⁷⁸ ENCRISTUS (*Encontro de Cristãos em Busca da Unidade e da Santidade*), pois trata-se da principal iniciativa ecumênica para católicos e pentecostais no Brasil, e as outras iniciativas estão ligadas diretamente ao ENCRISTUS e possuem os mesmos objetivos. Assim, na primeira parte do capítulo apresentaremos as questões referentes à origem e visão do ENCRISTUS e, na segunda parte, por meio de algumas entrevistas realizadas com as suas principais lideranças, se analisará o modelo de diálogo ecumênico proposto pelo ENCRISTUS.

3.1 As iniciativas de diálogo católico-pentecostal no Brasil

Os esforços por um diálogo católico-pentecostal no Brasil surgiram tendo como inspiração iniciativas internacionais que tiveram início com o movimento da Renovação Carismática Católica (RCC), nos EUA. E todos os estudiosos da questão do diálogo católico-pentecostal concordam em dizer que a RCC é o meio privilegiado para o encontro entre católicos e pentecostais, pois ambos partilham das mesmas características em sua experiência religiosa, especialmente a crença no batismo no Espírito Santo. Por isso, brevemente, vamos retomar alguns pontos da história ecumênica da RCC que antecede e prepara os caminhos para o surgimento do ENCRISTUS no Brasil.

3.1.1 A Renovação Carismática Católica e o ecumenismo

A RCC tem seu ponto de partida nas origens do pentecostalismo. Uma narrativa histórica da Renovação Carismática Católica que afirma que o movimento possui seu início apenas nos fatos ocorridos na Universidade de Duquesne (considerado o marco inicial da RCC), omite parte da história, pois a RCC é uma expressão do Movimento Pentecostal, sendo que o pentecostalismo deu origem a milhares de igrejas independentes, mas, também adentrou

²⁷⁸ O termo ecumenismo espiritual será aprofundado posteriormente, mas, de modo geral, segundo Navarro, se refere às iniciativas ecumênicas que possuem como objetivo a prece, a oração em comum pelas igrejas divididas. Cf. NAVARRO, 1995, p. 19.

nas igrejas tradicionais, como é o caso da Renovação Carismática na Igreja Católica Apostólica Romana. Neste caso, há uma união entre a experiência religiosa pentecostal e a tradição cristã católica.²⁷⁹ Porém, diferente do pentecostalismo clássico, o pentecostalismo renovado ou os movimentos de Renovação Carismática permanecem fiéis aos ritos e às verdades de fé de sua igreja de origem, mas os vivenciam com uma nova animação, comunicada pelo batismo no Espírito Santo e pelos carismas. No caso da RCC, difere-se das formas protestantes de pentecostalismo, principalmente pela doutrina dos sacramentos.²⁸⁰

Assim, a identidade ecumênica da RCC inicia antes mesmo do retiro na universidade de Duquesne, pois aqueles jovens sentiram o desejo de reunirem-se para rezar, pedindo o batismo no Espírito Santo, após Steve Clark ter lido o livro pentecostal protestante *A cruz e o punhal*, de David Wilkerson. Clark começou a partilhar com seus companheiros. Estes também o leram, debateram e oraram sobre ele. *Eles falam em outras línguas*, de John Sherril; lido primeiramente por Ralph Keifer, professor do departamento teológico de Duquesne,²⁸¹ foi outro livro de influência protestante para aqueles estudantes, antes do retiro na Universidade.

Outro dado importante na questão do surgimento da RCC quanto à sua dimensão ecumênica, é o fato de que enquanto eles refletiam sobre os livros citados acima e o livro dos Atos dos Apóstolos, pois queriam receber o batismo no Espírito Santo, foram consultar um ministro episcopal. Eles consultaram esse ministro, chamado William Lewis, pois o conheceram em uma conferência na Universidade de Duquesne. Ele era pároco de uma grande paróquia episcopal, mas não era engajado na experiência pentecostal, por isso os encaminhou a uma de suas paroquianas, Betty Schomaker, participante permanente de um grupo pentecostal de oração.

Realizou-se uma reunião entre os jovens com o Reverendo Lewis e a senhora Schomaker, no dia 6 de janeiro de 1967. Na ocasião, partilharam sobre o assunto da experiência pentecostal. Em 13 de janeiro do mesmo ano, visitaram pela primeira vez esse grupo pentecostal de oração, e testemunharam: ficamos com uma sensação íntima de que aquele era um movimento de Deus. Na segunda visita a esse grupo de oração, Kelvin Ranaghan, em seu livro, *Católicos Pentecostais*, apresenta um importante testemunho ecumênico para a história fundante da RCC:

²⁷⁹ Cf. ROSA, 2015, p. 160.

²⁸⁰ Cf. SMET, Walter. *Eu faço um mundo novo: movimento carismático na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1978. p. 24-25.

²⁸¹ Cf. RANAGHAN, Kelvin; RANAGHAN, Dorothy. *Católicos Pentecostais*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1972. p. 20.

foi uma impressionante reunião interdenominacional. Terminou quando Pat e eu pedimos para orarem por nós, a fim de recebermos o batismo com o Espírito Santo. Eles se dividiram em vários grupos, uma vez que iriam orar por várias pessoas. Simplesmente pediram-me para realizar um ato de fé, para que o poder do Espírito Santo operasse sobre mim. Dentro de pouco tempo estava orando em línguas. Não foi um arrebatamento especial ou algo espetacular, afinal de contas. Senti uma certa paz e, pelo menos, mais disposição para orar e confesso que estava, sim, um pouco curioso para ver aonde tudo isso iria conduzir-nos. Mais tarde apareceu comida e eles fizeram uma pequena festa.²⁸²

Os primeiros carismáticos católicos vivenciaram a experiência pentecostal do batismo no Espírito Santo por meio da imposição das mãos de pentecostais protestantes. Após este momento ecumênico de oração, os estudantes, em menos de um mês, reuniram-se com outros jovens para um retiro entre 15 e 17 de fevereiro. Evento esse hoje conhecido como o *fim de semana de Duquesne*, e segundo Ranaghan, “o fim de semana de Duquesne, como viria a ser chamado, foi certamente um dos mais notáveis acontecimentos na história do movimento pentecostal”.²⁸³ Nesse retiro os jovens receberam a experiência do batismo no Espírito Santo e, iniciou-se o pentecostalismo católico, mais tarde denominado Renovação Carismática Católica.

Para o historiador pentecostal Vinson Synan, após esse fim de semana, desencadearam-se uma sequência de eventos que tornou a RCC uma das principais vias do movimento carismático do século XX, algo inesperado. Afinal, quem imaginaria que um movimento oriundo do avivalismo protestante, vinculado ao pentecostalismo, encontraria lugar para se desenvolver na Igreja Católica? Pela primeira vez, um movimento de origem protestante não somente adentrou à Igreja Católica Romana, mas foi também recebido e aprovado pelas autoridades eclesiásticas.²⁸⁴

Além da influência de livros e pessoas de outras igrejas, a literatura do nascente movimento carismático católico esteve marcada por este espírito ecumênico. É uma temática constante nos livros clássicos da RCC e nos seus documentos orientadores. Por exemplo, o clássico livro sobre o movimento carismático na Igreja Católica, *Eu faço um mundo novo*, de Walter Smet, em seu prólogo declara:

esta publicação gostaria de se colocar numa perspectiva autenticamente ecumênica. Com efeito, evidencia-se cada dia mais que a Renovação Carismática, muito mais do que no passado, vai aproximando cristãos de todas as mentalidades. Seria, pois, para

²⁸² RANAGHAN, 1972, p. 26.

²⁸³ RANAGHAN, 1972, p. 33.

²⁸⁴ Cf. SYNAN, 2011, p. 289.

mim uma grande alegria se este livro fosse apreciado tanto por protestantes como por católicos.²⁸⁵

Encontramos também, em outro livro clássico para os carismáticos católicos, *A realização das promessas de Deus*, de James Byrne, outro testemunho do início da RCC, o qual demonstra sua natureza ecumênica:

em 1967, em South Bend, Indiana, USA, realizou-se uma notável série de reuniões. Os católicos da comunidade da Universidade de Notre Dame se reuniram com os protestantes, sobretudo com os evangélicos fundamentalistas, com os Batistas, Irmãos, e Assembleia de Deus. O senhor estava entre nós e, pelo poder de seu Espírito, nós, que estávamos tão separados, formamos uma verdadeira unidade nele. [...] A causa destes notáveis acontecimentos notáveis é a efusão em círculos católicos do Espírito Santo e o exercício por parte dos católicos dos dons carismáticos do novo testamento.²⁸⁶

A nascente Renovação Carismática Católica estava tão impregnada do espírito ecumênico que o Cardeal Suenens, primeiro cardeal delegado pelo Vaticano para orientar a RCC, escreveu um documento intitulado *Ecumenismo e Renovação Carismática*,²⁸⁷ que ainda não foi traduzido para o português, onde o cardeal analisa a relação entre o ecumenismo e a RCC, em uma perspectiva católica.

O historiador Vinson Synan, membro da Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal, em seu livro, *O século do Espírito Santo*, sobre a história do pentecostalismo, comenta sobre o início da Renovação Carismática Católica: o relacionamento entre católicos e protestantes começou a dar frutos. Líderes protestantes contribuíam com revistas e conferências católicas, na venda de literatura patrocinada por católicos e na disseminação de novas composições musicais. Essa contribuição era mais relevante na revista de circulação mensal *Pastoral Renew* (Renovação Pastoral), lançada em Ann Arbor no ano de 1976, destinada a pastores e líderes de todas as tradições cristãs. Este impulso ecumênico, segundo Synan, encontrou seu ápice na conferência realizada em Kansas City, em julho de 1977. O encontro versava sobre a Renovação Carismática nas igrejas e reuniu mais de 50 mil pessoas.²⁸⁸

Chegando a RCC no Brasil, recebeu também a influência de literatura protestante. Quando o padre Eduardo Dougherty, ainda seminarista, vivenciou a experiência do batismo

²⁸⁵ SMET, 1978, p. 9.

²⁸⁶ BRYNE, James. *A realização das promessas de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1976. p. 17-18.

²⁸⁷ SUENENS, Leo Joseph. *Ecumenismo y Renovación Carismática: orientaciones teológicas y pastorales*. Tradujeron al castellano: Ignacio y Rodolfo Puigdollers. Disponível em: <<http://eljardindemariaauxiliadora.com/e-ecumenismo-y-renovacion-carismatica/>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

²⁸⁸ Cf. SYNAN, 2011, p. 301.

no Espírito Santo, enviou ao padre Haroldo Rahm o livro *Aglow with the Spirit*, do presbítero episcopaliano Robert Frost. Este livro, segundo Reinaldo Beserra, foi como a semente lançada aqui no Brasil para iniciar a RCC. Também o livro *Batismo e plenitude do Espírito Santo*, do reverendo anglicano John Stott, foi utilizado nas primeiras experiências de oração da RCC no Brasil. Outro fato interessante é que o primeiro livro sobre a RCC, de um autor católico, publicado no Brasil, chamado *Católicos Pentecostais*, de Kevin Ranaghan, foi traduzido e lançado por um protestante, O. S. Boyer.²⁸⁹

Dom Cipriano Chagas também registra que no Encontro de Líderes da Renovação Carismática, realizado em 1975, em Itaipi, estiveram presentes os pastores Guilherme Cook e Paul Lewis, diretores do INDEP (*Instituto de Evangelização em Profundidade*), organização oferecedora de cursos de treinamento para pastores. Também em 1975, realizou-se de 10 a 12 dezembro, em São Paulo, com aprovação do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, o Encontro Interconfessional de Líderes do Movimento Carismático. Este encontro contou com a presença de Mons. Heládio Laurini, presidente da Comissão Ecumênica da Arquidiocese de São Paulo, e alguns líderes protestantes de várias denominações e de diversos lugares do Brasil.²⁹⁰

Todavia, apesar de sua raiz ecumênica, uma virada radical ocorreu na RCC vinte anos após seu surgimento. Essa virada teria ocorrido por pressões institucionais, conduzi a RCC da unidade com os pentecostais à intolerância religiosa. A década de 80 foi marcada por esforços da parte da RCC de integrar-se mais efetivamente à vida da Igreja Católica Romana, pois havia o sentimento de que a RCC permanecia à margem da vida da Igreja Católica.²⁹¹ Por isso, autoridades oficiais da Igreja Católica criaram orientações para RCC, no que se refere ao ecumenismo. As consequências das mudanças deste período representaram uma redução no ímpeto ecumênico da RCC.

Segundo o sociólogo Reginaldo Prandi, a RCC, em seu início, foi considerada perigosa por alguns setores da Igreja Católica, por seu fácil relacionamento com movimentos e teologias exteriores e estranhas à Igreja Católica.²⁹² O pentecostalismo católico começou a criar atritos dentro do catolicismo e aos poucos o termo *pentecostalismo católico* (como a

²⁸⁹ Cf. REIS, Reinaldo Beserra. A história da RCC no Brasil. In: REIS, Reinaldo Beserra. *História da Renovação Carismática Católica*. [s. l.]: IEAD. Aula IX, p. 4-7.

²⁹⁰ CHAGAS, 1977, p. 64.

²⁹¹ Cf. MARIZ, Cecília L. A Renovação Carismática Católica: uma igreja dentro da Igreja?. *Civitas*. Porto Alegre: PUCRS, v. 3, n. 1, p. 169-186, 2003. p. 172-173.

²⁹² PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: Edusp, 1997. p. 52.

RCC também era conhecida em seu início no Brasil) foi sendo substituído por *Renovação Carismática Católica*, pois, segundo o padre Haroldo Rahn, designar os grupos católicos de oração como pentecostalismo representava um incômodo para os católicos, já que *pentecostal* era a designação dos evangélicos não pertencentes às igrejas históricas.²⁹³ Para Brenda Carranza, essa mudança na nomenclatura da RCC não significou apenas só uma questão de terminologia ou semântica, mas pode ser interpretada como o início do distanciamento de sua abertura ecumênica. Distanciamento este que hoje não permite um diálogo entre o setor pentecostal protestante e a RCC. Ao contrário, existem confrontos e guerra proselitista.²⁹⁴

3.1.2 ENCRISTUS: o movimento de diálogo católico-pentecostal no Brasil

Como consequência dos fatos acima expostos, a RCC no Brasil nunca desenvolveu uma postura ecumênica para com os pentecostais, como ocorreu nos EUA, no início do movimento. Todavia, mesmo a RCC no Brasil hoje sendo um dos movimentos mais intolerantes e fechados ao ecumenismo da Igreja Católica, desde 2008 alguns membros dela e de comunidades de vida carismáticas começaram a sentir o desejo de resgatar este aspecto originário do movimento e começaram a surgir alguns esforços de unidade, por meio de encontros de ecumenismo espiritual.

Os três grandes movimentos de ecumenismo espiritual entre católicos e pentecostais que inspiraram o ENCRISTUS foram o *Unithed in Cristh*, o *Kairós* e o *CRECES*. O *Unithed in Chisth* acontece na América do Norte, coordenado pela Comunidade Alleluia, uma comunidade carismática ecumênica.²⁹⁵ O *Kairós* acontece na Itália e teve como pioneiros o missionário católico Matteo Calisi, fundador da Comunidade de Jesus, e o pastor pentecostal Giovanni Traetino, da Igreja Pentecostal da Reconciliação.²⁹⁶ Esta foi a primeira igreja pentecostal visitada por um Papa na história, quando em 2015 o Papa Francisco lá esteve e até se pronunciou durante um culto da comunidade. E a *CRECES* (*Comunión Renovada de Evangélicos e Católicos en el Espíritu Santo*) que acontece na Itália e teve origem com os contatos entre Matto Calisi e o pastor Jorge Himitian, da igreja pentecostal *Comunidad Cristiana*. Um dos eventos marcantes da CRECES foi a participação do então arcebispo de

²⁹³ Cf. CARRANZA, 2000, p. 35.

²⁹⁴ Cf. CARRANZA, 2000, p. 35-36.

²⁹⁵ Cf. IERULLO, Bruno. O fluir do Espírito na unidade do corpo. In: ENCRISTUS (Regional Sorocaba). *Unidade como fruto do Espírito*. Sorocaba: ENCRISTUS, 2015. p. 3.

²⁹⁶ Cf. ENCRISTUS. Diálogo católico-pentecostal: encontro de Lavrinhas 2008. Teologia em Questão. Faculdade Dehoniana: Taubaté, a. 7, n. 14, p. 95-122, 2008. p. 98.

Buenos Aires, Jorge Mário Bergoglio, o Papa Francisco, que orientava e pregava nos encontros.²⁹⁷

Como vimos, em todas estas plataformas de diálogo está na origem a figura de Mateo Calisi, pois ele é a maior liderança ecumênica do movimento carismático católico e, junto com o pastor Traetino, o pioneiro deste atual movimento ecumênico espiritual entre católicos e pentecostais. Também no Brasil, o ENCRISTUS surgiu sob sua influência. Em 2006 ele relata que sentiu um chamado de Deus para implantar a sua comunidade, a Comunidade de Jesus, no Brasil. Dom Felippo, bispo do Rio de Janeiro na época, também Italiano de Bari, Cidade de Calisi, sugeriu-lhe para instalar sua comunidade no Rio de Janeiro e difundir ali o ecumenismo espiritual. Dom Felippo, então, o apresentou a Dóris, fundadora da Comunidade Bom Pastor, RJ, porque sua comunidade também valoriza o ecumenismo.²⁹⁸

A primeira visita de Matteo Calisi ao Brasil foi considerada como o fato histórico profético que deu origem ao ENCRISTUS e é constantemente lembrado pelos seus participantes. Segundo o relato de José Carlos Marion:

o professor Matteo Calisi, leigo, de Bari, Itália, desde jovem teve o chamado para o ecumenismo espiritual. Fundou a Comunidade de Jesus, hoje em vários países no mundo, sendo que seu principal carisma (dom) é a unidade. Apesar dos vários convites para iniciar essa comunidade católica no Brasil, só sentiu direção de Deus quando Dom Filippo Santoro, bispo do Rio de Janeiro na época, também italiano de Bari, convidou-o oficialmente para vir ao Brasil. Em 2006 o professor Matteo Calisi veio ao Brasil com alguns missionários (Nicola Casiello, Carmela Venditti, Elisabetta Larusso) para sondar o propósito de Deus em relação ao ecumenismo. Seu primeiro contato foi com a Comunidade Canção Nova, que faz parte da Fraternidade Católica (que coordena as Novas Comunidades Carismáticas Católicas). Atualmente, Matteo é o presidente da Fraternidade Católica. O padre Jonas Abib, fundador da Canção Nova em Cachoeira Paulista, SP, recebeu, de 5 a 6 de novembro daquele ano, além de Matteo e os missionários, o bispo Tony Palmer e o arcebispo Sean Larkin (ambos da Igreja Anglicana), além do pastor não denominacional Alan Fonseca. Na celebração no templo da Canção Nova, televisionado para todo o país, diante de 70 mil pessoas presentes, o pastor tomou a iniciativa de pedir perdão pela divisão da igreja cristã e manifestou o desejo de lavar os pés dos padres e bispos. Houve um silêncio, e a bacia com água foi preparada. Os pés do padre Jonas, do bispo Dom Tavares e de Matteo foram lavados. Em seguida, os irmãos católicos, igualmente, pediram perdão e lavaram os pés de todos irmãos de outras denominações cristãs. Houve um silêncio total, e as pessoas presentes relataram que podia-se sentir a presença do Espírito Santo de forma marcante. Uma primeira lição do Espírito se aprendia naquele momento: para alcançar a unidade,

²⁹⁷ Cf. ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo?. *Religião e sociedade*. ISER: Rio de Janeiro, n. 33, p. 122-144, 2013. p. 128-129.

²⁹⁸ MARION, José Carlos. Os esforços pela unidade da Igreja ao redor do mundo. In: ENCRISTUS (Regional Sorocaba). *Bênção e vida na unidade*. Sorocaba: ENCRISTUS, 2014. p. 32.

primeiro se lavam os pés e, depois, senta-se à mesa. Este é o ensinamento de Jesus em João 13. Não funciona primeiro sentar-se à mesa, pensar em ceia ou comunhão antes do arrependimento, do perdão, de lavar os pés.²⁹⁹

Neste evento estavam presentes os católicos Izaías Carneiro, Angela De Bellis e Iete Aleixo, que depois tornaram-se lideranças ativas do ENCRISTUS.³⁰⁰ Uma delas, Angela De Bellis, sentiu o desejo de iniciar a Comunidade de Jesus, de Matteo Calisi, no Brasil. Em março de 2007, Angela conheceu a Comunidade de Jesus em Bari, Itália, e começaram os processos para implantá-la no Brasil. Após Matteo Calisi conhecer o padre Marcial Maçaneiro, na época assessor da CNBB para o ecumenismo, foi marcado um encontro para 15 de novembro de 2007, no qual estiveram presentes católicos e pastores. Esse núcleo marcou um novo encontro para Lavrinhas, MG, em 2008, onde estiveram reunidas 177 pessoas, entre evangélicos pentecostais e católicos, de 21 confissões cristãs³⁰¹ e diversos assessores das denominações,³⁰² originando o ENCRISTUS.³⁰³ Evento este que foi apoiado

²⁹⁹ MARION, José Carlos; MARION, Márcia Maria Costa. *Reconciliação, o segundo toque: a unidade do corpo de Cristo e a nova evangelização*. 2. ed. Americana: Impacto Publicações, 2014. p. 159.

³⁰⁰ Cf. MARION, José Carlos. *Um só corpo, um só Espírito, um só Senhor*. Americana: Impacto Publicações, 2016. p. 89.

³⁰¹ *Movimentos e novas comunidades católicas*: Comunidade Adorai (Varginha, MG); Comunidade Aliança de Misericórdia (Rio de Janeiro, RJ); Comunidade Bom Pastor (Rio de Janeiro, RJ); Comunidade Canção Nova (Cachoeira Paulista, SP); Comunidade Coração Novo (Rio de Janeiro, RJ); Comunità di Gesù (Bari, Itália); CRECES Argentina (Buenos Aires, Argentina); Movimento dos Focolari (Mariápolis, SP); Mutirão Internacional “Restaura-me” MIR (São Paulo, SP); Rinnovamento Carismatico Cattolico (Itália); Renovação Carismática Católica (Brasil); The Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships. / *Ministérios e novas comunidades evangélicas*: Aliança Missionária de Discípulos (Rio de Janeiro, RJ); Comunidade Atos (Rio de Janeiro, RJ); Comunidade Carisma (Osasco, SP); Comunidade “Inseridos em Cristo” (Brasil); Comunicação & Missão Cristã (Bauru, SP); Comunidade Cristã Missionária (Jundiaí, SP); Kingdom Builders Global (California, USA); Ministério com Pastores (Brasil); Projeto Pastores de Misericórdia (São Paulo, SP); The Ark Community (England, UK). / *Confissões cristãs*: Iglesia Pentecostal Comunidad Cristiana (Concepción, Chile; Buenos Aires, Argentina); Igreja Batista (Taubaté e S. Paulo, SP); Igreja Católica (Brasil); Igreja do Evangelho Quadrangular (Caçapava, SP); Igreja Evangélica Amor e Vida (Rio de Janeiro, RJ); Igreja Evangélica Anglicana (Evangelical Episcopal Church, UK); Igreja Evangélica Menonita (Valinhos, SP); Igreja de Jesus (Salvador, BA); Igreja Pentecostal Assembléia de Deus - Madureira (Rio de Janeiro, RJ); Igreja Pentecostal Assembléia de Deus - Missão (Pindamonhangaba, SP); Igreja Presbiteriana Unida IPU (Rio de Janeiro, RJ); Igreja Missão Apostólica (Taubaté, SP).

³⁰² *Representações em destaque*: Pastor Abílio Pinheiro Chagas – Comunidade Comunicação & Missão (Brasil); Pastor Anésio Rodrigues – Comunidade Carisma (Brasil); Pe. Antonello Cadeddu – Projeto “Pastores de Misericórdia” (Brasil); Sr^a Ângela De Bellis – Comunità di Gesù (Brasil e Itália); Sr^a Carina Crupi Scafuro – Coordinación CRECES Buenos Aires (Argentina); Pe. Carlo Colonna SJ – Rinnovamento Carismatico Cattolico (Itália); Pastor Cristián Romo Jiménez – Comunidad Cristiana (Chile); Pastora Diva Chagas – Igreja do Evangelho Quadrangular (Brasil); Sr^a Doris H. de Carvalho – Fundadora da Comunidade Bom Pastor (Brasil); Pe. Gabriele Cipriani – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Brasil); Sr^a Iete Aleixo – Secretária geral da Comunidade Bom Pastor (Brasil); Sr. Izaías de S. Carneiro – Fundador da Comunidade Coração Novo (Brasil); Pastor Jamê Nobre – Comunidade Cristã Missionária (Brasil); Pastor Jorge Himitian Comunidad Cristiana e CRECES (Argentina); Bispo José Adimar Lopes – Igreja Metodista Wesleyana (Brasil); Pe. José Carlos Stoffel CPM – Comissão de Diálogo Regional Sul 1 CNBB; Sr. Matteo Calisi – Fundador da Comunità di Gesù (Itália), Presidente da The Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowship; Sr. Pino Scafuro – Coordinación CRECES Buenos Aires (Argentina); Pastor Reinaldo Bergamini – Presidência da Igreja Pentecostal Livre (Brasil); Sr. Reinaldo Beserra dos Reis – Coordenação Estadual RCC-SP (Brasil); Pastor

oficialmente pela CNBB, até mesmo com a publicação de uma carta de convite.³⁰⁴ Daquele primeiro encontro, surgiu um Grupo de Animadores e uma Equipe de Serviço com presença católica e evangélica paritária e o evento tem acontecido anualmente.³⁰⁵

Segundo o site oficial do ENCRISTUS, seu objetivo é:

o ENCRISTUS favorece o encontro de evangélicos e católicos, que desejam buscar a santidade e a unidade fraternalmente, movidos pela efusão do Espírito Santo que experimentam em suas Comunidades. Este encontro tem um sentido espiritual, discipular, bíblico e apostólico. Não se trata de uma “comissão” interconfessional, nem de uma instância representativa dos dirigentes das Comunidades participantes –

Sebastião Bertolino – Igreja Pentecostal Assembléia de Deus (Brasil); Pastor Sérgio Franco - Aliança Missionária de Discípulos (Brasil); Bispo Welly Ferreira Sierra – Presidência da Igreja do Evangelho Pleno (Brasil). / *Delegados e assessores episcopais*: Rev. Anthony Palmer – Advisor for ecumenical dialog at the Communion of Evangelical Episcopal Churches CEEC (tradição anglicana); Sr. Émerson R. Reis – Assessor do Bispo Manoel Ferreira, Presidente da Igreja Pentecostal Assembléia de Deus – Madureira (Rio de Janeiro RJ e Brasília DF); Pbro. Fernando Giannetti – Secretário executivo para ecumenismo e diálogo interconfessional da Conferência Episcopal Argentina CEA (Igreja Católica); Pe. Hélio Pacheco – Delegado de Dom Eusébio O. Scheid SCJ, cardeal arcebispo da Arquidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro, RJ (Igreja Católica); Dr. Pe. Marcial Maçaneiro SCJ – Assessor para o diálogo ecumênico e inter-religioso da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil CNBB (Igreja Católica). / *Bispos*: Dom Benedito Beni dos Santos – Bispo diocesano de Lorena SP e membro da Comissão Episcopal Pastoral para Doutrina da Fé, CNBB (Brasília); Dom José A. Moura – Arcebispo de Montes Claros MG e Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso, CNBB (Brasília); Most Rev. Bishop Alan Fonseca – The Non-Denominational Church (California, USA) e participante do diálogo católico-pentecostal nos Estados Unidos.

³⁰³ Cf. MARION, 2014, p. 161-162.

³⁰⁴ Trechos da carta da CNBB: Prezados irmãos e irmãs, das Dioceses, Movimentos e Comunidades católicas: Fiéis à oração de Jesus (cf. Jo 17,21) e acolhendo as orientações da Igreja na encíclica *Ut unum sint* e, mais recentemente, no *Documento de Aparecida*, recebemos com alegria o convite para participar do “1º Encontro de Irmãos Evangélicos e Católicos” (Lavrinhas, SP – 30 de abril a 01 de maio 2008). O evento é promovido pela ação conjunta de Novas Comunidades católicas e representantes pentecostais. Do lado católico, temos o Sr. Matteo Calisi (*Comunità di Gesù*, Itália), a Sra. Doris Hoyer de Carvalho (*Comunidade Bom Pastor*, Rio de Janeiro) e o Sr. Izaías de Souza Carneiro (*Comunidade Coração Novo*, Rio de Janeiro). O monsenhor Jonas Abib oferece a hospitalidade da Comunidade Canção Nova, como anfitrião. Superando décadas de distância, estes irmãos e irmãs sentiram profundamente o apelo do Senhor ao testemunho comum e discerniram que era o momento de reunir-se, para orar e ouvir a Palavra de Deus. Será um primeiro passo desse tipo no Brasil, semelhante ao que tem acontecido na Itália (Bari) e na Argentina (Buenos Aires) – sempre sob o olhar pastoral dos Bispos católicos. [...] Convidamos você e sua Comunidade a orar e discernir o convite, como fizemos nós, com fé e coração generoso. Esperamos encontrá-lo em Lavrinhas! Cf. MAÇANEIRO, Marcial. *Pai... que todos sejam um*: 1º encontro de irmãos evangélicos e católicos de Lavrinhas (Brasil) – 30 abril - 01 maio 2008; memória e discernimento. Disponível em: <<http://bit.ly/2g4Zym3>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

³⁰⁵ ENCRISTUS 2008: Tema: *Livre, com testemunhos diversos*; em Lavrinhas, SP, 30 de abril e 01 de maio de 2008. / ENCRISTUS 2009: Tema: *Jesus e o Mistério da Igreja*; em Mariápolis, SP, de 16 a 18 de outubro de 2009. / ENCRISTUS 2010: Tema: *Trindade, Lugar de Unidade e Serviço*; no Rio de Janeiro, RJ, de 20 a 22 de agosto de 2010. / ENCRISTUS 2011: Tema: *Curados no Corpo de Cristo*; em Pouso Alegre, MG, de 5 a 7 de agosto de 2011. / ENCRISTUS 2012: Tema: *Acolhidos no Corpo de Cristo (1 Pedro 2.7-11)*; em Sorocaba, SP, de 24 a 26 de agosto de 2012. / ENCRISTUS 2013: Tema: *Pai Nosso (Mateus 6.9-13)*; em Sorocaba, SP, de 23 a 25 de agosto de 2013. / ENCRISTUS 2014: Tema: *Ele pôs em nossos lábios a palavra da Reconciliação (2 Coríntios 5:18-20)*; em Cachoeira Paulista, SP, de 14 a 16 de março de 2014. / ENCRISTUS 2014 (REGIONAL SÃO PAULO): TEMA: *Bênção e Vida na Unidade (Salmos 132 ou 133)*; Sorocaba, SP, de 22 a 24 de agosto de 2014. / ENCRISTUS 2014 (REGIONAL RIO DE JANEIRO): Tema: *Solicitos em conservar a unidade no vínculo da paz (Efésios 4:3)*; Rio de Janeiro, RJ, 18 e 19 de outubro de 2014. / ENCRISTUS 2015 (REGIONAL RIO DE JANEIRO): Tema: *Batizados no Amor que gera a Unidade*; em Niterói, RJ, 21 de março de 2015. / ENCRISTUS 2015 (REGIONAL SÃO PAULO): Tema: *Unidade como fruto do Espírito (Gálatas 5:16-26)*; em Sorocaba, SP, 29 e 30 de agosto de 2015. / ENCRISTUS 2016: Tema: *Unidade do Espírito pelo vínculo da paz (Efésios 4: 3)*; em Valinhos, SP, 27 e 28 de agosto de 2016.

embora algumas se fazem representar por presidentes, bispos ou delegados oficiais. Trata-se, sobretudo, de um encontro de irmãos e irmãs que se reconhecem chamados pelo Senhor Jesus Cristo a uma vida de santidade e unidade, conforme o Evangelho.³⁰⁶

E, também segundo seu site oficial, a teologia do ENCRISTUS está baseada em sete princípios, que são: o princípio *crístocêntrico*: nenhuma das Comunidades pretende confundir-se ou absorver-se reciprocamente, mas convergir em Cristo Senhor, partilhando como irmãos o discipulado do Evangelho. O *Fraterno*: os participantes do ENCRISTUS se reconhecem como irmãos e discípulos do mesmo Senhor (cf. Jo 13,35). Por isso os encontros são marcados pela escuta do Evangelho, valorização do que a graça divina tem feito em cada pessoa, adoração e testemunho comum. O *Bíblico*: é a Palavra de Deus os convida a viverem congregados em torno de Jesus, como ramos unidos ao tronco (cf. Jo 15, 16-17; Rm 12). O *Batistal*: concordam fundamentalmente que o batismo é um sacramento e ordenança do próprio Jesus, celebrando com água, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (cf. Mt 28,19). O *Espiritual*: o ENCRISTUS é um caminho que deve ser trilhado no Espírito de Cristo (cf. 1Cor 12,4). O mesmo Espírito Santo que ungiu e congregou no único Senhor Jesus, antecipando na oração e na amizade a unidade plena que espera-se viver um dia (cf. 1Cor 12,13). O *Apostólico*: como crentes e discípulos, consideram-se herdeiros da fé apostólica manifestada nos inícios da Igreja Cristã. E o *Eclesial*: o ENCRISTUS é eclesial, pois reconhecem-se como membros do Corpo de Cristo, remidos na sua morte e ressurreição e vinculados mutuamente pelo Espírito Santo, pelo Batismo e pelo o amor fraterno (cf. Rm 12).³⁰⁷

Outros eventos de oração ecumênicos para católicos e pentecostais também estão sendo realizados, porém todos estão ligados ao ENCRISTUS e possuem as mesmas lideranças. Ou seja, são encontros diferentes, mas com os mesmos atores e mesmo objetivo, o de promover o ecumenismo espiritual. Alguns deles são o *Congresso de Avivamento Somos Um*, da Comunidade Coração Novo,³⁰⁸ os cultos ecumênicos mensais da Comunidade Bom Pastor, na Paróquia Nossa Senhora da Penha, RJ, e na paróquia de Frei Galvão, Vargem Grande Paulista, SP, do padre Douglas Pinheiro, e os cafés ecumênicos, em Jundiaí, SP, promovidos pela Igreja Cristã de Jundiaí.

³⁰⁶ ENCRISTUS. *Encontro de Cristão na Busca de Unidade e Santidade*. Disponível em: <<http://www.enclistus.com.br/dinamic/jupgrade/index.php/enclistus-o-que-e>>. Acesso em: 07 maio 2017.

³⁰⁷ ENCRISTUS, acesso em: 07 maio 2017.

³⁰⁸ CARNEIRO, Izaías. Entrevista com Izaías Carneiro sobre a Conferência Somos Um. Disponível em: <http://m.issaosomosum.com.br/entrevista_izaias_carneiro/>. Acesso em: 09 jul. 2017.

3.2 O diálogo católico-pentecostal no Brasil: entre desafios e possibilidades

Nos meses de fevereiro e março de dois mil e dezessete foram enviados vinte e-mails para as principais lideranças do ENCRISTUS, dentre eles os fundadores, os organizadores e os pregadores do evento, solicitando a participação em uma entrevista para esta dissertação. Desses, treze colaboraram com a pesquisa, ou seja, a grande maioria das lideranças do ENCRISTUS. Sete não responderam o e-mail, mas todos os outros que responderam demonstraram grande disponibilidade e interesse por minha pesquisa. Alguns me ajudaram conseguindo mais contatos, indicando leituras, enviando os anais do ENCRISTUS com as pregações transcritas. Outros ainda, com quem já mantinha contato desde o ano passado, me passaram até mesmo seus contatos pessoais, por meio dos quais estabelecemos diversas conversas sobre o tema do diálogo católico-pentecostal. A partir de agora, estas entrevistas serão analisadas com o objetivo de compreender o modelo de diálogo ecumênico que está se estabelecendo no ENCRISTUS.

3.2.1 O perfil dos envolvidos no diálogo

Como se percebeu, essas iniciativas que têm surgido reúnem um pequeno grupo de carismáticos católicos que têm se aberto ao ecumenismo com os pentecostais. Já os pentecostais que têm participado destas iniciativas ecumênicas pertencem a pequenas comunidades pentecostais ou participam apenas de modo fraterno, não representando oficialmente suas denominações. Por isso, diante da grande variedade de modos de ser católico e pentecostal no Brasil, o que se chama aqui de diálogo católico-pentecostal, deve ser entendido como um encontro entre um grupo bem específico de católicos e outro grupo bem específico de pentecostais.³⁰⁹

Os entrevistados nesta pesquisa contemplam todas as modalidades de grupos participantes desta iniciativa de diálogo. Do lado católico temos membros da RCC, como Reinaldo Beserra, que é membro permanente do Conselho Nacional da RCC Brasil e também é um dos pioneiros do movimento no Brasil. Também da RCC, participou desta pesquisa Fernando Santos, que é pregador no movimento e apresentador na TV Século XXI. E o padre Douglas Pinheiro, que é adepto da RCC e pároco na Diocese de Osasco. Mas, a principal

³⁰⁹ Cf. ROSA, André Luís da. Renovação Carismática Católica e Igrejas Pentecostais: em busca de uma pentecostalidade comum. II Simpósio Internacional / XV Simpósio Nacional / II Simpósio Sul da ABHR, 2016, Florianópolis. *História, Gênero e Religião: Violências e Direitos Humanos*, 2016. p. 1.

representação católica vem das comunidades de vida carismáticas, pois estas, especificamente, além de cultivarem a espiritualidade da RCC, possuem um carisma voltado para a unidade cristã.

Huanderson da Silva Leite, outro entrevistado, é membro da RCC e consagrado em uma comunidade de vida carismática. Ele é o coordenador da Comissão de Unidade da RCC-SP, responsável por representar a RCC em eventos ecumênicos. E sobre sua comunidade, chamada Comunidade Católica Ruah Adonai, Huanderson explica que ela se enquadra na realidade das novas comunidades e é uma associação privada de fiéis de direito diocesano, da Diocese de Campo Limpo, SP, fundada em 03 de junho de 2003 e erigida a tal em 29 de julho de 2008. Ela nasceu de um grupo de oração da Renovação Carismática Católica e com ela caminha em comunhão até os dias de hoje.³¹⁰ E também explica que o carisma de sua comunidade está fundamentado em dois pilares: “o amor à Igreja enquanto instituição; O segundo pilar é o amor à Igreja enquanto povo de Deus, por isso somos comunidade que assumiu o amor fraterno como uma missão”.³¹¹ Quanto à dimensão ecumênica de sua comunidade, ele afirma:

com a atual eclesiologia do Concílio Vaticano II que define a Igreja como: Povo de Deus, Corpo místico de Cristo, Comunhão dos santos e sacramento universal, entendemos que “católica” é uma qualidade da Igreja e conseqüentemente a outras expressões cristãs participam também desta catolicidade. Quando entendemos essa questão, o diálogo se torna possível, sobretudo quando as diferenças doutrinárias são deixadas de lado e nos firmamos naquilo que é comum na nossa fé que é justamente a fé no Cristo. Para a Comunidade Ruah Adonai dialogar, amar e se unir a irmãos de outras expressões cristãs faz parte de nosso carisma, pois não há como amar a Igreja enquanto instituição se não amarmos o povo de Deus que constitui a comunidade de fé.³¹²

Outra comunidade carismática envolvida no ENCRISTUS é a Comunidade Javé Nissi, sobre ela Tácito José Coutinho comenta: “A Comunidade Javé Nissi tem 40 anos de existência (fevereiro de 1977). [...] Nossa identidade é uma expressão da Renovação Carismática Católica, portanto pentecostal: buscamos a vida no Espírito a partir da experiência do batismo no Espírito Santo”.³¹³ E sobre o envolvimento de sua comunidade com o ecumenismo ele relata:

³¹⁰ Cf. LEITE, Huanderson Silva. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³¹¹ LEITE, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³¹² LEITE, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³¹³ COUTINHO, Tácito José Andrade. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2 maio 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

para nós, a experiência ecumênica é bastante recente e ainda no início. Sediámos uma reunião do ENCRISTUS nacional e promovemos alguns encontros, muito poucos, de “café ecumênico”. Existe uma resistência da parte dos leigos, dos que participam da Comunidade e de outras expressões, como também da parte do clero arquidiocesano. As relações com “as igrejas” – pentecostais, tradicionais, históricas e novas igreja – são bem tensas em algumas cidades e inexistentes em outras. O diálogo católico-pentecostal é desconhecido e há pouco interesse. Predominam, ainda, o proselitismo, o fechamento e o preconceito.³¹⁴

Portanto, na comunidade de Coutinho, mesmo participando do ENCRISTUS, uma parte de seus membros ainda mantém resistência ao diálogo ecumênico. Diferente da Comunidade Bom Pastor, que, segundo Iete Nanci Pinto Aleixo, secretária responsável pela missão ecumênica da Comunidade Bom Pastor, “a Comunidade Bom Pastor tem como princípio fundamental, em seus estatutos, a ação ecumênica segundo as diretrizes da Igreja Católica”.³¹⁵ Logo, o ecumenismo é parte da identidade de seus membros. Essa comunidade foi fundada em 1975 pelo casal João e Doris a partir de um grupo de oração da RCC, que se reunia na casa do casal. Desde o início participavam desse grupo de oração também denominado Bom Pastor, jovens, adultos, casais, solteiros, padres, religiosos(as), pastores e irmãos evangélicos e das igrejas tradicionais.³¹⁶ Iete também enfatiza que “em 1975 a renovação carismática católica dava seus primeiros passos no Brasil e desde sua origem os grupos de oração eram ecumênicos”,³¹⁷ e que “a Comunidade Bom Pastor se manteve fiel a esse chamado ecumênico tendo realizado inúmeras reuniões e/ou eventos de louvor, retiros, vigílias junto aos irmãos”.³¹⁸ Assim, essa comunidade buscou manter acesa a dimensão ecumênica da RCC que o movimento abandonou.

Iete também narrou o seu testemunho pessoal sobre seu envolvimento ecumênico e seu chamado para a Comunidade Bom Pastor:

quanto à minha história, minha família sempre foi católica, mas não praticante. Fui batizada e fiz minha primeira comunhão como era tradição familiar. Na adolescência me afastei completamente e aos 23 anos, já casada e com dois filhos, um belo dia acordei com um desejo insaciável de saber quem era Deus.

Acabei encontrando, naquele mesmo dia, uma amiga que me levou para a Igreja Presbiteriana e lá tive minha primeira experiência com Jesus. Havia encontrado o Deus que eu buscava.

Fiquei três anos na Igreja Presbiteriana, experimentava em cada culto, escola dominical a presença de um Deus vivo e real, que falava comigo e com quem eu podia falar livremente. Era o Deus de Amor e não mais aquele Deus que ficava lá no

³¹⁴ COUTINHO, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³¹⁵ ALEIXO, Iete Nanci Pinto. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2 maio 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³¹⁶ Cf. ALEIXO, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³¹⁷ ALEIXO, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³¹⁸ ALEIXO, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

céu, julgando os meus erros (afinal: olha que o Papai do Céu está lá em cima vendo o que você está fazendo – era a frase que ouvia quando fazia minhas traquinagem de criança).

Entretanto, no íntimo do meu coração, eu sabia que ali não era o meu lugar. Foi quando em 1981 conheci a Comunidade Bom Pastor e quando pisei pela primeira vez, senti que ali era o meu lugar.

A minha conversão na igreja evangélica, creio eu, já apontava para a missão que depois o Senhor iria me confiar – o ecumenismo, já que ninguém poderia falar para mim que Deus não está na igreja protestante, evangélica ou pentecostal. Eu O conheceria lá!³¹⁹

Vale ressaltar que estes membros da RCC e das comunidades de vida católicas carismáticas não representam de modo geral a RCC, que ainda é um dos movimentos católicos mais resistentes ao ecumenismo, tratando-se mais da vocação pessoal de alguns adeptos. E, do lado pentecostal, participam membros que são autônomos, que não representam suas denominações e que frequentam o evento de modo fraterno, como é o caso de Asaph Borba, que é cantor e compositor, e pertence à Comunidade Cristã de Porto Alegre. Em seu testemunho, ele relata:

fui um jovem contestador na década de setenta, que por rebelião contra tudo e todos acabei me envolvendo com drogas abandonando escola e me afastando do conselho de pais e família quase perdi minha vida. Com dezesseis anos fui alcançado pelo amor de Cristo e me tornei uma nova criatura, pelo ministério do pastor metodista Erasmo Ungaretti, com quem passei a conviver e quem me introduziu na música cristã. Fiz as primeiras gravações com o apoio da Igreja e de um missionário americano Don Stoll e depois segui como diretor da produtora Life Comunicação, que se tornou uma das mais antigas produtoras de música Cristã no Brasil. Mais tarde me formei em Jornalismo e além de músico me tornei escritor. Minha experiência com o movimento Em cristos foi a partir da Jornada Mundial da Juventude, quando participei em uma das tardes do evento e, desde então tenho participado de forma ainda tímida de diversos eventos pelo Brasil afora.³²⁰

O bispo Bené Gomes, da Igreja Nova de Barra da Tijuca, em sua entrevista também deixa claro seu modo de participar do ENCRISTUS, dizendo: “na verdade, não posso responder pela igreja onde sirvo. Eu tenho a permissão e a bênção do pastor da minha igreja para trabalhar com essa frente ministerial envolvendo católicos e pentecostais”.³²¹ E comenta como surgiu seu envolvimento com o ecumenismo: “em 2007, o meu grupo musical, Ministério Koinonya, foi convidado a participar de uma noite que fazia parte da semana do

³¹⁹ ALEIXO, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³²⁰ BORBA, Asaph. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 17 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³²¹ GOMES, Benedito Carlos. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 20 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

Espírito Santo, na Paróquia Nossa Senhora do Méier, sob a coordenação do padre Antônio José, com quem venho trabalhado desde então”.³²²

Mas também entrevistou-se membros de denominações que possuem uma visão ecumênica, como a comunidade de Christopher Walker, que, em suas palavras: “é uma comunidade independente, não afiliada a nenhuma organização religiosa, preza a busca pela unidade com cristãos de todas as cores que aceitem a Bíblia como autoridade máxima (acima de tradições) e a fé pessoal e autêntica em Jesus Cristo como Filho de Deus”.³²³ Ele também comentou que sua comunidade interage com outras comunidades cristãs na região e possuem ligações mais diretas com as igrejas que vieram da Reforma Protestante e também com as igrejas pentecostais. Atualmente, eles não seguem uma linha doutrinária fechada, pois acreditam em uma experiência cristã mais abrangente, não limitada por linhas históricas ou doutrinárias.³²⁴

Mas, mesmo com essa abertura ecumênica de sua comunidade, Walker diz que seu envolvimento com o ENCRISTUS parte mais de sua experiência de vida pessoal:

para começar, vim de uma formação evangélica, pentecostal, e casei-me com uma pessoa de origem católica. Como não temos uma linha religiosa fechada, não houve nenhum impedimento quanto a isso, e sempre levamos uma vida religiosa harmoniosa na família. Os filhos todos têm abertura total para o mesmo tipo de relacionamento entre católicos e evangélicos. Não só diálogo, mas convívio. Particpei de vários eventos carismáticos que incluíam católicos e pentecostais na década de 1970 e 1980. Participo dos eventos do Encristus desde 2009.³²⁵

Assim como a comunidade de Walker, a Igreja de Jamê Nobre e José Marion, a Igreja Cristã de Jundiaí, possui uma grande abertura ecumênica, pois ela é produto da união de quatro denominações evangélicas.³²⁶ Nas palavras de Marion: “somos originados de quatro Comunidades Evangélicas que seu uniram para tornar uma só e por isto temos o DNA da Unidade”.³²⁷ Por isso, o diálogo com outras denominações no ENCRISTUS não foi uma dificuldade, como explicou Jamê Nobre: “a nossa comunidade é tida por evangélica, dentro do espectro cristão, e tem uma mentalidade aberta ao mover de Deus para a unidade do corpo

³²² GOMES, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³²³ WALKER, Christofer David. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 10 mar. 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³²⁴ Cf. WALKER, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³²⁵ WALKER, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³²⁶ Cf. NOBRE, Jamê. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 20 mar. 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³²⁷ MARION, José Carlos. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 3 mar.2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

de Cristo. Portanto, não houve grandes oposições quando caminhamos para a unidade no mover chamado ENCRISTUS”.³²⁸

Há também a denominação de Mike Shea, Casa de Davi, que foi fundada pelo mesmo. Em sua definição: “a Casa de Davi é um ministério para-eclésiástico separado para ajudar a igreja a aperfeiçoar seu papel profético diante da sociedade”.³²⁹ E sobre sua missão é afirmado: “cremos que ‘família de Deus’ é a expressão que mais expressa o que buscamos formar e cooperar para formar como ministério”.³³⁰ Ele foi criado na Igreja Católica nos EUA, onde foi coroinha e envolvido em sua comunidade, mas aos dezesseis anos passou por um processo de conversão à Igreja Metodista, onde relata ter tido uma experiência de Deus. Ele relata que nos primeiros anos como protestante seguiu uma linha bem fechada em relação à Igreja Católica, especialmente quanto à questão da intercessão de Maria e dos Santos. Mike também foi rejeitado por membros de sua família quando deixou a Igreja Católica. Mas, ele testemunha uma experiência religiosa que o fez mudar de postura e buscar o diálogo com outras igrejas, inclusive a Católica:

em 2002 eu tive uma experiência em que o Senhor veio pra mim de madrugada, dia quinze de março, e me visitou. E o Senhor começou a trabalhar em mim em relação a Igreja Católica. Eu estava considerando o papel profético: como que eu posso ser um profeta se eu sou profeta apenas para parte da Igreja. E nesta madrugada o Senhor me visitou e a mão dele veio sobre mim e durante vinte minutos eu estava gemendo e rolando na cama e clamando: e venha teu Reino! E venha teu Reino! E eu ouvi a voz do Senhor claramente no espírito: ‘Eu estou preparando algo para a Igreja Católica que vai deixar os evangélicos de queixo caído e com dor de cotovelo’.³³¹

Mike relacionou esta sua experiência com o movimento carismático católico, por se tratar de um avivamento do catolicismo, pois, segundo ele, o Senhor o disse:

Mike, eu quero que você levante uma intercessão por esse derramar. Eu estou anunciando isso pra você pra mudar o seu coração e pra você começar a mobilizar, a mover a igreja evangélica e falar que se eu visitei a Igreja Católica com o meu Espírito, nos anos sessenta nos EUA e setenta no Brasil, então eu considero que essa igreja também é minha. Eu não joguei ela fora. Eu não a considero anátema. Eu não considero que eu não posso operar e alcançar pessoas através dela.

Segundo este entrevistado, a partir desse momento ele teria passado a compreender que Deus não enxergaria católicos e evangélicos, mas apenas a sua Igreja. Esse é o

³²⁸ NOBRE, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³²⁹ SHEA, Mike. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 19 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³³⁰ SHEA, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³³¹ SHEA, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

testemunho da experiência que o levou a se engajar no ecumenismo espiritual do ENCRISTUS. Além destes entrevistados, outros, de outras denominações de linha pentecostal, participam do ENCRISTUS, apenas de modo fraterno. Mas também há no ENCRISTUS denominações que participam oficialmente, porém, estas, como vimos, possuem já em sua missão uma abertura ao diálogo ecumênico.

3.2.2 O modelo de diálogo ecumênico do ENCRISTUS

Segundo Rui Luis Rodrigues, o ENCRISTUS nasceu com o propósito de viabilizar, no Brasil, uma experiência de *ecumenismo espiritual*. Termo que pertence ao decreto sobre ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, número 8. Seu objetivo tem sido o de aproximar católicos e evangélicos de tradições pentecostais e carismáticas, estes tradicionalmente refratários ao diálogo ecumênico. Assim, ainda segundo Rodrigues, desde o início frisou-se que sua intenção não era entrar no debate doutrinário, que já era realizado por outras instâncias do movimento ecumênico, mas disponibilizar espaços para que católicos e evangélicos pudessem se encontrar e orar juntos.³³² Nas palavras de Marcial Maçaneiro:

não somos uma comissão teológica e nem um concílio de igrejas. Somos muito mais simples, serenos e fraternos. Somos irmãos batizados no Senhor e no Espírito Santo que estão se unindo para pedir a graça do perdão e da cura, para que o corpo de Cristo se erga como sinal entre as nações, curado das divisões.³³³

Com estes objetivos, o ENCRISTUS está delineando um novo modelo de diálogo ecumênico no Brasil, diferente da tradição ecumênica latino-americana, como reconhecem suas próprias lideranças: “o ENCRISTUS caminha de forma diferente do que se chama ecumenismo. [...] Somos aquilo que o pessoal dos diálogos ecumênicos chama de ecumenismo espiritual”,³³⁴ nas palavras de Jamê Nobre, que continua dizendo que o ENCRISTUS “não é o que se pode chamar de ecumenismo clássico, mas uma caminhada de irmãos que tiveram a mesma experiência com o Espírito de Deus e querem viver em unidade e santidade”.³³⁵ Padre Douglas Pinheiro, em seu relato, aponta que não se identificava com a forma de fazer ecumenismo do CONIC:

³³² Cf. RODRIGUES, Rui Luís. Embaixadores da reconciliação (2ª parte). ENCRISTUS 2014. *Ele pôs em nossos lábios a palavra da reconciliação*. Cachoeira Paulista: ENCRISTUS, 2014a. p. 56.

³³³ MAÇANEIRO, 2014, p. 51.

³³⁴ NOBRE, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³³⁵ NOBRE, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

Eu ainda quando seminarista, no período entre 2009 e 2010, recebi convites do meu reitor de seminário, para participar de encontros ecumênicos representando a diocese, sobretudo dos encontros ecumênicos do Regional Sul 1. São encontros promovidos pelo CONIC. Eu comecei a ir em alguns desses encontros mas tinha muita dificuldade de me identificar com a índole dos encontros. São encontros mais formais, pautados nos estudos em comum. Geralmente são apresentadas as temáticas e as palestras e os grupos de partilha visam aprofundar certos conteúdos para que se possa fazer propostas pastorais pra caminhada das igrejas cristãs históricas. Como eu venho do movimento carismático, as melhores experiências de unidade com outros cristãos que eu tive ao longo da vida foi com cristãos de comunidades pentecostais, até porque eles são maioria numérica nos relacionamentos que nós temos no cotidiano.³³⁶

A partir destas afirmações dos membros do ENCRISTUS, pode-se fazer algumas observações sobre o seu modelo ecumênico. Em primeiro lugar, percebe-se que se trata de um ecumenismo que reproduz as características do movimento pentecostal-carismático, o que não poderia ser diferente, afinal, seus membros são pentecostais e carismáticos. Assim, o ENCRISTUS trata-se de uma versão ecumênica do movimento pentecostal-carismático, pois, obviamente, faz uma releitura ecumênica de sua espiritualidade. Por isso, a primeira questão que diferencia o ENCRISTUS do movimento ecumênico no Brasil e na América Latina é a que diz respeito ao engajamento social. Estes possuem um compromisso com a libertação social e são responsáveis por muitas entidades ecumênicas de serviço, que geralmente prestam serviços especializados às populações carentes, assessoram movimentos sociais, formações e treinamento de agentes, entre outras atividades.³³⁷ Já os encontros do ENCRISTUS estão focados apenas em momentos de louvor e adoração em comum, como a maioria das comunidades pentecostais e carismáticas.

Assim como no pentecostalismo e no movimento carismático católico, o ENCRISTUS está desenvolvendo uma teologia baseada na experiência religiosa e na cultura oral. A experiência do sagrado possui centralidade no pentecostalismo, pois, para os pentecostais, *conhecer a Deus* é o mesmo que fazer uma experiência pessoal *de Deus*.³³⁸ Pois, como constata o teólogo pentecostal Claiton Ivan Pommerening, “a teologia pentecostal, historicamente foi feita levando-se em conta a experiência de fé e uma alta dose de

³³⁶ PINHEIRO, Douglas. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 04 maio 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³³⁷ WOLFF, 2002, p. 364.

³³⁸ Cf. ROSA, André Luís; SANTOS, Paulo Jonas dos. Experiência religiosa: da Reforma Protestante ao avivamento pentecostal. *Encontros Teológicos*. FACASC: Florianópolis, v. 31, n. 2, maio-ago, p. 235-252, 2016. p. 245.

emotividade e manifestações do Espírito Santo”.³³⁹ Logo, suas pregações não possuem um caráter doutrinário, catequético, mas valorizam o testemunho das suas experiências religiosas pessoais. Também no ENCRISTUS isso ocorre, a diferença é que as narrativas concentram-se em testemunhos de convivência ecumênica entre católicos e pentecostais, como é próprio de sua espiritualidade.

Quanto aos temas tratados nos encontros do ENCRISTUS, tratam-se dos mesmos grandes temas do movimento pentecostal-carismático, porém, com uma reinterpretação ecumênica. Por exemplo, como em todo o movimento pentecostal carismático o Espírito Santo recebe grande ênfase, no ENCRISTUS ele é entendido como o grande promotor da unidade dos cristãos, ele é a origem do ecumenismo espiritual.³⁴⁰ No ENCRISTUS o batismo no Espírito Santo é uma experiência ecumênica em si mesma, que o Espírito Santo derramou sobre diversas denominações para uni-las.³⁴¹ Nas orações por cura do ENCRISTUS o grande pedido é pela cura das feridas causadas no corpo de Cristo pelas divisões da Igreja, pela cura dos relacionamentos das pessoas de igrejas diferentes. Sobre a segunda vinda de Cristo, o ENCRISTUS enfatiza que esta só se dará quando a Igreja estiver unida na terra, ligando este tema ao ecumenismo.³⁴² Nas pregações sobre conversão, ela está intimamente relacionada a uma nova convivência entre católicos e evangélicos.³⁴³

Outras duas características marcantes do pentecostalismo e do movimento carismático no ENCRISTUS é o recurso à musicalidade e ao uso da mídia. A música no ENCRISTUS, assim como no movimento pentecostal-carismático, assume o lugar de principal veículo de louvor e adoração a Deus, por isso seus encontros são regradados a muita música católica e evangélica.³⁴⁴ Quanto à atuação midiática, o ENCRISTUS possui apoio das duas principais emissoras católicas, Canção Nova e Século XXI, que transmitem diversos de seus eventos. Um marco musical e midiático do ENCRISTUS foi a gravação do DVD *Somos Um*, idealizado pelo leigo católico Izaías Carneiro. Em 10 de junho de 2016 realizou-se a

³³⁹ Cf. POMMERENING, Claiton Ivan. A experiência como elemento primário da Teologia Pentecostal. *Revista de Estudos Pentecostais Assembleianos*, [S.l.], v. 1, n. 01, fev. 2017. Disponível em: <<http://revista.repas.com.br/index.php/repas/article/view/6>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

³⁴⁰ Cf. CALISI, Matteo. Andeis na vocação a que fostes chamados. In: ENCRISTUS REGIONAL 2015 – RIO DE JANEIRO. *Batizados no amor que gera a unidade*. Rio de Janeiro: ENCRISTUS, 2015. p. 6-7.

³⁴¹ Cf. REIS, Reinaldo Beserra. Testemunho. In: ENCRISTUS REGIONAL 2015 – SOROCABA. *Unidade como fruto do Espírito*. Sorocaba: ENCRISTUS, 2015. p. 54.

³⁴² Cf. RODRIGUES, Rui Luis. A dimensão escatológica da unidade. In: ENCRISTUS REGIONAL 2014 – SOROCABA. *Benção e vida na unidade*. Sorocaba: ENCRISTUS, 2014b. p. 51-52.

³⁴³ Cf. ARRUDA, Pedro. Não impunhais aos homens suas transgressões (1º parte). In: ENCRISTUS, 2014a, p. 27-28.

³⁴⁴ Cf. CUNHA, Magali do Nascimento. A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 67.

gravação do DVD, nos estúdios da TV Século XXI, com o apoio da CNBB e do fundador da TV Canção Nova, monsenhor Jonas Abib. Participaram da gravação do DVD, o Cardeal Arcebispo Dom Orani Tempesta, do Rio de Janeiro, o padre Douglas Pinheiro, da Diocese de Osasco, os cantores católicos Tony Allyson e Olívia Ferreira e os cantores evangélicos Asaph Borba e o Bispo Bené Gomes.³⁴⁵

Também o ENCRISTUS reproduz a característica do movimento pentecostal-carismático de uma religião mais carismática e menos institucional, como constata o teólogo René Laurentin: “a Renovação no Espírito, corresponde à necessidade de sinais sensíveis, dos quais, os cristãos estiveram exageradamente privados pela excessiva abstração dos teólogos e liturgicistas”.³⁴⁶ Assim, afirma o teólogo Marcial Maçaneiro:

o ENCRISTUS nasceu pelo mover da graça. Não temos endereço ou sede, não queremos uma unidade institucional de igrejas, não estamos pregando uma confusão de credos. Pelo contrário, todos professam o credo apostólico da primeira à última fase, todos professam a integridade as Escrituras, principalmente do Novo Testamento, todos sabem que o batismo em nome da Trindade é o início da vida da graça, todos sabem que a caridade precede os carismas.³⁴⁷

Nesse mesmo sentido, comentou na entrevista sobre o ENCRISTUS Reinaldo Beserra:

a gente recusa ser uma estrutura, uma organização que promove grandes propostas de anúncio através da mídia e tal. Não! O nosso ecumenismo é feito face a face, é feito de pessoa pra pessoa. Nós temos uma reunião regular da equipe ampliada de serviço, umas 20-25 pessoas, e promovemos alguns encontros regionais em alguns estados já, e um encontro nacional, geralmente um encontro por ano. Nós somos uma plataforma só de encontro, não somos uma organização, não temos livros de regras, não temos uma agenda definida, sempre nos encontramos para definir que passo vamos dar da próxima vez, com muita simplicidade. Nós somos um grãozinho de areia mesmo, não temos uma estrutura visível como se poderia esperar de uma atitude dessa.³⁴⁸

Ainda uma outra questão vivenciada entre pentecostais e carismáticos e não superada pelos membros do ENCRISTUS é a do diálogo com outras religiões. O ENCRISTUS não levanta muitas questões que são tratadas pelo CONIC, como o diálogo inter-religioso, pois a tradição ecumênica latino-americana tem buscado uma aproximação com as religiões de

³⁴⁵ Cf. CUNHA, Magali do Nascimento. Quando a unidade tem limite: o ecumenismo de conveniência entre católicos e evangélicos conservadores no Brasil. In: RIBEIRO, 2016a, p. 158.

³⁴⁶ LAURENTIN, René. *Pentecostalismo entre os católicos: riscos e futuro*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 193.

³⁴⁷ MAÇANEIRO, Marcial. Embaixadores da Reconciliação (1ª parte). In: ENCRISTUS. *Ele pôs em nossos lábios a palavra da reconciliação*. Cachoeira Paulista: ENCRISTUS, 2014. p. 50.

³⁴⁸ REIS, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

matriz indígena e africana.³⁴⁹ Todavia, na RCC e nas igrejas pentecostais há uma demonização destas expressões religiosas.³⁵⁰ Em um momento de testemunho no ENCRISTUS, o padre Douglas Pinheiro narrou sua conversão do Candomblé ao movimento carismático, onde ele trata as religiões de matriz africana como idolatria e pecado, relacionando-as ao inferno.³⁵¹ Portanto, o ENCRISTUS tem tentado superar a divisão entre católicos e pentecostais, mas, ao que os dados indicam, tem absolutizado o Cristianismo, correndo o risco de tornar-se um ecumenismo exclusivista, sem uma perspectiva mais ampla de unidade.

3.2.3 O diálogo no ENCRISTUS: conquistas e perspectivas de futuro

Para discutir sobre as conquistas e os desafios do ENCRISTUS no diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil, servir-se-á da noção de diálogo de Habermas e Paulo Freire, expostas no segundo capítulo, para analisar as respostas das entrevistas, especialmente às questões que versaram sobre os avanços alcançados pelo movimento e resistências ainda encontradas por eles. Assim, como na questão do modelo de diálogo ecumênico do ENCRISTUS, as respostas foram quase todas na mesma direção, demonstrando uma unidade de pensamentos e objetivos de seus participantes.

Um fato que pode ser elencado como a primeira conquista do ENCRISTUS é o de reunir católicos e pentecostais em torno de um objetivo comum, o da unidade cristã. Isso se constata nas palavras de Mike Shea sobre o principal avanço do ENCRISTUS, quando diz: “o que eu estou observando é que o grande avanço é simplesmente se dispor pra estar no mesmo lugar e ter comunhão, adorar juntos. [...] Eu creio que o ENCRISTUS é um meio pelo qual nós podemos nos encontrar”,³⁵² e nas palavras de padre Douglas Pinheiro: “um avanço conquistado são os encontros em si [...] a criação de espaços pra que cristãos de diversas igrejas cristãs se encontrem pra oração em comum é um grande avanço”.³⁵³ Assim, os membros do ENCRISTUS cumprem o pressuposto da teoria da ação comunicativa habermasiana que sugere uma interação de, no mínimo dois sujeitos que interagem, são

³⁴⁹ Cf. RIBEIRO, Claudio Oliveira. *Religião, democracia e direitos humanos*: presença pública inter-religiosa no fortalecimento da democracia e na defesa dos direitos humanos no Brasil. Vila Graciosa: Reflexão, 2016c. p. 41.

³⁵⁰ Cf. HATTORI, 2010, p. 446-447. / Cf. ORO, Ari Pedro. A demonologia da Igreja Universal do Reino de Deus. *Debates do NER*. Porto Alegre, a. 6, n. 7, p. 135-146, 2005. p. 135.

³⁵¹ Cf. PINHEIRO, Douglas. A carne vencida pelo Espírito. In: ENCRISTUS, 2015, p. 62-66.

³⁵² SHEA, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁵³ PINHEIRO, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

capazes de falar e agir, e, estabelecem relações interpessoais com o objetivo de alcançar uma compreensão sobre uma determinada situação.³⁵⁴ Mas, vale ressaltar que a linguagem destes encontros é própria do movimento pentecostal-carismática, que se dá por meio da espiritualidade, da oração, que os difere de outros movimentos ecumênicos, como enfatiza padre Douglas: “no movimento ecumênico entre as igrejas históricas isso se sonhava, se almejava, mas acabava que esses encontros de oração se tornavam muito esporádicos. E com o ENCRISTUS nós temos feito com que esses encontros sejam cada vez mais frequentes”.³⁵⁵ Os consensos prévios aos encontros, que de certa forma são os que viabilizam os eventos, e os que são gestados propriamente nos encontros ecumênicos do ENCRISTUS têm se mostrado capazes de produzir uma convivência duradoura e fraterna.

Também deve-se enfatizar que, para que aja uma ação comunicativa, os sujeitos devem estar buscando o consenso de uma forma livre de toda coação externa e interna,³⁵⁶ e deve ser uma ação orientada ao entendimento, em oposição à ação estratégica, que é orientada ao êxito de uma das partes do diálogo.³⁵⁷ Quanto a esse ponto, encontramos na fala de Reinaldo Beserra que o ENCRISTUS possui esse claro objetivo de busca de consenso, de compreensão entre seus participantes, sem tentativas de uma ação estratégica:

a gente vem convivendo num crescente amor e respeito pela identidade do outro. Nunca ocorre o menor resquício de proselitismo, de querer levar um daqui pra lá, de lá pra cá. Nós não temos no nosso grupo nômades na fé, todos nós temos uma clara consciência da nossa identidade e não abrimos mão dela. Então, o ENCRISTUS não é lugar para quem está indefinido na fé, não, ali são pessoas bem definidas. Então quanto mais a gente conhece o outro, mais a gente valoriza o outro, mais a gente quer estar com o outro. [...] A gente até conversa sobre pontos divergentes, mas nunca é para discutir não, é para entender melhor.³⁵⁸

Um outro ponto tratado pelos participantes do ENCRISTUS foi o amor. Para Paulo Freire não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos seres humanos. Segundo ele, sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na dominação. Ao contrário, o amor é compromisso com a causa das pessoas oprimidas, pois é ato de liberdade, não podendo ser pretexto de manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade.³⁵⁹ Reinaldo Beserra, sobre a prática do amor no ENCRISTUS afirma: “outros pensam que é necessário primeiro

³⁵⁴ PINTO, 1995, p. 80.

³⁵⁵ PINHEIRO, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁵⁶ Cf. GONÇALVES, 1999, p. 133.

³⁵⁷ Cf. BASTOS, 2006, p. 124.

³⁵⁸ REIS, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁵⁹ Cf. FREIRE, 2015, p. 110-111.

resolver todas as questões doutrinárias para somente depois conviver com os diferentes, somente depois amar-se. Nós não, nós resolvemos primeiro amar-nos e seguirmos adiante e o Espírito Santo há de levar a bom termo as nossas iniciativas”.³⁶⁰ Também Iete Aleixo afirma que o ecumenismo está essencialmente ligado ao amor: “o ecumenismo para mim é acima de tudo o local privilegiado para os cristãos se conhecerem e adorando o único e mesmo Deus, viverem o maior de todos os mandamentos: amar a Deus sobre todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo”.³⁶¹ E Bené Gomes diz que só o amor pode aproximar os cristãos:

acredito que seja o fato de focarmos nas diferenças doutrinárias. Sempre que se vai colocar a necessidade dessa unidade, as pessoas de ambos os lados ficam com um pé atrás, mas a medida que as experiências vão demonstrando que existe algo maior que nos une que é o amor de Cristo, as barreiras vão caindo.³⁶²

Assim, levando em consideração os elementos acima mencionados, da disposição ao encontro com o outro e a prática do amor, percebe-se que o diálogo no ENCRISTUS se dá propriamente no mundo da vida, em detrimento do mundo do sistema. Por isso, para Pedro Arruda, o ENCRISTUS “mostrou na prática que o diálogo é possível, o que nos meios teológicos e nas cúpulas era considerado impensável”.³⁶³ Para Habermas, o *mundo da vida* é o pano-de-fundo de uma ação comunicativa. O mundo da vida abrange o conjunto de referências da situação da ação,³⁶⁴ pois os sujeitos falantes e agentes criam o contexto social da vida, direta ou indiretamente, produzindo objetos simbólicos que corporificam estruturas de conhecimento.³⁶⁵ E, em um diálogo voltado para o mundo da vida o foco recai sobre o mundo social como a totalidade das relações interpessoais e o mundo subjetivo como a totalidade das experiências à qual o falante tem acesso e pode expressar ante um público.³⁶⁶

No ENCRISTUS, as pregações estão permeadas de testemunhos e relatos de vida, como já mencionado, e as falas de suas lideranças deixam claro que o objetivo do encontros são essas relações interpessoais e não as instituições religiosas, como comenta Jamê Nobre: “uma amizade muito boa, sem cobranças de nenhum dos lados, e uma clareza de que nenhum

³⁶⁰ REIS, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁶¹ ALEIXO, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁶² GOMES, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁶³ ARRUDA, Pedro. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁶⁴ Cf. HABERMAS, 2012b, p. 218.

³⁶⁵ Cf. ARAGÃO, 2006, p. 44.

³⁶⁶ Cf. HABERMAS, 2012b, p. 220.

dos componentes do ENCRISTUS representam qualquer instituição, mas representa a si mesmo, nessa busca de unidade e santidade”³⁶⁷.

Também Christofer Walker, no mesmo sentido, demonstra que no ENCRISTUS o relacionamento entre as pessoas é mais importante que a dimensão institucional das igrejas:

se estamos falando em diálogo doutrinário, não houve avanço, porque não tem sido este o foco. Em termos de quebrar barreiras e colocar pessoas de diferentes origens lado a lado, e descobrir que a essência de sua fé é a mesma, houve muitos avanços, porém somente em termos de relacionamentos pessoais. Não tem sido o foco tentar unir cúpulas ou estruturas institucionais.³⁶⁸

Apesar do institucional, o que Habermas classificaria como mundo do sistema, não ser o foco no ENCRISTUS, o mundo do sistema não encontra-se totalmente ausente, pois, mesmo que de forma mínima, a dimensão institucional das comunidades envolvidas está ali presente e influenciando. O mundo do sistema pode ser considerado como o mundo formal, das regras, das leis, das normas.³⁶⁹ No mundo da vida, a integração é mediada por valores e pela consciência dos indivíduos. Já o mundo do sistema, parte de uma lógica própria, independente dos sujeitos, na qual as ações se organizam formalmente e são determinadas por cálculos interessados.³⁷⁰ A lógica do sistema traria dificuldades e limitações para a ação de alguns membros do ENCRISTUS, não das denominações que aderiram como um todo, mas daqueles independentes. Padre Douglas afirma que a principal dificuldade encontrada por ele no ENCRISTUS refere-se à resistência de membros da própria Igreja Católica:

são dificuldades encontradas mais na Igreja Católica frente a incompreensão dos que desconhecem o trabalho do que dificuldades no trabalho propriamente dito. Uma vez ou outra algum irmão do clero, ou algum fiel das nossas igrejas, desconhecendo a índole do trabalho, acaba questionando a validade dele.³⁷¹

Tácito Coutinho, relata que em sua comunidade, Javé Nissi, mesmo que ele participe do ENCRISTUS, “existe uma resistência por parte dos leigos que participam da comunidade e de outras expressões, bem como da parte do clero arquidiocesano”.³⁷² Também deve-se mencionar nesse ponto da dimensão institucional que mesmo que os católicos participem de modo fraterno, a Igreja Católica sempre envia representantes oficiais, como o bispo responsável pelo ecumenismo da CNBB. Além de participantes oriundos de igrejas como a

³⁶⁷ NOBRE, Jamê, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁶⁸ WALKER, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁶⁹ Cf. BAUMGARTEN, 1998, p. 150.

³⁷⁰ Cf. BASTOS, 2006, p. 125-126.

³⁷¹ PINHEIRO, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁷² COUTINHO, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

Assembleia de Deus e a Quadrangular, que não possuem nenhuma autorização institucional, demonstrando que o mundo do sistema nessas igrejas impedem um relacionamento ecumênico no mundo da vida. Estes dados indicam que a fraternidade, amizade no ENCRISTUS, tão enfatizada por seus membros nas entrevistas, não está tão livre das instituições religiosas oficiais, pois estão ali presentes vistoriando e regulamentando os encontros.

Para Habermas, a ação comunicativa deve assumir um caráter emancipatório, pois, na medida em que as pessoas pensam, falam e agem coletivamente de forma racional, estão se libertando não só das formas de conceber o mundo e a si impostas pela tradição, como das formas de poder hipostasiadas pelas instituições. Dessa forma, a ação comunicativa torna-se uma maneira de combater o dogmatismo, a dominação social, enfim, qualquer forma de coação interna ou externa imposta aos sujeitos falantes e agentes.³⁷³ Também para Paulo Freire o diálogo possui um caráter emancipatório, sua antropologia concebe o sujeito sempre em construção, fundamentada na consciência do inacabamento, como algo próprio da experiência vital.³⁷⁴ E, o inacabamento, para Freire, pressupõe uma intersubjetividade com a diversidade dos outros: “seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em um movimento de busca. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros”.³⁷⁵

Assim, os entrevistados ao serem questionados sobre o que eles têm aprendido no contato com membros de outra tradição religiosa, demonstraram que o encontro com o outro tem modificado a forma deles pensarem, que os preconceitos têm sido desfeitos por meio do conhecimento do diferente. Do lado pentecostal, encontramos respostas como: “o fervor, junto com essa abertura para a obra do Espírito Santo é o que mais me inspira nos católicos hoje”;³⁷⁶ “um dos pontos que tem me inspirado é ver alguns padres que levam a vida de comunhão com Deus, fervor e santidade que é um impacto para todos”;³⁷⁷ “com o contato com esses irmãos comecei a rever a abordagem sobre Maria, sobre o Pai Nosso, sobre o Credo Apostólico e até mesmo sobre a comunhão (Eucaristia)”;³⁷⁸ “podemos perceber a seriedade como eles tratam seus superiores. Ainda que isso reflita o institucionalismo, ao

³⁷³ Cf. ARAGÃO, 2006, p. 54-55.

³⁷⁴ Cf. ROSA, 2015, p. 5.

³⁷⁵ FREIRE, 1996, p. 57-58.

³⁷⁶ GOMES, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁷⁷ BORBA, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁷⁸ MARION, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

mesmo tempo mostra que eles não sentem liberdade de andar sozinhos, como os evangélicos”.³⁷⁹

E do lado católico os seguintes pensamentos: “a convivência com irmãos de denominações diferentes fez com que eu visse algumas coisas que, por causa da formação que eu tive, não acreditava existir entre os ‘protestantes’ [...] ampliou meus horizontes e derrubou barreiras”;³⁸⁰ “aprendi com os pentecostais a viver a experiência do batismo no Espírito Santo de forma mais livre”;³⁸¹ “os evangélicos são muito mais fervorosos e aplicados à Bíblia. Essa característica me leva a me posicionar quanto ao mesmo estilo de vida e testemunho”;³⁸²

Nestas falas cumpre-se um dos pressupostos do diálogo em Freire, o de que a autossuficiência é incompatível com o diálogo, de que não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há pessoas que se encontram e buscam saber mais.³⁸³ Mas não há transformação pacífica. Ela é sempre conflituosa. É sempre ruptura com alguma coisa: preconceitos, hábitos, comportamentos, entre outros.³⁸⁴ E como o diálogo é um processo, ainda há na mentalidade dos membros do ENCRISTUS algumas questões tradicionais de discordância entre católicos e pentecostais, como nas seguintes falas:

existem pontos divergentes, como a liderança inquestionável do Papa, e a intercessão de santos. A idolatria a divindades humanas, quando trazidas para este contexto de unidade, atrapalham o caminhar, e, por outro lado no meio dos evangélicos a gestão de recursos e assuntos como aborto e divórcio, disseminados em alguns ambientes neopentecostais se tornam também empecilhos para os católicos.³⁸⁵

Há dificuldades entre os evangélicos por causa da visão tradicional que afirma que não há católicos salvos, não há, portanto, segunda essa visão, possibilidade de comunhão entre “luz e trevas”. Do lado católico a grande dificuldade é o institucionalismo que dificulta uma comunhão aberta se essa não partir da instituição e não for abençoada por alguém que representa a instituição.³⁸⁶

Respondendo como católico que sou: Muitos da minha igreja desconhecem as iniciativas e os documentos da igreja e, mesmo entre os que conhecem há resistências, pois prevalece-se uma postura monopolista do tempo do descobrimento e do império, como se a igreja católica fosse a única experiência eclesial válida diante de Deus, ignorando a realidade da conversão de homens em outras caminhadas.³⁸⁷

³⁷⁹ NOBRE, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁸⁰ COUTINHO, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁸¹ LEITE, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁸² ARRUDA, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁸³ Cf. SANTOS, 2014, p. 6.

³⁸⁴ Cf. SOARES, 2006, p. 41.

³⁸⁵ BORBA, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁸⁶ NOBRE, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

³⁸⁷ ARRUDA, 2017, entrevista concedida a André Luís da Rosa.

Todavia, essas questões abordadas pelos entrevistados estão mais relacionadas ao contexto geral de católicos e pentecostais que aos participantes do ENCRISTUS. E em nenhum momento essas falas parecem estar relacionadas a um modelo de ação estratégica, que é aquela fundamentada em uma posição egocêntrica, onde, para Habermas, “os atores estão exclusivamente orientados para o sucesso”.³⁸⁸ Esta lógica busca favorecer o interesse de atores individuais ou institucionais que impõe seus planos de ação, reduzindo o outro a um instrumento para chegar aos seus objetivos.³⁸⁹

Ao contrário disso, o modelo de diálogo católico-pentecostal que está se esboçando no Brasil parece mais orientando ao consenso e ao encontro, e neste sentido, mais comunicativo que estratégico. Trata-se ainda de uma tímida iniciativa que busca resgatar a espiritualidade ecumênica do movimento carismático dos anos sessenta e setenta nos EUA, mas com marcas regionais. Ele envolve um setor bem específico de membros da RCC, que possuem maior formação teológica e histórica do movimento, e comunidades de vida que já possuem como parte de seu carisma o diálogo ecumênico. Algumas denominações pentecostais também se diferem das igrejas pentecostais clássicas, por possuírem uma pré-disposição ao diálogo com outras denominações, fruto da visão de seus pastores e fundadores, mesmo que esse diálogo seja de cunho pessoal, por iniciativa de membros ou grupos com postura ecumênica. Esse modelo de ecumenismo espiritual do ENCRISTUS difere-se da tradição ecumênica latino-americana, que está mais voltada para debates doutrinários e ações sociais em comum, e incorpora os principais elementos do movimento pentecostal-carismático. Com todos estes dados apresentados durante essa pesquisa, pode-se questionar: as iniciativas de diálogo católico-pentecostal no Brasil podem ser consideradas como um novo tempo para católicos e pentecostais?

³⁸⁸ HABERMAS, 2003, p. 164.

³⁸⁹ Cf. OLIVEIRA, 2014, p. 22.

CONCLUSÃO

Ao findar esta pesquisa, a primeira consideração que se pode fazer sobre ela é a que se deve estar consciente de sua provisoriedade, por se tratar de um fenômeno religioso em plena efervescência. Apenas em 2007 iniciaram os esforços mais concretos por um movimento que aproxime católicos e evangélicos pentecostais no Brasil, e ainda estão surgindo coisas novas. Neste ano de 2017 ainda, por exemplo, aconteceu a *I Conferência Internacional de Louvor e Adoração Somos Um*, com a participação de lideranças internacionais do ecumenismo espiritual católico-pentecostal.³⁹⁰ Contudo, é possível afirmar que essa dissertação perseguiu o objetivo geral de compreender como se estabelece atualmente o diálogo católico-pentecostal no Brasil.

No primeiro capítulo, analisou-se as principais dificuldades de relacionamento entre católicos e pentecostais no Brasil. A primeira delas é a pluralidade de configurações do catolicismo e do pentecostalismo. Ambas as tradições não possuem uma teologia e uma prática homogênea, mas uma grande diversidade, dificultando o entendimento entre os muitos modos de catolicismos e de pentecostalismos, que já possuem dificuldades de relacionamento no interior das suas próprias tradições. Depois, o crescimento do pentecostalismo foi traumático para o catolicismo, devido à grande perda de fiéis, desenvolvendo uma visão negativa do mesmo. Assim, os dois grupos passaram a produzir uma teologia apologética condenando um a fé do outro como um erro. Até o presente momento, ainda não se desenvolveu uma comissão de diálogo ecumênico entre católicos e pentecostais no Brasil.

No segundo capítulo, concebeu-se a ideia de diálogo a partir da teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas e da noção de dialogicidade de Paulo Freire, e estabeleceu-se de modo geral, a relação entre o catolicismo e o pentecostalismo com o movimento ecumênico. No catolicismo, o ecumenismo foi rejeitado radicalmente até o Concílio Vaticano II, na segunda metade do século XX, quando a Igreja Católica abriu-se para o diálogo com outros cristãos. Agora, porém, vive uma tensão interna cheia de conflitos entre o retorno à antiga tradição e à atualização de sua doutrina. Já o pentecostalismo surge como um

³⁹⁰ O encontro aconteceu de 3 a 6 de agosto na Cidade das Artes, Barra da Tijuca. Ele foi organizado pela Comunidade Coração Novo, sob a responsabilidade de Izafas de Souza Carneiro, e constava na agenda oficial da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Foi um encontro de ecumenismo espiritual, como o ENCRISTUS, mas com lideranças internacionais do movimento carismático. Cf. RÁDIO VATICANO. *Rio acolhe I Conferência Internacional de Louvor e Adoração Somos Um*. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2017/07/18/i_confer%3%aancia_internacional_de_louvor_e_adora%3%a7%c3%a3o_somos_um/1325594>. Acesso em: 19 ago. 2017.

movimento ecumênico, no sentido de ser possível a todas as igrejas, mas, com a sua institucionalização passou a expressar uma tendência a ser conservador e excludente. Atualmente, existem pentecostalismos que fazem parte de organismos ecumênicos e um pensamento ecumênico está sendo desenvolvido entre teólogos pentecostais, também no Brasil.

No terceiro capítulo, estudou-se o caso do movimento ENCRISTUS, que realiza encontros de ecumenismo espiritual entre católicos e pentecostais, nos Estados do Rio de Janeiro e em São Paulo. Este movimento possui inspiração em encontros ecumênicos que aconteciam no início do movimento carismático nos EUA. No Brasil, ele tem sido liderado por um pequeno grupo de membros da RCC, especialmente de comunidades de vida carismática, que desejam retornar ao período em que o movimento era ecumênico, e pastores de pequenas igrejas pentecostais que possuem uma visão aberta ao diálogo com outras tradições religiosas. A partir dos dados pesquisados, pode-se fazer algumas considerações sobre o ENCRISTUS:

- Do ponto de vista da tradição ecumênica latino-americana, o que se promove no ENCRISTUS enquadra-se em um aspecto do Movimento Ecumênico: o ecumenismo espiritual.
- Ainda não há no Brasil um diálogo católico-pentecostal do ponto de vista institucional, e não há movimentação pública nesse sentido.
- Os teólogos católicos e pentecostais concordam que a espiritualidade é o caminho para o encontro entre católicos e pentecostais, especialmente por meio do movimento carismático católico.
- O ENCRISTUS pode ser considerado uma versão ecumênica do movimento pentecostal-carismático.
- O ENCRISTUS pode ser considerado um modelo e inspiração de que é possível que católicos e pentecostais estabeleçam novas relações.
- A iniciativa do ENCRISTUS é pouco conhecida e divulgada entre católicos e pentecostais.
- Os membros do ENCRISTUS possuem o apoio da CNBB, mas não participam de modo efetivo do movimento ecumênico brasileiro.
- Os pentecostais do ENCRISTUS não participam de outras iniciativas pentecostais ecumênicas, como o Fórum Pentecostal Latino Americano e a RELEP, salvo exceções pontuais.

- O ENCRISTUS possui uma pauta própria de assuntos, restrita a temas espirituais, sem diálogo com temas sociais debatidos em outros grupos ecumênicos. Por isso, pode-se dizer que, comparando com outras iniciativas, o ENCRISTUS trata-se de um ecumenismo teológico e politicamente conservador.
- A representação no ENCRISTUS é muito limitada frente ao quadro católico e pentecostal no Brasil. Os católicos carismáticos não representam a totalidade da RCC, muito menos outros setores do catolicismo. E os pentecostais não representam a teologia das grandes igrejas pentecostais.

Depois de todos os dados coletados nesta pesquisa, retomando a pergunta inicial, se este modelo de diálogo entre católicos e pentecostais pode ser considerado um novo tempo entre as duas tradições religiosas no Brasil, aponta-se que não se pode dar uma resposta absoluta sobre a questão, apenas constatar o que se depreende a partir do recorte feito nesta dissertação. De um lado, sim, pois deve-se levar em consideração que há alguns germes de uma significativa mudança em diversos setores eclesiais, acadêmicos e sociais. Mudanças estas que não estão partindo de iniciativas institucionais, mas da própria vivência das pessoas. Também o ENCRISTUS, mesmo sendo um movimento eclesial, espiritual, é predominantemente de liderança leiga. Sem dúvidas, o ENCRISTUS pode ser considerado uma nova página na relação entre católicos e pentecostais no Brasil, e deve ser levado em consideração sempre que se tratar do tema. Bem como outras mudanças: um novo olhar do movimento ecumênico sobre o pentecostalismo, a participação e criação de entidades ecumênicas de pentecostais, a convivência social e acadêmica entre católicos e pentecostais. Todavia, por outro lado, do ponto de vista da expressividade e da representatividade, ainda não se pode considerar novo tempo entre católicos e pentecostais. Pois, estas iniciativas não representam a maioria de católicos nem de pentecostais, e os principais preconceitos entre católicos e pentecostais permanecem muito vivos nas bases das comunidades destas tradições – não só nas bases, mas em muitas das grandes lideranças.

Assim, são necessários ainda muitos passos para que estas duas tradições religiosas superem suas posturas de resistência e intolerância e desenvolvam um caminho de diálogo ecumênico e ação conjunta. Não cabe neste trabalho a realização de propostas sobre como viabilizar este encontro, sendo esta uma tarefa para os teólogos e religiosos destas comunidades. Coube aqui, conforme o objetivo geral desta pesquisa e a epistemologia das Ciências das Religiões, compreender como se estabelece atualmente o fenômeno do diálogo católico-pentecostal no Brasil. Todavia, como provocação aos teólogos e agentes ecumênicos,

pode-se, a partir da atual situação da questão aqui apresentada, iniciar novas mesas de diálogo para pensar este desafio do encontro entre católicos e pentecostais no Brasil.



REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon Freire de. *A Assembleia de Deus e a matriz pentecostal brasileira – entrevista com o sociólogo Gedeon Alencar*. Disponível em: <<http://www.genizahvirtual.com/2015/12/a-assembleia-de-deus-e-matriz.html>>. Acesso em: 19 mar. 2016.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. Igreja Católica e Assembleias de Deus: diálogo ecumênico seria uma relação do pescoço com a guilhotina?. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 119-131.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. O catolicismo se pentecostalizando e pentecostalismo se catolicizando?. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (ORG.). *Evangélicos e católicos: encontros e desencontros no século 21*. Vila Graciosa: Reflexão, 2016a. p. 131-144.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. Pentecostalismo e ecumenismos: Deus e o diabo se (des)entendendo na terra do sol. *Caminhos*. Goiânia: PUC, vol. 12, n. 1, p. 220-239, jan./jul. 2014.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. Prefácio. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e transformação social*. São Paulo: Fonte editorial, 2013. p. 15-17.
- ALENCAR, Gedeon Freire de; FARJADO, Maxwell Pinheiro. Pentecostalismo: uma superação da discriminação racial, de classe e de gênero. *Estudos de religião*. São Paulo: UESP, v. 30, n. 2, p. 95-112, mai/ago, 2016.
- ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Art Editorial, 2010.
- ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 111-133.
- ANKENBERG, John; WELDON, John. *Os fatos sobre o catolicismo romano: o que a Igreja Católica Romana realmente crê?*. 2. ed. Porto Alegre: Obra Missionária Chamada da Meia Noite, 1999.
- AQUINO, Felipe. *Falsas doutrinas: seitas e religiões*. 16. ed. Lorena: Cléofas, 2012.
- ARAGÃO, Lúcia Maria de Carvalho. *Razão comunicativa e teoria social em Jürgen Habermas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.
- BARROS, Marcelo. Caminhantes nas trilhas da cidadania. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e católicos: encontros e desencontros no século 21*. Vila Graciosa: Reflexão, 2016a. p. 31-44.
- BARROS, Marcelo. *Evangelho e instituição*. São Paulo: Paulus, 2014.
- BASTOS, Carolina Vieira R. de A; OLIVEIRA, Simone Vinhas. Ação comunicativa e ação dialógica: contribuições para uma educação libertadora. *Aprender: caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*. UESB: Vitória da Conquista, a. IV, n. 7, p. 119-134, 2006.

BAUMGARTEN, Maria. Habermas e a emancipação: rumo à democracia discursiva?. *Teoria Social: Cadernos de Sociologia/Programa Pós-Graduação em Sociologia*. Porto Alegre: UFRGS, v. 10, p. 137-178, 1998.

BEAS, Patricio Merino. Contenidos teológicos para um diálogo católico-pentecostal: hacia un testimonio común del Evangelio. *Teología y vida*. Local: Universidad Católica De La Santísima Concepción, vol. 53, p. 575-602. 2012.

BEEK, Hebert Van. O Fórum Cristão Mundial e a busca pela unidade cristã. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 13-26.

BENTHO, Esdras Costa. Entre a emoção e a razão: a experiência pneumatológica dos pentecostais clássicos. *Caminhos de Diálogo: Revista de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, n. 4, a. 3, p. 91-102, 2015.

BENTO XVI. Homilia do papa Bento XVI na missa de inauguração da V conferência geral do episcopado da América Latina e do Caribe. In: CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. *Documento de Aparecida*. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008.

BEOZZO, José Oscar. Índícios de uma reação conservadora: do Concílio Vaticano II à eleição de João Paulo II. *Comunicações do ISEER*, a. 9, n. 39, p. 5-16, 1990.

BERKENBROCK, Volney José. Il Pentecostalismo e il dialogo ecumenico con il cattolicesimo. *Studi Ecumenici*. Veneza: Istituto Di Studi Ecumenici S. Bernerdino, a. 32, n. 2, p. 135-151, Jan-Jun, 2014.

BITTENCOURT FILHO, José. *Por uma nova teologia Latino-americana: a teologia da proscricção*. São Paulo: Paulinas, 1996.

BITTENCOURT, Estêvão. *Diálogo ecumênico: temas controvertidos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1989.

BOCK, Carlos Gilberto. *O ecumenismo eclesiástico em debate: uma análise a partir da proposta ecumênica do CONIC*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BOFF, Leonardo. *Igreja, carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Catolicismo. Catolicismos?. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 89-109.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Paulo Freire: educar para transformar*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

BRYNE, James. *A realização das promessas de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1976.

BURKETT, Bill. *Pentecostais ou carismáticos: um chamado ao verdadeiro pentecostes*. 3. ed. Tradução: Paulo Ferreira. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

CALISI, Matteo. Andeis na vocação a que fostes chamados. In: ENCRISTUS REGIONAL 2015 – RIO DE JANEIRO. *Batizados no amor que gera a unidade*. Rio de Janeiro: ENCRISTUS, 2015. p. 6-13.

CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002.

CAMPOS, Bernardo. Esboços sobre pentecostalismos e unidade na América Latina: o desafio do Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLC). In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 27-31.

CAMPOS, Bernardo. Pentecostalismo y unidad em América Latina: “Aspectos teológicos”. In: CAMPOS, Bernardo; ORELLANA, Luis (Orgs.). *Fuego que une: pentecostalismo y unidad de la iglesia*. Lima: FPLC; FCM, 2014. p. 33-37.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 63-87.

CARNEIRO, Izaías. Entrevista com Izaías Carneiro sobre a Conferência Somos Um. Disponível em: <http://missaosomosum.com.br/entrevista_izaias_carneiro/>. Acesso em: 09 jul. 2017.

CARRANZA, Brenda. Catolicismo midiático. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 69-87.

CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Ideias & Letras, 2009. p. 33-58.

CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. São Paulo: Santuário, 2000.

CASCO, Miguel Angel; CABEZAS, Roger; MANRÍQUEZ, Samuel Palma. *Pentecostais, libertação e ecumenismo*. São Leopoldo: CEBI, 1996.

CAVACA, Osmar. Uma eclesiologia chamada Francisco: Estudo da eclesiologia do Papa Francisco a partir da Evangelii Gaudium. *Cultura Teológica*. São Paulo: PUC-SP, a. 22, n. 83, p. 15-34, jan./jun., 2014.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs: promessas e desafios*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHAGAS, Cipriano. *Pentecostes é hoje: um estudo sobre a Renovação Carismática Católica*. São Paulo: Paulinas, 1977.

CHIQUETE, José Daniel. Apresentação. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostais e transformação social*. São Paulo: Fonte editorial, 2013. p. 9-13.

CIPRIANI, Gabriele. O ecumenismo na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. *Caminhos de Diálogo: Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, a. 1, n. 1, p. 79-87, jul/dez, 2013.

CNBB. *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil I*. São Paulo: Paulinas, 1991.

CNBB. *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil II*. São Paulo: Paulus, 1993.

CNBB. *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil III*. São Paulo: Paulus, 1994.

COFFEY, Tony. *Respostas às perguntas que os católicos costumam fazer*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1987.

COMISSÃO INTERNACIONAL DE DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL. *Tornar-se cristão: inspiração da Escritura e dos textos da patrística com algumas reflexões contemporâneas*. Brasília: CNBB, 2010.

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Unitatis Redintegratio*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.
CONSEJO MUNDIAL DE IGLESIAS. *X Asamblea Del Consejo Mundial de Iglesias*. Busan: CMI, 2013.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diálogo católico-pentecostal*. São Paulo: Paulinas, 1999.

CORREA, Maria Aparecida Oliveira. *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. 2012. 351 p. Tese [Doutorado em Ciências da Religião], Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CORVALÁN, Oscar; ZOMETA, Celina Mercedes. Visão e missão do Fórum Pentecostal Latino-Americano e Caribenho. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostais e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 33-43.

COSTA, Françoá. *A nova perspectiva ecumênica do Concílio Vaticano II*. Disponível em: <file:///C:/Users/Magazine%20Luiza/Downloads/Ecumenismo/Ecumenismo%203.pdf>. Acesso: 04 nov. 2016.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CUNHA, Magali do Nascimento. Navegando pelas águas do Movimento Ecumênico: águas instáveis, barco firme. *Simpósio*. São Leopoldo: ASTE, n. 49. Disponível em: <<http://www.aste.org.br/simposio/simp49.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

CUNHA, Magali do Nascimento. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações. *Estudos de Religião*. São Paulo: UMESP, v. 25, n. 40, p. 33-51, jan/jun, 2011.

CUNHA, Magali do Nascimento. Quando a unidade tem limite: o ecumenismo de conveniência entre católicos e evangélicos conservadores no Brasil. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e católicos: encontros e desencontros no século 21*. Vila Graciosa: Reflexão, 2016a. p. 147164.

DIAS, Zwinglio M. Perseguindo a utopia: alguns marcos decisivos na trajetória do Movimento Ecumênico na América Latina e no Caribe. In: SINER, Rudolf von (Org.). *Missão e ecumenismo na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2009. p. 117-130.

DOMINGÃO DO FAUSTÃO. *Padre Fábio de Melo e Pastora Ludmila Ferber No Domingão do Faustão Completo*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=78n1Gp8Qbzc>>. Acesso: 12 jan. 2017.

DUTRA, Delamar José Volpato. *Razão e consenso em Habermas: a teoria discursiva da verdade, da moral, do direito e da biotecnologia*. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

ENCRISTUS. Diálogo católico-pentecostal: encontro de Lavrinhas 2008. Teologia em Questão. Faculdade Dehoniana: Taubaté, a. 7, n. 14, p. 95-122, 2008.

ENCRISTUS. *Encontro de Cristão na Busca de Unidade e Santidade*. Disponível em: <<http://www.en Kristus.com.br/dinamic/jupgrade/index.php/en Kristus-o-que-e>>. Acesso em: 07 maio 2017.

FERREIRA, Fábio Alves. *A emergência de um novo sujeito pentecostal: os pentecostais na luta pela terra e o surgimento de uma nova hermenêutica bíblica*. Disponível em: <<https://outlook.live.com/owa/?path=/mail/search/rp>>. Acesso: 12 jan. 2017.

FIGUEIREDO, Renata da Silva. *Crimes contra o sentimento religioso: violação ao direito de culto no Brasil*. Disponível em: <http://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/crimes_contra_o_sentimento_religioso_6_0.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2016.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. 2. ed. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia de esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GABASSA, Vanessa. *Comunidades de aprendizagem: a construção da dialogicidade na sala de aula*. Doutorado em Educação [Tese]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2009.

GEPP. *Grupo de Estudos sobre Protestantismo e Pentecostalismo*. Disponível em: <<https://geppuc.wordpress.com/>>. Acesso: 12 jan. 2017.

GÓMEZ, Juan Usma. El pentecostalismo en Latinoamérica: identidad y perspectiva ecumênica. *Teologia em Questão*. Taubaté: Faculdade Dehoniana, a. 7, n. 14, p. 79-93, 2008.

GOMES, José Ozean. Turismo e Religião: o caso do Gideões Missionários da Última Hora. In: OLIVEIRA, David Mesquiati (Org.). *Pentecostalismos em diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 145-157.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. *Educação e sociedade*. a. XX, n. 66, p. 125-140, 1999.

GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social*. Tomo I. Madrid: Taurus, 1987.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: 1. Racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: 2. Sobre a crítica da razão funcionalista*. São Paulo: Martins Fontes, 2012b.

HAIGHT, Roger. *A comunidade cristã na história: eclesiologia comparada*. Vol. 2. São Paulo: Paulinas, 2012.

HATTORI, Francielly. A volta do diabo: o mal no discurso da Renovação Carismática Católica. In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo (Orgs.). *100 anos de pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte editorial, 2010. p. 431-465.

IBGE. *Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IERULLO, Bruno. O fluir do Espírito na unidade do corpo. In: ENCRISTUS (Regional Sorocaba). *Unidade como fruto do Espírito*. Sorocaba: ENCRISTUS, 2015. p. 3-10.

JOÃO PAULO II. *Discurso de S. João Paulo II, aos bispos do Peru em sua visita ad limina-Vaticano, junho de 1988 - L'Osservatore Romano, 23 (1988)*. Disponível em: <<http://www.acidigital.com/seitas/papa.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

JUANES, Benigno. *Que é a Renovação Carismática Católica?*. São Paulo: Loyola, 1994.

LAURENTIN, René. *Pentecostalismo entre os católicos: riscos e futuro*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEITE, Francisco Tarciso. *Metodologia científica: métodos e técnicas de pesquisa*. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

LEORATO, Massimiliano. *CEBs: gente que se faz gente na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1987.

LIMA, Adriano Sousa. Pentecostalismo e diálogo inter-religioso. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 35-46.

LIMA, Adriano, Sousa. Assembleia de Deus no Brasil e o diálogo inter-religioso. *Caminhos de Diálogo: Revista Brasileira de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, a. 2, n. 2, p. 43-52, jan/jul, 2014.

LIMA, Adriano, Sousa. O diálogo Inter-religioso como elemento da espiritualidade das Assembleias de Deus. In: 27º Congresso Internacional SOTER, 2014, Belo Horizonte, MG. *Espiritualidades e dinâmicas sociais - memórias e perspectivas*. Belo Horizonte: SOTER, v. 1. p. 2004-2017, 2014.

LIMA, Adriano, Sousa. O diálogo inter-religioso nas Assembleias de Deus: desafios e possibilidades. In: 1º Simpósio Sudeste da ABHR/ 1º Simpósio Internacional da ABHR, São Paulo. *Diversidades e (in) tolerâncias religiosas*. São Paulo: ABHR, v. 1. p. 2167-2179, 2013.

LIMA, Manolita Correia. *Monografia: a engenharia da produção acadêmica*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MAÇANEIRO, Marcial. Católicos e pentecostais em diálogo: um sinal dos tempos. *Veni Creator: Revista Teológica da Renovação Carismática Católica do Brasil*. Pelotas: RCC Brasil, a. 1, n. 2, p. 37-45, jul./dez. 2012.

MAÇANEIRO, Marcial. Embaixadores da Reconciliação (1ª parte). In: ENCRISTUS. *Ele pôs em nossos lábios a palavra da reconciliação*. Cachoeira Paulista: ENCRISTUS, 2014. p. 46-51.

MAÇANEIRO, Marcial. Na Unidade do Espírito Santo: observações sobre o Diálogo Internacional Católico-Pentecostal. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 99-117.

MAÇANEIRO, Marcial. *Pai... que todos sejam um: 1º encontro de irmãos evangélicos e católicos de Lavrinhas (Brasil) – 30 abril - 01 maio 2008; memória e discernimento*. Disponível em: <[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0CB8QFjABahUKEwic0Ln17uPIAhVHlx4KHfQ6Az4&url=http%](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0CB8QFjABahUKEwic0Ln17uPIAhVHlx4KHfQ6Az4&url=http%3F)>

3A%2F%2Fcombopastor.com.br%2Fsite%2Fdoc%2FMem%25C3%25B3ria%2520e%2520discernimento.doc&usg=AFQjCNFruazUimkMaqp4idZzwdajXZh8bQ&sig2=FOYK59uuwjNvZgpWDFveZw>. Acesso: 27 jun. 2017.

MAÇANEIRO, Marcial. Uma aproximação ao diálogo internacional católico-pentecostal. *Cultura teológica*. São Paulo: PUC, a. 21, n. 83, p. 11-31, jul./dez., 2013.

MARIANO, Ricardo. Diálogo ecumênico entre católicos, protestantes e pentecostais no Brasil. *Cultura teológica*. São Paulo: PUC, a. 4, n. 16, p. 69-77, jul./set., 1996.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARION, José Carlos. Os esforços pela unidade da Igreja ao redor do mundo. In: ENCRISTUS (Regional Sorocaba). *Bênção e vida na unidade*. Sorocaba: ENCRISTUS, 2014. p. 27-36.

MARION, José Carlos. Um só corpo, um só Espírito, um só Senhor. Americana: Impacto Publicações, 2016.

MARION, José Carlos; MARION, Márcia Maria Costa. *Reconciliação, o segundo toque: a unidade do corpo de Cristo e a nova evangelização*. 2. ed. Americana: Impacto Publicações, 2014.

MARIZ, Cecília L. A Renovação Carismática Católica: uma igreja dentro da Igreja?. *Civitas*. Porto Alegre: PUCRS, v. 3, n. 1, p. 169-186, 2003.

MARIZ, Cecília Loreto. Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e ruptura*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 53-68.

MARQUES, Luís Henrique. Igreja Católica e ecumenismo/enculturação: da revisão conceitual ao impasse com o advento das estratégias de marketing. *Rever*. São Paulo: PUC-SP, a. 12, n. 2, p. 23-34, jul/dez, 2012.

MEDOZA, Richar. Apresentação. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostais e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 9-10.

MONTEOLIVA, José Maria. *O diálogo: para a construção do novo homem numa sociedade democrática*. São Paulo: Loyola, 1991.

NAVARRO, Juan Bosh. *Para compreender o ecumenismo*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 182.

OLIVEIRA, Raimundo de. *Seitas e heresias: um sinal do fim dos tempos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Apresentação. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostais e diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 7-10.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Mais que espiritual, unidade visível: unidade cristã a partir de Efésios 4. 1-6. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostanismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 135-143.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Missão, cultura e transformação: desafios para a prática missionária comunicativa*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2011.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Notas sobre pluralismo, diálogo inter-religioso e missão. *Atualidade Teológica*. PUC RIO: Rio de Janeiro, v. 20, n. 53, p. 307-337, mai./ago, 2016a.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Os pentecostais e a mesa de debate: o caso do fórum pentecostal Latino-Americano e Caribenho (FPLYC). *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*. Joinville: Refidim, v. 4, n. 2, p. 9-22, 2013.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Os pentecostais também podem cantar juntos “louvado sejas, meu Senhor”. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si’*, do Papa Francisco. São Paulo: Reflexão, 2016b. p. 81-85.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Reflexões sobre a convivência entre pentecostais e católicos no início do século XXI. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e católicos: encontros e desencontros no século 21*. São Paulo: Reflexão, 2016a. p. 165-177.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Reforma protestante, educação teológica e indigeneidade: os pentecostais e os Tupinikim. *Reflexus*. Vitória: UNIDA, v. 10, n. 15, p. 53-74, jul/dez, 2016b.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Teologia pentecostal dialógica. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostanismos e diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 23-34.

OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?* Viçosa: Ultimato, 2015.

OLIVEIRA, Paulo César de. A ética da ação comunicativa em Jürgen Habermas. *Estudos Filosóficos*. São João del-Rei: UFSJ, n. 1, p. 14-22, 2008.

ORM NEWS. *Igreja evangélica ajuda promesseiros no Círio de Nazaré*. Disponível em: <<http://www.ormnews.com.br/noticia/igreja-evangelica-ajuda-os-promesseiros-no-cirio-de-nazare>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo?. *Religião e sociedade*. ISER: Rio de Janeiro, n. 33, p. 122-144, 2013.

ORO, Ivo Pedro. *O fenômeno religioso: como entender*. São Paulo: Paulinas, 2013.

ORO, Ari Pedro. A demonologia da Igreja Universal do Reino de Deus. *Debates do NER*. Porto Alegre, a. 6, n. 7, p. 135-146, 2005.

ORO, Pedro Ari. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PACE, Enzo; STEFANI, Piero. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2002.

PACE, Vincenzo. Habemus Papam: Jorge Mário Bergoglio frente a crise sistêmica da Igreja uma, santa, católica e romana. *Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo: UMESP, v. 27, n. 2, p. 141-158, jul/dez, 2013.

PIERUCCI, Antônio Flávio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 49-61.

PINENT, Carlos Eduardo da Cunha. Sobre os mundos de Habermas e sua ação comunicativa. *FAMAT: Revista da ADPPUCR*. PUCRS: Porto Alegre, n. 5, p. 49-56, 2004.

PINHEIRO, Douglas. A carne vencida pelo Espírito. In: ENCRISTUS REGIONAL 2015 – SOROCABA. *Unidade como fruto do Espírito*. Sorocaba: ENCRISTUS, 2015. p. 55-69.

PINTO, José Marcelino de Rezende. A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar. *Paidéia*. USP: Ribeirão Preto, fev./ago., p. 77-96, 1995.

PIRES, José Maria. As CEBs diante do fenômeno do crescimento das seitas. In: CNBB. *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil II*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 105-116.

PLOU, Dafne Sabanes. *Caminhos de unidade: itinerário do diálogo ecumênico na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

POMMERENING, Claiton Ivan. A experiência como elemento primário da Teologia Pentecostal. *Revista de Estudos Pentecostais Assembleianos*, [S.l.], v. 1, n. 01, fev. 2017. Disponível em: <<http://revista.repas.com.br/index.php/repas/article/view/6>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

PORTAL LUTERANOS. *Semana de oração reúne históricos e pentecostais*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/semana-de-oracao-reune-historicos-e-pentecostais>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: EDUSP, 1997.

PUCPR. *Teologia Pentecostal no Brasil: uma análise sistemática*. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/posgraduacao/teologia/receptor.php?id=57264>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

RÁDIO VATICANO. *Nações Unidas elogiam nova Encíclica Laudato Si'*: “é chamado à ação”. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2015/06/18/na%C3%A7%C3%B5es_unidas_elogiam_nova_enc%C3%ADclica_laudato_si/1152507>. Acesso em: 16 nov. 2016.

RÁDIO VATICANO. *Rio acolhe I Conferência Internacional de Louvor e Adoração Somos Um*. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2017/07/18/i_confer%c3%aancia_inter>.

nacional_de_louvor_e_adora%c3%a7%c3%a3o_somos_um/1325594>. Acesso em: 19 ago. 2017.

RANAGHAN, Kelvin; RANAGHAN, Dorothy. *Católicos Pentecostais*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1972.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

REIS, Reinaldo Beserra. A história da RCC no Brasil. In: REIS, Reinaldo Beserra. *História da Renovação Carismática Católica*. [s. l.]: IEAD. Aula IX. p. 4-7.

REIS, Reinaldo Beserra. Testemunho. In: ENCRISTUS REGIONAL 2015 – SOROCABA. *Unidade como fruto do Espírito*. Sorocaba: ENCRISTUS, 2015. p. 18-19.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA. *A RCC do Brasil*. Disponível em: <<http://www.rccbrasil.org.br/institucional/a-rcc-do-brasil.html>>. Acesso em: 2 out. 2013.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. São Paulo: Reflexão, 2016b.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Teologia e prática ecumênica. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). *Evangélicos e católicos: encontros e desencontros no século 21*. São Paulo: Reflexão, 2016a. p. 67-84.

RIBEIRO, Cláudio; CUNHA, Magali. *O rosto ecumênico de Deus: reflexões sobre ecumenismo e paz*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

RIBEIRO, Claudio Oliveira. *Religião, democracia e direitos humanos: presença pública inter-religiosa no fortalecimento da democracia e na defesa dos direitos humanos no Brasil*. São Paulo: Reflexão, 2016c.

ROBERCK, Cecil M. *Diálogo católico romano-pentecostal: desafios y lecciones para vivir juntos*. Instituto teológico FIET, 2008. Disponível: <http://www.fiet.com.ar/articulo/catedra_petrecca_2008_cecil_roberck.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2015.

RODRIGUES, Rui Luis. A dimensão escatológica da unidade. In: ENCRISTUS REGIONAL 2014 – SOROCABA. *Benção e vida na unidade*. Sorocaba: ENCRISTUS, 2014. p. 46-53.

RODRIGUES, Rui Luís. Embaixadores da reconciliação (2ª parte). ENCRISTUS 2014. *Ele pôs em nossos lábios a palavra da reconciliação*. Cachoeira Paulista: ENCRISTUS, 2014. p. 52-57.

ROSA, André Luís da. A experiência religiosa na Renovação Carismática Católica à luz de Rudolf Otto. *Encontros Teológicos*. Florianópolis: FACASC. n. 70, v. 1, p. 159-178, 2015.

ROSA, André Luís da. Ecumenismo e ecologia: por uma família comum cuidando da casa comum. *Encontros Teológicos*. Florianópolis: FACASC, a. 30, n. 3, v. 72, p. 181-196, 2015.

ROSA, André Luís da. Renovação Carismática Católica e Igrejas Pentecostais: em busca de uma pentecostalidade comum. II Simpósio Internacional / XV Simpósio Nacional / II Simpósio Sul da ABHR, 2016, Florianópolis. *História, Gênero e Religião: Violências e*

Direitos Humanos, 2016. Disponível em: <http://www.simposio.abhr.org.br/resources/anais/6/1470146041_ARQUIVO_RenovacaoCarismaticaCatolicaeIgrejasPentecostais.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2017.

ROSA, André Luís; SANTOS, Paulo Jonas dos. Experiência religiosa: da Reforma Protestante ao avivamento pentecostal. *Encontros Teológicos*. FACASC: Florianópolis, v. 31, n. 2, maio-ago, p. 235-252, 2016.

ROSA, Nilson Carlos da. Freire e Habermas: contribuições à reflexão da práxis educativa na contemporaneidade. In: IX Seminário Nacional Diálogos com Paulo Freire: Utopia, Esperança e Humanização, 2015. Disponível em: <<https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/rosa.pdf>>. Acesso: 20 set. 2016.

RUBENS, Pedro. *O rosto plural da fé: da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer*. São Paulo: Loyola, 2008.

SANCHES, Regina Fernandes. Desafios identitários para a questão da unidade no pentecostalismo. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 145-152.

SANCHES, Regina Fernandes. Prefácio por uma teóloga protestante. In: CUNHA, Carlos. *Hermenêutica bíblica libertadora: encontro entre católicos e pentecostais*. São Paulo: Garimpo, 2016. p. 13-17.

SANTA ANA, Júlio H. de. *Ecumenismo e libertação*: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1991.

SANTOS, Maria de Jesus dos. A dialogicidade no pensamento de Paulo Freire e de Hans Georg Gadamer e implicações na cultura escolar brasileira. *Cadernos do PET filosofia*. Teresina: UFPI, v. 5, n. 10, p. 1-11, jul-dez, 2014.

SANTOS, Noêmia. *Por uma educação libertadora: pedagogia dialógica a partir de Paulo Freire e Juan Luis Segundo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

SEPÚLVEDA, Juan. Pentecostalismo atual e ecumenismo. In: SINNER, Rudolf von (Org.). *Missão e ecumenismo na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2009. p. 108-116.

SEPÚLVEDA, Juan. Relaciones de las Iglesias Pentecostales com otras tradiciones cristianas em América Latina. In: CAMPOS, Bernardo; ORELLANA, Luis (Orgs.). *Fuego que une: pentecostalismo y unidad de la iglesia*. Lima: FPLC; FCM, 2014. p. 13-19.

SIEBENEICHLER, Flávio Beno. *Jürgen Habermas: razão comunicativa e emancipação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

SILVA, Antônio Francisco; CARDOSO, Luís de Souza. Teologia ecumênica e modernidade: uma síntese do movimento ecumênico na história. In: HIGUET, Etienne A. *Teologia e modernidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005. p. 61-100.

SILVA, Márcia Cristina Amaral da Silva; GASPARIN, João Luiz. *A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas e suas influências sobre a educação escolar*. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/M/Marcia%20CA%20Silva%20e%20Joao%20L%20Gasparin1.pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

SILVA, Wallace de Góis. Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil e unidade: cooperação e tensões com grupos cristãos nos documentos históricos e teológicos. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Pentecostais e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 89-98.

SMET, Walter. *Eu faço um mundo novo: movimento carismático na Igreja*. Trad. Frans Van de Water. São Paulo: Loyola, 1978.

SOARES, Eder. *A dialogicidade freiriana na educação de jovens e adultos*. Doutorado em Serviço Social [tese]. Franca: Universidade Estadual Paulista, 2006.

SUENENS, Leo Joseph. *Ecumenismo y Renovación Carismática: orientaciones teológicas e pastorales*. Trad. Ignacio y Rodolfo Puigdollers. Disponível em: <<http://eljardindemariaauxiliadora.com/e-cumenismo-y-renovacion-carismatica/>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

SUENENS, Leon Joseph. *O Espírito Santo, nossa esperança*. São Paulo: Paulinas, 1975.

SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. Trad. João Canto. São Paulo: Vida, 2009.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP*. São Paulo: USP, n. 67, p. 14-23, set./nov., 2005.

TEIXEIRA, Faustino. O censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboços de apresentação. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 17-35.

TIEL, Gerhard. *Ecumenismo na perspectiva do Reino de Deus: uma análise do movimento ecumênico de base*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 1998.

TONIOLO, Joze M. S. A. Diálogo e amorosidade em Paulo Freire: dos princípios às atitudes na formação de professores. Mestrado em Educação [Dissertação]. Santa Maria: UFSM, 2010.

TRIANO, Camilo Andrés Acosta. *Perspectivas ecuménicas entre el catolicismo y el pentecostalismo*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2010.

VALE, Inácio José do. *Santo ofício: a heresia pentecostal*. Disponível em: <<http://emdefesada.santafe.blogspot.com.br/2012/07/santo-oficio-heresia-pentecostal.html>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

VÁSQUEZ, Oscar Corvalán. *Invitación al “Foro Pentecostal, Panamá, noviembre de 2016”*. Disponível em: <<http://www.foropentecostal.org/2016/07/20/convocatoria-foro-2016/>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

VINÍCIUS, Caio. *Igreja Católica, Igreja de Cristo*. Disponível em: <<http://caius-santachiesa.blogspot.com.br/2011/07/igreja-catolica-igreja-de-cristo.html>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

WOLFF, Elias. *A unidade da Igreja: ensaio de eclesiologia ecumênica*. São Paulo: Paulus, 2007.

WOLFF, Elias. As possibilidades de reforma na Igreja no contexto do pontificado do Papa Francisco. *Encontros Teológicos*. Florianópolis: FACASC, a. 30, n. 1, v. 70, p. 73-98, 2015c.

WOLFF, Elias. *Caminhos do ecumenismo no Brasil: história, teologia, pastoral*. São Paulo: Paulus, 2002.

WOLFF, Elias. Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do diálogo. *Cadernos de Teologia Pública*. São Leopoldo: UNISINOS, a. 12, n. 101, 30 p., 2015b.

WOLFF, Elias. Divisões na Igreja: desafios para o ecumenismo hoje. *Theologica Xaveriana*. Bogotá, Colombia: Pontificia Universidad Javeriana, v. 65, n. 180, jul/dez, p. 381-407, 2015a.

WOLFF, Elias. Editorial. *Caminhos de Diálogo: Revista Brasileira de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso*. Brasília: CNBB, n. 4, a. 3, p. 7-9, 2015.

WOLFF, Elias. O diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo no Documento de Aparecida. *REB - Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, a. 68, n. 271, p. 532-569, abr/jun, 2008.

WOLFF, Elias. *O ecumenismo no Brasil: uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 1999.

WOLFF, Elias. *O ecumenismo no Brasil: uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 1999.

WOLFF, Elias. O ecumenismo no horizonte do Concílio Vaticano II. *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, a. 15, n. 39, p. 403-428, set/dez, 2011.

WOLFF, Elias. *Vaticano II: 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica*. São Paulo: Paulus, 2014.

ZAK, Lubomir. Interpretações evangélicas do Vaticano II: notas sobre uma recente publicação. *Teocomunicação*. Porto Alegre: PUC-RS, v. 44, n. 2, p.161-180, maio/ago, 2014.

ENTREVISTAS

ALEIXO, Iete Nanci Pinto. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2 maio 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

ALENCAR, Gedeon Freire. *Igreja Católica e Assembleia de Deus*. Santa Catarina, jan. 2016. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

ARRUDA, Pedro. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

BORBA, Asaph. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 17 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

COUTINHO, Tácito José Andrade. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2 maio 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

GOMES, Benedito Carlos. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 20 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

LEITE, Huanderson Silva. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

MARION, José Carlos. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 3 mar.2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

NASCIMENTO, Fernando. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

NOBRE, Jamê. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 20 mar. 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

PINHEIRO, Douglas. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 04 maio 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

REIS, Reinaldo Beserra. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 20 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

SHEA, Mike. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 19 abril 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

WALKER, Christofer David. *Entrevista sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil*. Santa Catarina, 10 mar. 2017. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

ANEXO A

IMAGENS DE CONVITES E ENCONTROS DO ENCRISTUS

27 E 28 DE AGOSTO



ENCRISTUS
Encontro de Cristãos na Busca de Unidade e Santidade

"Conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" (Ef 4,3)



PRESEÇA INTERNACIONAL PRESEÇA NACIONAL



Matteo Calisi
Foi membro do Conselho Pontifício para as Igrejas e fundador da Comunidade G. Gesù, com sede na cidade de Bari (Itália).

Dom Francisco Biasin; Padre Eduardo Dougherty, sj; Pastor Jamé Nobre; Padre Douglas Pinheiro; Professor Rui Rodrigues; Padre Marcial Maçaneiro, scj; Pastor Christopher Walker; Izaías Carneiro; Pastor Silas Esteves; Ronaldo Botzara; Pastor Harold Walker; Pastor Bené Gomes; Padre Antonio José, Missão Rio da Daus.

Faça sua inscrição
www.encristus.com.br
Valinhos/SP

Apoio:  Rede Século 21

Imagem 1: Convite para o ENCRISTUS NACIONAL 2016.



UMEMCRISTO
JUNDIAÍ

Encontro de Cristãos de diversas
denominações em busca da Unidade

Dia 30/novembro – quarta – 19h

Rua Eugênio Lacerda, 75 - Vila Vioto, Jundiaí-SP



Asaph Borba
Porto Alegre/RS



Izaías Carneiro
Rio de Janeiro/RJ



Bené Gomes
Rio de Janeiro/RJ

www.umemcristojundiai.com.br

contato@umemcristojundiai.com.br

Imagem 2: Convite para um dia de louvor ecumênico do Um Em Cristo.



Imagem 3: Convite para um ENCRISTUS regional de Niterói.



Imagem 4: Convite para o primeiro ENCRISTUS jovem.



Imagem 5: Convite para um café ecumênico.



Imagem 6: Convite para um dia de avivamento ecumênico.



Imagem 7: Primeira reunião preparando o ENCRISTUS, em 2007.



Imagem 8: Imagem do primeiro ENCRISTUS, em 2008.



Imagem 9: Padre Douglas Pinheiro pregando no ENCRISTUS.



Imagem 10: Dom Francisco Biasin e pastor Jamê Nobre se abraçando no ENCRISTUS.



Imagem 11: Imagem do DVD Somos Um.



Imagem 12: Pastor José Carlos Marion, Dom Orani Tempresta, Izaías Carneiro, Olívia Ferreira, Asaph Borba, Tony Alison.

APÊNDICE A



QUESTIONÁRIO SOBRE O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL (ENCRISTUS)

Este questionário é parte de uma pesquisa que está sendo realizada para uma Dissertação no Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida de Vitória. Tem-se como objetivo fazer um levantamento de dados sobre como se estabelece o diálogo católico-pentecostal no Brasil. Pedimos a sua colaboração.

Responsável: André Luís da Rosa.

Entrevistado:

Sexo: () Masculino () Feminino

Funções que exerce/exerceu no ENCRISTUS e/ou em outras iniciativas de diálogo:

Comunidade religiosa:

Funções que exerce em sua comunidade religiosa:

QUESTÕES

1- Para conhecer as comunidades envolvidas no diálogo católico-pentecostal, caracterize a sua comunidade religiosa (histórico e identidade espiritual-doutrinal).

Resposta:

2- Para descrever o histórico do diálogo católico-pentecostal no Brasil, narre a sua história e a da sua comunidade, em relação as iniciativas de diálogo católico-pentecostal das quais participa.

Resposta:

3- A partir de sua experiência no ENCRISTUS, como você define/entende o ecumenismo?

Resposta:

4- Em sua visão, quais os principais avanços conquistados pelo ENCRISTUS para o diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil?

Resposta:

5- Em sua experiência de diálogo, quais as principais dificuldades, resistências, que você encontrou/encontra para dialogar com a igrejas pentecostais?

Resposta:

6- No diálogo, o que você aprendeu com os pentecostais? Como o contato com os pentecostais modificou a forma de vivenciar a sua fé?

Resposta:

7- Se houve, quais os principais consensos alcançados entre os católicos e os pentecostais no ENCRISTUS?

Resposta:

8- Olhando para o futuro, em que os católicos e os pentecostais devem avançar no diálogo?

Resposta:

9- Outras considerações importantes e/ou testemunhos.

Resposta:

APÊNDICE B
RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO SOBRE O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL
(ENCRISTUS)

Este questionário é parte de uma pesquisa que está sendo realizada para uma Dissertação no Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida de Vitória. Tem-se como objetivo fazer um levantamento de dados sobre como se estabelece o diálogo católico-pentecostal no Brasil. Pedimos a sua colaboração.

Responsável: André Luís da Rosa.

Entrevistado: José Carlos Marion

Sexo: (x) Masculino () Feminino

Funções que exerce/exerceu no ENCRISTUS e/ou em outras iniciativas de diálogo: Núcleo de organização

Comunidade religiosa: Igreja Cristã de Jundiá

Funções que exerce em sua comunidade religiosa: Pastor

QUESTÕES

10- Para conhecer as comunidades envolvidas no diálogo católico-pentecostal, caracterize a sua comunidade religiosa (histórico e identidade espiritual-doutrinal).

Somos originados de quatro Comunidades Evangélicas que se uniram para tornar uma só e por isto temos o DNA da Unidade.

11- Para descrever o histórico do diálogo católico-pentecostal no Brasil, narre a sua história e a da sua comunidade, em relação as iniciativas de diálogo católico-pentecostal das quais participa.

Tudo iniciou por um convite que recebemos para participar no primeiro encontro do Encristus em 2009, Mariápolis – SP, onde nos apaixonamos pela ideia.

- 12- A partir de sua experiência no ENCRISTUS, como você define/entende o ecumenismo?

Os evangélicos não usam e não gostam do termo ecumenismo, pois ele caracteriza u lado político. Assim, preferimos chamar de Ecumenismo Espiritual.

Creemos que ele funciona quando são pessoas cheias do ES que se reúnem com a finalidade de adorar NSJC, ter comunhão, partilha e crescimento na Palavra. É uma proposta maravilhosa.

- 13- Em sua visão, quais os principais avanços conquistados pelo ENCRISTUS para o diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil?

Poucos avanços. Os participantes do Encristus estão engajados em outras atividades e têm pouco tempo para se dedicar a este ministério.

Porém, já somos conhecidos no Brasil e é uma porta que se abre para outros tomarem iniciativas semelhantes.

- 14- Em sua experiência de diálogo, quais as principais dificuldades, resistências, que você encontrou/encontra para dialogar com a Igreja Católica?

Nenhuma. Nosso maior problema é a oposição que a própria igreja evangélica faz com muitos preconceitos contra os católicos. A recíproca é verdadeira.

- 15- No diálogo, o que você aprendeu com os católicos? Como o contato com os católicos modificou a forma de vivenciar a sua fé?

Cresci aprendendo coisas com os católicos. Fomos inimigos por 500 anos e passamos a desprezar coisas valiosas da doutrina católica. Com o contato com estes irmãos comecei a rever a abordagem sobre Maria, sobre o Pai Nosso, sobre o Credo Apostólico e até mesmo sobre a Comunhão (Eucaristia).

- 16- Se houve, quais os principais consensos alcançados entre os católicos e os pentecostais no ENCRISTUS?

Nós somos um só corpo, um só Espírito e pertencemos a um só Senhor. Maravilhoso ter este sentimento. Sinto-me renovado.

17- Olhando para o futuro, em que os católicos e os pentecostais devem avançar no diálogo?

Creio que o Encristus dará frutos. Em Cotia já existe uma reunião mensal entre um padre e um pastor, com o povo de Deus. Em Jundiaí temos o Um em Cristo. No RJ temos o Somos Um com o Izaias Carneiro. Muitos outros mover surgirão a partir do Encristus.

18- Outras considerações importantes e/ou testemunhos.

Minha esposa foi curada no primeiro Encristus. Não dá para não crer. Precisamos nos unir para a volta de Jesus.



QUESTIONÁRIO SOBRE O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL (ENCRISTUS)

Este questionário é parte de uma pesquisa que está sendo realizada para uma Dissertação no Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida de Vitória. Tem-se como objetivo fazer um levantamento de dados sobre como se estabelece o diálogo católico-pentecostal no Brasil. Pedimos a sua colaboração.

Responsável: André Luís da Rosa.

Entrevistado: Asaph Borba

Sexo: (x) Masculino () Feminino

Funções que exerce/exerceu no ENCRISTUS e/ou em outras iniciativas de diálogo:

Comunidade religiosa: Comunidade Cristã de Porto Alegre

Funções que exerce em sua comunidade religiosa: Ministro na área profética

PPGCR QUESTÕES

- 19- Para conhecer as comunidades envolvidas no diálogo católico-pentecostal, caracterize a sua comunidade religiosa (histórico e identidade espiritual-doutrinal).

Sou de uma comunidade cristã em Porto Alegre que nasceu do rompimento com a instituição denominacional, buscando algo novo através de um mover genuíno do Espírito Santo. O movimento foi marcado por um retorno à Palavra de Deus, como fonte literal, interpretativa e sobrenatural de revelação.

- 20- Para descrever o histórico do diálogo católico-pentecostal no Brasil, narre a sua história e a da sua comunidade, em relação as iniciativas de diálogo católico-pentecostal das quais participa.

Fui um jovem contestador na década de setenta, que por rebelião contra tudo e todos acabei me envolvendo com drogas abandonando escola e me afastando do conselho de pais e família quase perdi minha vida. Com dezesseis anos fui alcançado pelo amor de Cristo e me tornei uma nova criatura, pelo ministério do pastor metodista Erasmo Ungaretti, com quem passei a conviver e quem me introduziu na música cristã. Fiz as primeiras gravações com o

apoio da Igreja e de um missionário americano Don Stoll e depois segui como diretor da produtora Life Comunicação, que se tornou uma das mais antigas produtoras de música Cristã no Brasil. Mais tarde me formei em Jornalismo e além de músico me tornei escritor.

Minha experiência com o movimento Em cristos foi a partir da Jornada Mundial da Juventude, quando participei em uma das tardes do evento e, desde então tenho participado de forma ainda tímida de diversos eventos pelo Brasil afora.

21- A partir de sua experiência no ENCRISTUS, como você define/entende o ecumenismo?

Creio que mais que ecumenismo, o movimento é um esforço positivo de se buscar pontos convergentes nas diferentes correntes do cristianismo pelo mundo afora, minimizando as diferenças e ampliando os pontos de unidade e coerência.

22- Em sua visão, quais os principais avanços conquistados pelo ENCRISTUS para o diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil?

Creio que não é uma iniciativa entre católicos e pentecostais, e sim uma busca de todo verdadeiro cristão que aprende a ver o valor não das instituições, mas das pessoas. Aqueles que acima de tudo buscam um enfoque Bíblico que ensina a valorizar os dons e valores de Deus no indivíduo.

23- Em sua experiência de diálogo, quais as principais dificuldades, resistências, que você encontrou/encontra para dialogar com a Igreja Católica?

Existem pontos divergentes, como a liderança inquestionável do Papa, e a intercessão de santos. A Idolatria a divindades humanas, quando trazidas para este contexto de unidade, atrapalham o caminhar, e, por outro lado no meio dos evangélicos a gestão de recursos e assuntos como aborto e divórcio, disseminados em alguns ambientes neo pentecostais se tornam também empecilhos para os católicos.

24- No diálogo, o que você aprendeu com os católicos? Como o contato com os católicos modificou a forma de vivenciar a sua fé?

Um dos pontos que tem me inspirado é ver alguns padres que levam a vida de comunhão com Deus, fervor e santidade que é um impacto para todos.

25- Se houve, quais os principais consensos alcançados entre os católicos e os pentecostais no ENCRISTUS?

Apesar de meu pouco contato, acredito que este buscar a Deus juntos, quebrando barreiras é a grande vitória

26- Olhando para o futuro, em que os católicos e os pentecostais devem avançar no diálogo?

Buscar a Deus juntos e o encontraremos!

27- Outras considerações importantes e/ou testemunhos.

Em meu trânsito pelo Oriente médio esta realidade já pode ser vista, vendo Coptas Ortodoxos em pleno convívio com a comunidade evangélica, entendendo que há um só Deus e um mediador: Jesus!

QUESTIONÁRIO SOBRE O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL (ENCRISTUS)

Este questionário é parte de uma pesquisa que está sendo realizada para uma Dissertação no Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida de Vitória. Tem-se como objetivo fazer um levantamento de dados sobre como se estabelece o diálogo católico-pentecostal no Brasil. Pedimos a sua colaboração.

Responsável: André Luís da Rosa.

Entrevistado: Benedito Carlos Gomes, "Bene Gomes"

Sexo: (x) Masculino () Feminino

Funções que exerce/exerceu no ENCRISTUS e/ou em outras iniciativas de diálogo:

Comunidade religiosa: Igreja Nova da Barra da Tijuca

Funções que exerce em sua comunidade religiosa: pastor evangélico e vice-presidente da igreja

PPGCR
QUESTÕES

28- Para conhecer as comunidades envolvidas no diálogo católico-pentecostal, caracterize a sua comunidade religiosa (histórico e identidade espiritual-doutrinal).

Na verdade eu não posso responder pela igreja onde eu sirvo! Eu tenho a permissão e a benção do pastor da minha igreja para trabalhar com essa frente ministerial envolvendo católicos e pentecostais.

29- Para descrever o histórico do diálogo católico-pentecostal no Brasil, narre a sua história e a da sua comunidade, em relação as iniciativas de diálogo católico-pentecostal das quais participa.

Em 2007, o meu grupo musical, Ministério Koinonya, foi convidado a participar de uma noite que fazia parte da semana do Espírito Santo, na Paróquia de nossa senhora do Méier, rainha de todos os santos, sob a coordenação do padre Antônio José com quem venho trabalhando desde então.

- 30- A partir de sua experiência no ENCRISTUS, como você define/entende o ecumenismo?

Estive no Encristus uma única vez em 2009 na Comunidade Bom Pastor em Copacabana/RJ. Percebi ali o enorme esforço principalmente pelo lado católico em se aproximar e quebrar barreiras. Claro que existem evangélicos com boa vontade também mas a liderança católica de alguma forma consegue ter maior representação do que os evangélicos no que diz respeito à participação do povo de um modo geral. Me lembro que na época o Dom Orani, foi quem primeiro palestrou, seguido de padres e pastores no decorrer dos 3 dias. Muito já se conquistou, mas o que temos de conquistar pela frente é uma enormidade.

- 31- Em sua visão, quais os principais avanços conquistados pelo ENCRISTUS para o diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil?

O maior avanço ao meu ver, é ver o Encristus mantendo esse encontro com regularidade e com uma frequência maior de representantes de ambos os lados.

- 32- Em sua experiência de diálogo, quais as principais dificuldades, resistências, que você encontrou/encontra para dialogar com a Igreja Católica?

Acredito que seja o fato de focarmos nas diferenças doutrinárias! Sempre que se vai colocar a necessidade dessa unidade, as pessoas de ambos os lados ficam com um pé atrás mas à medida que as experiências vão demonstrando que existe algo maior que nos une que é o amor de Cristo, as barreiras vão caindo por terra.

- 33- No diálogo, o que você aprendeu com os católicos? Como o contato com os católicos modificou a forma de vivenciar a sua fé?

O que mais tem me edificado e fortalecido a minha fé é o fato concreto que existem muitos fiéis que estão inconformados com o comodismo religioso, que permeia o meio católico, e estão abertos e com fome de algo genuinamente novo e que realmente venha de

Deus, e que se torne a razão principal de suas jornadas aqui na terra. Esse fervor junto com essa abertura para a obra do Espírito Santo é o que mais me inspira nos católicos hoje.

34- Se houve, quais os principais consensos alcançados entre os católicos e os pentecostais no ENCRISTUS?

O único consenso necessário é o reconhecimento de Jesus como o único salvador e senhor de todos aqueles que o confessam. E eu chamo de confissão aqui o reconhecimento da obra redentora e expiadora que ele fez na cruz por toda a humanidade. A partir do momento que Jesus se torna o centro de nossas vidas e de nossas experiências, todas as demais coisas vão se encaixar sem dificuldades.

35- Olhando para o futuro, em que os católicos e os pentecostais devem avançar no diálogo?

Estabelecer cada vez mais fortemente essa base que acabei de descrever na resposta anterior: A centralidade de Jesus!!!

36- Outras considerações importantes e/ou testemunhos.

Quando comecei esse diálogo com o padre Antônio José estabelecemos um princípio que se tornou uma aliança entre nós: Não permitir que a nossa motivação fosse converter o outro à nossa visão e ao nosso credo! A partir do estabelecimento sincero desta conduta, avançamos muito e temos crescido cada vez no respeito e no entendimento de que eu não preciso que o outro pense exatamente o que eu penso, para ser um com ele! Em outras palavras, mesmo sendo diferentes, e pensando de forma diferente, podemos sim sermos **UM SÓ CORAÇÃO NO SENHOR!!!**

QUESTIONÁRIO SOBRE O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL (ENCRISTUS)

Este questionário é parte de uma pesquisa que está sendo realizada para uma Dissertação no Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida de Vitória. Tem-se como objetivo fazer um levantamento de dados sobre como se estabelece o diálogo católico-pentecostal no Brasil. Pedimos a sua colaboração.

Responsável: André Luís da Rosa.

Entrevistado: Christopher David Walker

Sexo: (x) Masculino () Feminino

Funções que exerce/exerceu no ENCRISTUS e/ou em outras iniciativas de diálogo: Membro da equipe de serviço, preletor.

Comunidade religiosa: Independente, não afiliada com denominações evangélicas ou pentecostal

Funções que exerce em sua comunidade religiosa: Ensino bíblico, diretor de editora cristã, Impacto Publicações



QUESTÕES

37- Para conhecer as comunidades envolvidas no diálogo católico-pentecostal, caracterize a sua comunidade religiosa (histórico e identidade espiritual-doutrinal).

Comunidade independente, não afiliada a nenhuma organização religiosa, preza a busca pela unidade com cristãos de todas as cores que aceitem a Bíblia como autoridade máxima (acima de tradições) e a fé pessoal e autêntica em Jesus Cristo como Filho de Deus. Interagimos com outras comunidades cristãs na região e também em eventos nacionais e internacionais. Temos ligações mais diretas no sentido histórico com as igrejas que vieram da Reforma Protestante e também com as igrejas pentecostais, embora atualmente não seguimos uma linha doutrinária fechada em relação a nenhuma delas. Acreditamos numa experiência cristã mais abrangente, não limitada por linhas históricas ou doutrinárias.

- 38- Para descrever o histórico do diálogo católico-pentecostal no Brasil, narre a sua história e a da sua comunidade, em relação as iniciativas de diálogo católico-pentecostal das quais participa.

A história é mais pessoal do que comunitária, embora toda a comunidade tenha envolvimento atualmente com experiências interconfissionais. Para começar, vim de uma formação evangélica, pentecostal, e casei-me com uma pessoa de origem católica. Como não temos uma linha religiosa fechada, não houve nenhum impedimento quanto a isso, e sempre levamos uma vida religiosa harmoniosa na família. Os filhos todos têm abertura total para o mesmo tipo de relacionamento entre católicos e evangélicos. Não só diálogo, mas convívio. Particpei de vários eventos carismáticos que incluíam católicos e pentecostais na década de 1970 e 1980. Participo dos eventos do Encristus desde 2009.

- 39- A partir de sua experiência no ENCRISTUS, como você define/entende o ecumenismo?

Entendemos ecumenismo como a união orgânica e espiritual entre pessoas de diversas confissões ou linhas doutrinárias, litúrgicas ou denominacionais, em que os laços são formados pela identificação entre aqueles que compartilham da mesma fé, da mesma vida centrada em Jesus Cristo e no plano que Ele tem de estabelecer seu Reino na Terra. Isso ocorre em contextos em que a igreja ou a doutrina não sobressaem, muitas vezes nem é evidenciada, somente o interesse comum na experiência e na prática devocional em torno da mesma adoração e dos mesmos alvos de vida.

- 40- Em sua visão, quais os principais avanços conquistados pelo ENCRISTUS para o diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil?

Se estamos falando em diálogo doutrinário, não houve avanço, porque não tem sido este o foco. Em termos de quebrar barreiras e colocar pessoas de diferentes origens lado a lado, e descobrir que a essência de sua fé é a mesma, houve muitos avanços, porém somente em termos de relacionamentos pessoais. Não tem sido o foco tentar unir cúpulas ou estruturas institucionais. Também o número de pessoas afetadas pela experiência do Encristus ainda é pequeno.

- 41- Em sua experiência de diálogo, quais as principais dificuldades, resistências, que você encontrou/encontra para dialogar com a Igreja Católica?

Como os eventos são de participação voluntária e espontânea, não encontramos dificuldades. Não tentamos resolver diferenças doutrinárias. Também não tentamos envolver pessoas que não queiram buscar esse tipo de unidade. Porém, é notório que a dificuldade é um pouco maior do lado evangélico. Muitas pessoas evangélicas, principalmente lideranças, pastores, resistem à ideia de adorar juntamente com católicos ou de andar juntos. Existe isso também do lado católico, mas como não é o meu círculo de convivência, não tenho visto isso em primeira mão. Em relação às pessoas que participam dos eventos, não temos encontrado dificuldades. Mas, como já mencionei, não tentamos discutir ou resolver diferenças doutrinárias ou de prática cristã. Aceitamos as pessoas como são, sabemos que são diferentes, mas entendemos que temos algo muito preciosa em comum. Nos eventos, a celebração da eucaristia ou ceia do Senhor é feita separadamente; no entanto, muitas pessoas católicas participam do culto evangélico e vice-versa.

- 42- No diálogo, o que você aprendeu com os católicos? Como o contato com os católicos modificou a forma de vivenciar a sua fé?

Reverência, devoção profunda, respeito por legados históricos, respeito pela unicidade da Igreja.

- 43- Se houve, quais os principais consensos alcançados entre os católicos e os pentecostais no ENCRISTUS?

Disposição de lutar juntos pela causa da unidade da Igreja, reconhecimento de valores em comum de todos os ramos da Igreja durante a história, repúdio pelas raízes da divisão.

- 44- Olhando para o futuro, em que os católicos e os pentecostais devem avançar no diálogo?

Nosso foco é mais prático do que teórico. Creio que devemos incluir judeus messiânicos nesta busca pela unidade, e nos unir em aspectos práticos de servir aos

necessitados no mundo, em propagar a Palavra de Deus por todos os meios, e em nos preparar para os tempos difíceis que virão sobre todo o mundo.



QUESTIONÁRIO SOBRE O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL (ENCRISTUS)

Este questionário é parte de uma pesquisa que está sendo realizada para uma Dissertação no Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida de Vitória. Tem-se como objetivo fazer um levantamento de dados sobre como se estabelece o diálogo católico-pentecostal no Brasil. Pedimos a sua colaboração.

Responsável: André Luís da Rosa.

Entrevistado: Huanderson Silva Leite

Sexo: (x) Masculino () Feminino

Funções que exerce/exerceu no ENCRISTUS e/ou em outras iniciativas de diálogo: Atualmente coordeno as atividades da Comissão da Unidade da RCC do Estado de São Paulo com foco específico no diálogo ecumênico.

Comunidade religiosa: Comunidade Católica Ruah Adonai

Funções que exerce em sua comunidade religiosa: Fundador/Moderador Geral

45- Para conhecer as comunidades envolvidas no diálogo católico-pentecostal, caracterize a sua comunidade religiosa (histórico e identidade espiritual-doutrinal).

A Comunidade Católica Ruah Adonai se enquadra na realidade das novas comunidades/novas fundações. Somos uma associação privada de fiéis de direito diocesano fundada em 03 de junho de 2003 e erigida a tal em 29 de julho de 2008. Nascemos de um grupo de oração da Renovação Carismática Católica e com ela caminhamos em comunhão até os dias de hoje. Nossa sede fica na Diocese de Campo Limpo/SP e temos como carisma ser na Igreja um sinal do amor. Nosso carisma está fundamentado em dois pilares: O amor a Igreja enquanto instituição, pilar este sustentado pelo dizer de Santo Agostinho no qual diz: Só é possível amar aquilo que se conhece; O segundo pilar é o amor a Igreja enquanto povo de Deus, por isso somos comunidade que assumiu o amor fraterno como uma missão.

- 46- Para descrever o histórico do diálogo católico-pentecostal no Brasil, narre a sua história e a da sua comunidade, em relação as iniciativas de diálogo católico-pentecostal das quais participa.

Com a atual eclesiologia do CVII que define a Igreja como: POVO DE DEUS, CORPO MÍSTICO DE CRISTO, COMUNHÃO DOS JUSTOS E SACRAMENTO UNIVERSAL, entendemos que “católica” é uma qualidade da Igreja e conseqüentemente a outras expressões cristãs participam também desta catolicidade. Quando entendemos essa questão, o diálogo se torna possível, sobretudo quando as diferenças doutrinárias são deixadas de lado e nos firmamos naquilo que é comum na nossa fé que é justamente a fé no Cristo. Para a Comunidade Ruah Adonai dialogar, amar e se unir a irmãos de outras expressões cristãs faz parte de nosso carisma, pois não há como amar a Igreja enquanto instituição se não amarmos o povo de Deus que constitui a comunidade de fé.

- 47- A partir de sua experiência no ENCRISTUS, como você define/entende o ecumenismo?

Defino o ecumenismo, segundo a etimologia da palavra, como o cuidado com a casa ou com a família de Deus que é a sua igreja. O ecumenismo mais que o diálogo entre cristãos de diferentes denominações, pode ser entendido como a união dos cristãos para a prática de ações comuns de cunho caritativo social, para a reflexão teológica e para a oração em comum.

- 48- Em sua visão, quais os principais avanços conquistados pelo ENCRISTUS para o diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil?

A reunião entre lideranças de diferentes expressões cristãs já é um grande avanço. A aproximação dessas lideranças favorece o diálogo e também a reflexão. Aproximação, diálogo, reflexão e convívio fraterno são os principais avanços conquistados pelo Enclistus.

- 49- Em sua experiência de diálogo, quais as principais dificuldades, resistências, que você encontrou/encontra para dialogar com a igrejas pentecostais?

A resistência e o fechamento por parte de algumas lideranças. A pobreza na argumentação e na reflexão por parte de outras e pensamento proselitista por parte de outros grupos.

50- No diálogo, o que você aprendeu com os pentecostais? Como o contato com os pentecostais modificou a forma de vivenciar a sua fé?

Aprendi com os pentecostais a viver a experiência do Batismo no Espírito Santo de forma mais livre. Minha relação com Deus e com os irmãos tem sido muito enriquecida com essa maneira mais livre de viver essa experiência.

51- Se houve, quais os principais consensos alcançados entre os católicos e os pentecostais no ENCRISTUS?

Não houve um consenso do Encristus. Mas a ideia da Igreja enquanto família de Deus, corpo místico de Cristo e esposa do Senhor é algo muito assimilado por nós.

52- Olhando para o futuro, em que os católicos e os pentecostais devem avançar no diálogo?

Deve-se estabelecer a ideia de que o discurso proselitista é algo extremamente perigoso e negativo, ou seja, algo também a ser superado, bem como a visão mercantilista que algumas denominações possuem.

53- Outras considerações importantes e/ou testemunhos.

A pluralidade de expressões cristãs precisam ser vistas como uma riqueza e não como uma ameaça, ao mesmo tempo é certo que no discurso existem arestas a serem podadas.

QUESTIONÁRIO SOBRE O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL (ENCRISTUS)

Este questionário é parte de uma pesquisa que está sendo realizada para uma Dissertação no Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida de Vitória. Tem-se como objetivo fazer um levantamento de dados sobre como se estabelece o diálogo católico-pentecostal no Brasil. Pedimos a sua colaboração.

Responsável: André Luís da Rosa.

Entrevistado: Iete Nanci Augusto Pinto Aleixo

Sexo: () Masculino (x) Feminino

Funções que exerce/exerceu no ENCRISTUS e/ou em outras iniciativas de diálogo: membro

Comunidade religiosa: Comunidade Bom Pastor-CBP – Associação Privada de Fiéis da Igreja Católica Apostólica Romana

Funções que exerce em sua comunidade religiosa: membro consagrada, membro da diretoria – 3ª. Secretaria reponsável pela missão ecumênica da CBP

54- Para conhecer as comunidades envolvidas no diálogo católico-pentecostal, caracterize a sua comunidade religiosa (histórico e identidade espiritual-doutrinal).

A Comunidade Bom Pastor é uma Associação Privada de Fieis com reconhecimento arquidiocesano (Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro). Seus membros podem ser admitidos em todos os estados de vida. Sua espiritualidade é da Renovação Carismática Católica.

55- Para descrever o histórico do diálogo católico-pentecostal no Brasil, narre a sua história e a da sua comunidade, em relação as iniciativas de diálogo católico-pentecostal das quais participa.

Foi fundada em 1975 pelo casal João e Doris a partir de um grupo de oração da renovação carismática católica que se reunia na casa do casal. Desde o inicio, participavam desse grupo de oração também denominado Bom Pastor, jovens, adultos, casais, solteiros,

padres, religiosos(as), pastores e irmãos evangélicos e das igrejas tradicionais. A CBP tem como princípio fundamental, em seus estatutos, a ação ecumênica segundo as diretrizes da Igreja Católica.

Em 1975 a renovação carismática católica dava seus primeiros passos no Brasil e desde sua origem os grupos de oração eram ecumênicos. Segundo a história da RCC, foi através do livro “A Cruz e o Punhal”, cujo autor era um Pastor Metodista, que jovens universitários em Pittsburg/USA tomaram conhecimento da realidade do Batismo no Espírito Santo.

A Comunidade Bom Pastor manteve fiel a esse chamado ecumênico tendo realizado inúmeras reuniões e/ou eventos de louvor, retiros, vigílias junto aos irmãos.

Quanto a minha história, minha família sempre foi católica, mas não praticante. Fui batizada e fiz minha primeira comunhão como era tradição familiar. Na adolescência me afastei completamente e aos 23 anos, já casada e com dois filhos, um belo dia acordei com um desejo insaciável de saber quem era Deus.

Acabei encontrando, naquele mesmo dia, uma amiga que me levou para a Igreja Presbiteriana e lá tive minha primeira experiência com Jesus. Havia encontrado o Deus que eu buscava.

Fiquei três não na Igreja Presbiteriana, experimentava em cada culto, escola dominical a presença de um Deus vivo e real, que falava comigo e com quem eu podia falar livremente. Era o Deus de Amor e não mais aquele Deus que ficava lá no céu, julgando os meus erros (afinal: olha que o Papai do Céu está lá em cima vendo o que você está fazendo – era a frase que ouvia quando fazia minhas traquinagem de criança).

Entretanto, no íntimo do meu coração, eu sabia que ali não era o meu lugar. Foi quando em 1981 conheci a Comunidade Bom Pastor e quando pisei pela primeira vez, senti que ali era o meu lugar.

A minha conversão na igreja evangélica, creio eu, já apontava para a missão que depois o Senhor iria me confiar – o ecumenismo, já que ninguém poderia falar para mim que Deus não está na igreja protestante, evangélica ou pentecostal. Eu O conhecera lá!

56- A partir de sua experiência no ENCRISTUS, como você define/entende o ecumenismo?

O Ecumenismo é a resposta a oração de Jesus: Pai, que todos sejam um... (João 17, 21). E isso só pode acontecer quando os cristãos se virem como irmãos, como a Esposa de

Jesus que é a Igreja, com suas diferenças mas com tal respeito. O ecumenismo para mim é acima de tudo o local privilegiado para os cristãos se conhecerem e adorando o único e mesmo Deus, viverem o maior de todos os mandamentos: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo.

57- Em sua visão, quais os principais avanços conquistados pelo ENCRISTUS para o diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil?

A mudança de uma mentalidade. Temos visto que é possível a convivência fraterna, a cortesia e a amizade entre cristãos das diversas denominações. Os erros do passado podem ficar no passado. Aquilo que nos une pode vencer as divisões. Vejo surgir uma nova geração com uma nova mentalidade.

58- Em sua experiência de diálogo, quais as principais dificuldades, resistências, que você encontrou/encontra para dialogar com a igrejas pentecostais?

As principais dificuldades estão naqueles que são fundamentalistas e que usam de proselitismo para “tirar” o fiel da comunidade a que pertence para a “sua” comunidade. E isso acontece em todos os seguimentos.

59- No diálogo, o que você aprendeu com os pentecostais? Como o contato com os pentecostais modificou a forma de vivenciar a sua fé?

Primeiro a minha conversão. No ENCRISTUS, mais especificamente, me faz viver a minha fé católica de forma mais profunda. Há uma ajuda mútua nesse sentido, pois não estamos buscando uniformidade doutrinária, mas sermos muito melhores aonde o Senhor nos colocou. Tenho também experimentado a dor a divisão em cada eucaristia. Todas as vezes que me aproximo da comunhão, sinto um apelo doloroso de Jesus para que possamos nos ver, a todos, como cristãos. Sei que a ceia é o ponto crucial para que sejamos um, e aguardo e oro ansiosamente para que isso aconteça. Foi no I ENCRISTUS, realizado em Mariópolis que todos que ali estavam experimentaram essa dor. Havíamos vividos 2 dias em total harmonia, sem saber quem era católico ou evangélico. Porém quando chegou no domingo pela manhã, tivemos que nos separar. Evangélicos para o culto e católicos para missa. Foi doloroso por demais!

60- Se houve, quais os principais consensos alcançados entre os católicos e os pentecostais no ENCRISTUS?

Nós, como já disse, não nos reunimos para discutir doutrinas. Nos reunimos para viver a fé cristã. Mas posso citar algo que me alegra muito. Os irmãos evangélicos que participam da equipe de trabalho do ENCRISTUS, quando chega em suas igrejas um católico, acolhem o irmão como batizado, reconhecendo o batismo sacramental dado na igreja católica. Outro fato importantíssimo, é que muitos bispos que tomam conhecimento do ENCRISTUS nos procuram porque veem autenticidade em nós.

Em Jundiáí, a capelania de um hospital é compartilhada em pastores e sacerdotes sem que haja competição, além de inúmeros encontros, dando de cunho social como espiritual, entre evangélicos e católicos.

61- Olhando para o futuro, em que os católicos e os pentecostais devem avançar no diálogo?

Em aprofundar cada vez mais o ecumenismo espiritual

62- Outras considerações importantes e/ou testemunhos.

Resposta:

QUESTIONÁRIO SOBRE O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL (ENCRISTUS)

Este questionário é parte de uma pesquisa que está sendo realizada para uma Dissertação no Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida de Vitória. Tem-se como objetivo fazer um levantamento de dados sobre como se estabelece o diálogo católico-pentecostal no Brasil. Pedimos a sua colaboração.

Responsável: André Luís da Rosa.

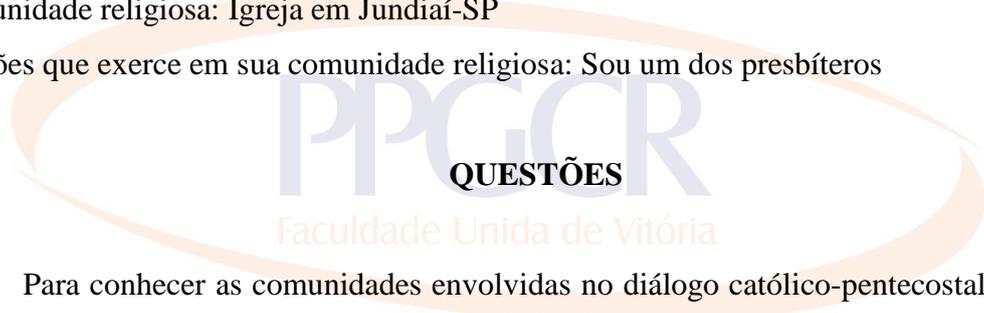
Entrevistado: Jamê Nobre

Sexo: (X) Masculino () Feminino

Funções que exerce/exerceu no ENCRISTUS e/ou em outras iniciativas de diálogo: Sou um dos fundadores

Comunidade religiosa: Igreja em Jundiá-SP

Funções que exerce em sua comunidade religiosa: Sou um dos presbíteros



63- Para conhecer as comunidades envolvidas no diálogo católico-pentecostal, caracterize a sua comunidade religiosa (histórico e identidade espiritual-doutrinal).

Somos uma comunidade produto da união de quatro outras comunidades, em um processo que demorou mais de 8 anos.

64- Para descrever o histórico do diálogo católico-pentecostal no Brasil, narre a sua história e a da sua comunidade, em relação as iniciativas de diálogo católico-pentecostal das quais participa.

A nossa comunidade é tida por evangélica, dentro do espectro cristão, e tem uma mentalidade aberta ao mover de Deus para a unidade do corpo de Cristo. Portanto não houve grandes oposições quando caminhamos para a unidade no mover chamado ENCRISTUS.

65- A partir de sua experiência no ENCRISTUS, como você define/entende o ecumenismo?

O ENCRISTUS caminha de forma diferente do que se chama de ecumenismo. O ENCRISTUS começou com um mover de Deus, quando nos impulsionou para nos aproximar de irmãos que tinham a mesma experiência com o Espírito Santo. Então, somos aquilo que o pessoal dos diálogos ecumênicos, nos chamam de ecumenismo espiritual. Então, não é o que se pode chamar de ECUMENISMO CLASSICO, mas uma caminhada de irmãos que tiveram a mesma experiência com o espírito de Deus e querem viver em unidade e santidade.

O Ecumenismo propõe que as partes se assentem para discutir as coisas que são diferentes, na tentativa de aproximação e transposição das barreiras decorrentes das diferenças.

66- Em sua visão, quais os principais avanços conquistados pelo ENCRISTUS para o diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil?

Por causa da natureza do ENCRISTUS, a sua preocupação não é estabelecer um diálogo, mas é a busca de comunhão entre batizados no Espírito Santo.

67- Em sua experiência de diálogo, quais as principais dificuldades, resistências, que você encontrou/encontra para dialogar com a Igreja Católica?

Há dificuldades entre os evangélicos por causa da visão tradicional que afirma que não há católicos salvos, não há, portanto, segunda essa visão, possibilidade de comunhão entre “luz e trevas”.

Do lado católico a grande dificuldade é o institucionalismo que dificulta uma comunhão aberta se essa não partir da instituição e não for abençoada por alguém que representa a instituição.

68- No diálogo, o que você aprendeu com os católicos? Como o contato com os católicos modificou a forma de vivenciar a sua fé?

Pudemos perceber a seriedade como eles tratam seus superiores. Ainda que isso reflita o institucionalismo, ao mesmo tempo mostra como eles não se sentem em liberdade de andar

sozinhos, como os evangélicos sentem, provocando, em muitos aspectos um prejuízo entre esses últimos pelo fato de, em muitos casos, não buscarem conselhos, nem direção aos que são antes deles.

69- Se houve, quais os principais consensos alcançados entre os católicos e os pentecostais no ENCRISTUS?

Uma amizade muito boa, sem cobranças de nenhum dos lados, e uma clareza de que nenhum dos componentes do ENCRISTUS representam qualquer instituição, mas representa a si mesmo, nessa busca de unidade e santidade.

70- Olhando para o futuro, em que os católicos e os pentecostais devem avançar no diálogo?

Creio que todo diálogo é saudável, pois abre possibilidade de compreensão mútua. Não tenho clareza de nosso futuro, exatamente por ser uma comunhão dinâmica, de relacionamento entre irmãos, um mover que exige que tenhamos fé no que o Senhor está fazendo entre nós hoje e um descanso em relação ao amanhã

71- Outras considerações importantes e/ou testemunhos.

Esse mover do Espírito Santos que nos aproximou tem nos ajudado a desconsiderar as coisas que, por serem diferentes entre nós, nos podem fazer afastar, tem nos levado a nos respeitar e amar sem exigências de ambas as partes.

QUESTIONÁRIO SOBRE O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL (ENCRISTUS)

Este questionário é parte de uma pesquisa que está sendo realizada para uma Dissertação no Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida de Vitória. Tem-se como objetivo fazer um levantamento de dados sobre como se estabelece o diálogo católico-pentecostal no Brasil. Pedimos a sua colaboração.

Responsável: André Luís da Rosa.

Entrevistado: Pedro A Arruda

Sexo: (X) Masculino () Feminino

Funções que exerce/exerceu no ENCRISTUS e/ou em outras iniciativas de diálogo:

Participante da Equipe de Serviços

Comunidade religiosa: Ecumênica

Funções que exerce em sua comunidade religiosa: Coordenação



- 72- Para conhecer as comunidades envolvidas no diálogo católico-pentecostal, caracterize a sua comunidade religiosa (histórico e identidade espiritual-doutrinal).

Somos fruto dos diversos movimentos que culminaram na Renovação Carismática Católica que, em sua origem tinha um forte componente ecumênico. O casal que consideramos como nossos pais nessa caminhada foram Dona Elza – Católica e Franco, seu marido Presbiteriano Renovado. Por força das circunstâncias aprendemos a reunir nos lares e é como praticamos até hoje. Particularmente, sou um dos católicos da comunidade, mas a Comunidade não está vinculada a uma denominação eclesiástica

- 73- Para descrever o histórico do diálogo católico-pentecostal no Brasil, narre a sua história e a da sua comunidade, em relação as iniciativas de diálogo católico-pentecostal das quais participa.

Nasci num lar católico e o conhecimento mais pontual do evangelho advindo de uma experiência pessoal com Jesus Cristo na adolescência, me despertou o desejo de me consagrar

e decidi cursar teologia. No entanto, esbarrei numa dificuldade, pois as escolas católicas eram de tempo integral o que impossibilitava que eu trabalhasse para continuar com a indispensável colaboração na renda familiar. Isso me levou a estudar durante cinco anos, noturnamente, numa escola da Assembleia de Deus.

Depois de um certo tempo, meados da década de 70, a Igreja Católica impôs algumas restrições para controle da Renovação Carismática, o que levou a mim e os que comigo caminhava a fazer um trajeto em paralelo, diferente dos demais grupos que simplesmente se aquiesceram às exigências ou debandaram ao evangelicalismo.

Hoje considero que qualquer diálogo ecumênico só terá sucesso se for na base do relacionamento pessoal e estreitamento de amizades para superar os preconceitos, especialmente doutrinários entre as diversas experiências.

No tocante aos aspectos institucionais, ao contrário do que muitos pensam, a Igreja Católica não é protagonista do movimento ecumênico, mas aderiu tardiamente a ele após o concílio Vaticano II. Esta adesão desagradou muitos evangélicos, especialmente os de linha pentecostal que dele se retiraram, alegando que se estava formando uma única instituição mundial que serviria de bases ao governo do anticristo.

Além dessa dificuldade, ainda há a confusão entre o significado de ecumenismo, que é restrito àqueles que tem a vida centrada em Cristo, do diálogo inter-religioso que abarca todas as religiões e tem funções mais sócio-políticas. No Brasil, sobretudo, o quadro se agrava diante do sincretismo religioso. Os mais desinformados colocam tudo isto na conta do ecumenismo. Daí, sem um relacionamento pessoal e estrita amizade que se sobreponha aos rótulos denominacionais, torna-se muito difícil, para não dizer impossível um diálogo ecumênico numa Igreja tremendamente fracionada.

74- A partir de sua experiência no ENCRISTUS, como você define/entende o ecumenismo?

Compreendo de maneira estrita como a casa dos cristãos. Daqueles que tem Jesus Cristo como o centro de sua vida. O fato de alguém ser batizado no Espírito Santo demonstra, na prática, que Deus o aceitou como filho. Assim como podemos recusá-lo como irmão. Algo semelhante a experiência de Pedro com a casa de Cornélio (At. 9 e 10).

75- Em sua visão, quais os principais avanços conquistados pelo ENCRISTUS para o diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil?

Mostrou na prática que é possível, o que nos meios teológicos e nas cúpulas eclesiais era considerado impensável.

76- Em sua experiência de diálogo, quais as principais dificuldades, resistências, que você encontrou/encontra para dialogar com a Igreja Católica?

Respondendo como Católico que sou: Muitos da minha igreja desconhecem as iniciativas e os documentos da igreja e, mesmo entre os que conhecem há resistências, pois prevalece-se uma postura monopolista do tempo do descobrimento e do império, como se a igreja católica fosse a única experiência eclesial válida diante de Deus, ignorando a realidade da conversão de homens em outras caminhadas. Para estes, pouco ou nada significou a visita do Papa Francisco ao Pastor Giovanni Traettino e à sua igreja em Caserta, na Itália.

77- No diálogo, o que você aprendeu com os católicos? Como o contato com os católicos modificou a forma de vivenciar a sua fé?

a) Como católico que aprendeu com os outros nesta caminhada: O Católico de maneira geral é mais sensível à solidariedade e a graça e menos ambicioso. Pouquíssimo dado ao proselitismo.

b) Como católico que aprendeu com os evangélicos pentecostais nesta caminhada: Os evangélicos são mais fervorosos e aplicados à Bíblia.

Estas características me levam a posicionar quanto ao meu estilo de vida e testemunho.

78- Se houve, quais os principais consensos alcançados entre os católicos e os pentecostais no ENCRISTUS?

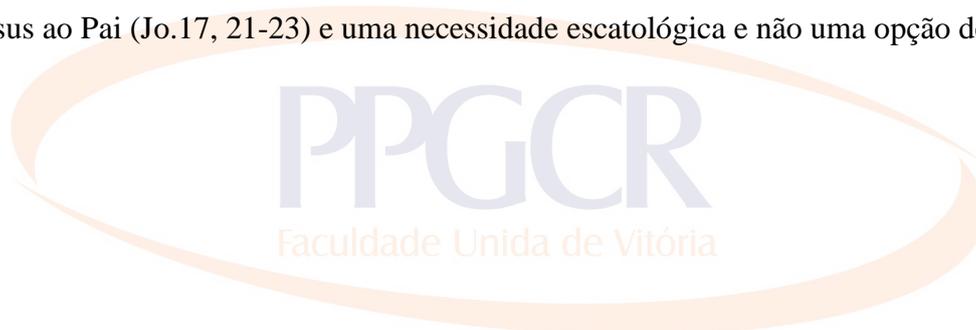
Prática de Oração, Louvor e partilha da Palavra de Deus centrada no que temos em comum e que nos une: Jesus Cristo, dispensado o que desune. A aproximação e conhecimento mútuo desfez as suposições que um tinha do outro e causou surpresa positiva

79- Olhando para o futuro, em que os católicos e os pentecostais devem avançar no diálogo?

- Na valorização da comunicação e relacionamento pessoal entre os cristãos de diferentes denominações, sem a pretensão de reuni-los numa nova entidade e nem mesmo de reunir as entidades a que estão vinculadas.
- Prática comum de adoração, oração e partilha da palavra centrada em Cristo Jesus que nos une e não nas doutrinas e ênfases particulares.
- Rever Teologia considerando a presença dos judeus messiânicos, que retornam à história da igreja como no início.

80- Outras considerações importantes e/ou testemunhos.

A unidade é do Espírito Santo. Ninguém pode produzi-la, mas o homem pode impedi-la, caso os irmãos se permitam viver em desunidos. É um desejo de Deus expressa na oração de Jesus ao Pai (Jo.17, 21-23) e uma necessidade escatológica e não uma opção de alguns.



QUESTIONÁRIO SOBRE O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL (ENCRISTUS)

Este questionário é parte de uma pesquisa que está sendo realizada para uma Dissertação no Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida de Vitória. Tem-se como objetivo fazer um levantamento de dados sobre como se estabelece o diálogo católico-pentecostal no Brasil. Pedimos a sua colaboração.

Responsável: André Luís da Rosa.

Entrevistado: Tácito José Coutinho

Sexo: (X) Masculino () Feminino

Funções que exerce/exerceu no ENCRISTUS e/ou em outras iniciativas de diálogo: Estava no Encontro inicial e participo da Equipe de Serviço do ENCRISTUS. No momento me encontro afastado por problemas de saúde e de compromissos.

Participante da Equipe de Serviços

Comunidade religiosa: Comunidade JAVÉ NISSI – Renovação Carismática de Pouso Alegre – MG

Funções que exerce em sua comunidade religiosa: Moderador

QUESTÕES

81- Para conhecer as comunidades envolvidas no diálogo católico-pentecostal, caracterize a sua comunidade religiosa (histórico e identidade espiritual-doutrinal).

A Comunidade JAVÉ NISSI tem 40 anos de existência (fevereiro de 1977). Foi fundada por Mons. Mauro Tommasini, do clero arquidiocesano, inicialmente como “movimento eclesial arquidiocesano de renovação carismática católica” que posteriormente se organizou como uma “rede de comunidades, a partir dos Grupos de Oração”.

Nossa identidade é uma expressão da Renovação Carismática Católica, portanto pentecostal: buscamos a vida no Espírito a partir da experiência do batismo no Espírito Santo.

82- Para descrever o histórico do diálogo católico-pentecostal no Brasil, narre a sua história e a da sua comunidade, em relação as iniciativas de diálogo católico-pentecostal das quais participa.

Para nós a experiência ecumênica é bastante recente e ainda no início. Sediamos uma reunião do ENCRISTUS nacional e promovemos alguns encontros, muito poucos, de “café ecumênico”.

Existe uma resistência da parte dos leigos, dos que participam da Comunidade e de outras expressões, como também da parte do clero arquidiocesano. As relações com “as igrejas” – pentecostais, tradicionais, históricas e novas igreja – são bem tensas em algumas cidades e inexistentes em outras.

O diálogo católico-pentecostal é desconhecido e há pouco interesse. Predominam, ainda, o proselitismo, o fechamento e o preconceito.

83- A partir de sua experiência no ENCRISTUS, como você define/entende o ecumenismo?

O desejo da unidade está no coração de Cristo. Entendo que a divisão entre os cristãos é “um escândalo” que dificulta a difusão da fé na sociedade. O ENCRISTUS propõe uma vivência espiritual entre irmãos, e não prioriza a discussão teológica ou histórica. Acredito que o caminho da oração e do convívio seja o primeiro passo para quebrar as resistências a fraternidade e a unidade.

84- Em sua visão, quais os principais avanços conquistados pelo ENCRISTUS para o diálogo entre católicos e pentecostais no Brasil?

Acho que estamos ainda no começo, embora já com alguns anos “na estrada”. Mas como nos dois últimos anos estive afastado das reuniões, não possa relatar algum fato significativo de avanços.

Pelo que acompanho nos e-mails e outros meios, vejo que há um crescimento no número de participantes e um empenho em ampliar as bases do diálogo, mas também vejo que ainda existem barreiras para serem ultrapassadas, inclusive quanto ao papel do ENCRISTUS.

85- Em sua experiência de diálogo, quais as principais dificuldades, resistências, que você encontrou/encontra para dialogar com a igrejas pentecostais?

Posso falar somente das relações com as igrejas pentecostais de minha região (Arquidiocese de Pouso Alegre).

Aqui o diálogo é praticamente inexistente. Há preconceito, tanto dos pastores pentecostais (alguns com pouca instrução e proselitistas) quanto do clero católico, mais de viés tradicionalista pastoralmente.

Em minha cidade, Itajubá – MG, a marca deixada pelos missionários holandeses, é muito grande. Praticamente não há diálogo ecumênico.

Nossa Comunidade JAVÉ NISSI, como disse, tem promovido alguns “cafés ecumênicos”, mas com pouca participação.

86- No diálogo, o que você aprendeu com os pentecostais? Como o contato com os pentecostais modificou a forma de vivenciar a sua fé?

A convivência com irmãos de denominações diferentes fez com que eu visse algumas coisas que, por causa da formação que tive, não acreditava existir entre os “protestantes” (desculpe a expressão, me falta outra, pois assim chamávamos os que não eram católicos), como a oração, o respeito pela Escritura, a valorização das relações fraternas, a adoração...

Não mudou minha maneira de vivenciar a fé, ampliou horizontes e derrubou barreiras.

87- Se houve, quais os principais consensos alcançados entre os católicos e os pentecostais no ENCRISTUS?

O maior consenso foi que em Cristo podemos ser amigos-irmãos. Nossos interesses são, fundamentalmente, os mesmos. Diferimos em coisas que não nos impedem de rezar juntos.

88- Olhando para o futuro, em que os católicos e os pentecostais devem avançar no diálogo?

Como disse, estou afastado no momento, portanto tenho poucos elementos para fazer uma análise mais pertinente. Mas penso que avançar é uma exigência. Não podemos continuar desconhecendo uns aos outros. A Oração de Jesus pedindo a unidade entre os cristãos deve ser levada a sério.

89- Outras considerações importantes e/ou testemunhos.

O maior testemunho que vejo nas reuniões do ENCRISTUS é a amizade e a fraternidade. É possível sonhar algo assim para o futuro.



QUESTIONÁRIO SOBRE O DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL (ENCRISTUS)

Este questionário é parte de uma pesquisa que está sendo realizada para uma Dissertação no Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida de Vitória. Tem-se como objetivo fazer um levantamento de dados sobre como se estabelece o diálogo católico-pentecostal no Brasil. Pedimos a sua colaboração.

Responsável: André Luís da Rosa.

Entrevistado: Mike Shea

Sexo: (x) Masculino () Feminino

Funções que exerce/exerceu no ENCRISTUS e/ou em outras iniciativas de diálogo:

Comunidade religiosa: Casa de Davi

Funções que exerce em sua comunidade religiosa: Pastor e fundador

QUESTÕES

90- Para conhecer as comunidades envolvidas no diálogo católico-pentecostal, caracterize a sua comunidade religiosa (histórico e identidade espiritual-doutrinal).

Casa de Davi teve seu início em 1999. Eu sou líder e visionário do ministério. Casa de Davi é um ministério para-eclesiástico separado para ajudar a igreja a aperfeiçoar seu papel profético diante da sociedade. Cremos que a igreja cristã tem uma missão apostólica para ser um organismo pelo qual Deus manifesta o Seu reino na terra. Como “corpo de Cristo” continuamos o ministério de Jesus, o Apóstolo da fé. Na sua missão apostólica, a igreja proporciona para todos os que crêem em Jesus uma família onde o filho de Deus vai conhecer a Deus-Pai e a Jesus Cristo que Ele enviou, vai ajudar a formar a sua identidade e seu caráter, reconhecer o seu ministério e desenvolver os seus dons, e se mobilizar para que o Reino/Governo de Deus se avance.

A igreja tem uma missão profética para discernir a aliança do Cordeiro e os tempos que vivemos. Ela traz a voz do Senhor para a atualidade, sabendo que o Senhor continua agindo para trazer todos ao arrependimento, a fim de se aproximar a Ele. A igreja tem uma missão evangelística para fazer o Nome do Senhor conhecido por todos em parceria com o Espírito Santo que gera o novo nascimento, sem o qual ninguém é introduzido na família de

Deus. A igreja tem uma missão pastoral para pastorear cada vilarejo, cidade, estado e nação. Assim, ministrando em parceria com o Espírito Santo cura, libertação, reconciliação, e atendendo carências sociais de fome, desabrigo, abandono, viuvez e pobreza. Por último tem uma missão educacional de ensinar a todos sobre os princípios do Reino de Deus que se deve refletir na família de Deus.

Creemos que “família de Deus” é a expressão que mais expressa o que buscamos formar e cooperar para formar como ministério. Deus sempre viu a humanidade como Sua família. Infelizmente, a humanidade rejeitou a Sua paternidade e escolheu uma vida (existencia) sem Deus. Assim se encontrou numa dimensão “sem Deus” conhecendo o mal em todas as suas expressões.

Jesus veio da parte do Pai, revelou a glória do Pai e nos leva de volta ao Pai. Claramente a palavra de Deus nos faz entender que Deus está restaurando a Sua família através de Jesus Cristo.

Entendemos que tudo isso passa pelas dimensões espirituais e místicas. Buscamos a plenitude da vida sobrenatural em Deus pelo Espírito Santo que foi derramado em Pentecostes, o mesmo que opera na igreja em todas as dimensões para o avanço do Reino de Deus na terra.

Casa de Davi encaixa na contribuição profética. Zelamos pela aliança do Cordeiro. Apoiamos o movimento do Espírito Santo nos nossos dias para fazer da igreja: uma casa de oração para todos os povos, aperfeiçoando o sacerdócio de todos os santos e mobilizando adoração, intercessão e profecia em turnos 24/7. Somos uma voz do Senhor anunciando os atos de Deus nesta geração. Creemos que estamos nos últimos dias.

Isso nos leva a entender que vivemos o momento em que o Pai quer preparar uma noiva gloriosa para Seu Filho, Jesus buscar. Entendemos que a perfeição da igreja será gerada pela unidade onde o vínculo de amor terá primazia.

(As demais respostas de Mike Shea e as outras entrevistas encontra-se em áudio)